

ANA RITA SANTIAGO

Cartografias em Construção

Algumas escritoras de Moçambique



Editora UFRB

CARTOGRAFIAS EM CONSTRUÇÃO
Algumas escritoras de Moçambique

REITOR

Fábio Josué Souza dos Santos

VICE-REITOR

José Pereira Mascarenhas Bisneto



Editora UFRB

SUPERINTENDENTE

Sérgio Augusto Soares Mattos

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Américo Almassy Júnior

Celso Luiz Borges de Oliveira

Geovana da Paz Monteiro

Jeane Saskya Campos Tavares

Josival Santos Souza

Rubens da Cunha

Sérgio Augusto Soares Mattos (presidente)

Silvana Lúcia da Silva Lima

Wilson Rogério Penteado Júnior

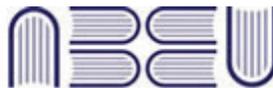
SUPLENTE

Carlos Alfredo Lopes de Carvalho

Robério Marcelo Ribeiro

Rosineide Pereira Mubarak Garcia

EDITORA FILIADA À



**Associação Brasileira
das Editoras Universitárias**

Ana Rita Santiago

CARTOGRAFIAS EM CONSTRUÇÃO
Algumas escritoras de Moçambique



Editora UFRB

Cruz das Almas - Bahia /2019

Copyright©2019 Ana Rita Santiago
Direitos para esta edição cedidos à EDUFRB.

Projeto gráfico, capa e editoração eletrônica:

Antonio Vagno Santana Cardoso

Revisão e normatização técnica:

Ana Rita Santiago

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

S235c Santiago, Ana Rita
Cartografias em construção: algumas escritoras de
Moçambique / Ana Rita Santiago. -- Cruz das Almas/BA:
UFRB, 2019.
256 p. : il.

Modo de acesso: < [www.ufrb.edu.br/editora/titulos-
publicados](http://www.ufrb.edu.br/editora/titulos-publicados) >

ISBN: 978-85-5971-107-3 (e-book)
1. Moçambique 2. Autoras africanas 3. Literatura I. Título.

CDD 896.1

Ficha catalográfica elaborada por: Ivete Castro CRB/1073



Editora UFRB

Rua Rui Barbosa, 710 – Centro
44380-000 Cruz das Almas – BA
Tel.: (75) 3621-7672
editora@reitoria.ufrb.edu.br
www.ufrb.edu.br/editora
www.facebook.com/editoraufrb

Escritora Fátima Langa,
Minha eterna madrinha e irmã moçambicana.



Fotografia: Arquivo Pessoal

A quem eu dedico estas Paisagens Literárias.

Sumário

PREFÁCIO

Etnografia, trânsitos e registos da escrita de autoria feminina em Moçambique

Sara Jona Laisse 11

INTRODUÇÃO

Travessias entre o Atlântico e o Índico

Ana Rita Santiago 17

CAPÍTULO I

PAISAGENS LITERÁRIAS DE AUTORAS EM MOÇAMBIQUE 21

Amélia Margarida Matavele: uma autora de cores, imagens e ritmos 23

Amilca Ismael: narradora de si e de outras 27

Carla Soeiro: entre a prosa e a poesia 35

Celina Sheila Macome: entre o jornalismo e a escrita poética 38

Clarisse Machanguana: atleta do desporto e da palavra 40

Cláudia Constance: poeta viajante 43

Cri Essencia: escritora em busca 45

Dama do Bling: rapper de palavras cantadas e escritas 46

Donia Tembe: poeta expressionista 51

Eliana Nzualo: uma blogueira de palavras criativas e certas 53

Emília Alexandre: poeta da negritude 58

Emmy Xyx: uma desconstrutora de palavras e significados 61

Énia Lipanga: uma artista ativista das artes e da vida	63
Eunice Matavele: narradora de si entre o público e o privado	69
Fátima Langa: <i>a yaapiipi</i> da literatura infantil	71
Felismina Velho: contadora de histórias infantis	77
Henriqueta Macuácuá: poeta de releituras de si e da realidade	79
Hirondina Josuha: entre olhares e sentidos poéticos	81
Isabel Ferrão: contadora de histórias entre o ontem e o hoje	84
Isabel Gil: poeta dos mafunas	87
Lica Sebastião: entre silêncios, esperas e saudades poéticas	93
Lídia Mussá: entre ficção e realidade	102
Lília Momplé: contista do cotidiano em Moçambique	104
Lina Magaia: voz literária militante	109
Maria Bernadete Cipriano Roque: narradora de tradições	112
Melita Matsinhe: uma poeta de palavras-cantadas	114
Nilzete Monteiro: entre memórias e utopias poéticas	116
Noémia de Sousa: a Mãe dos Poetas Moçambicanos	126
Npaiy: contadora de casos	135
Paulina Chiziane: contadora de histórias e memórias	137
Rinkel: mais uma poeta feminina e feminista	164
Rosa Isabel Maiòpué (Apuna): narradora de crônica-conto	166
Rosa Langa: viajante do jornalismo cultural e imaginários	168
Sara Rosário: contadora de histórias infantis	171

Sónia Sultuane: artista da palavra, imagens e corpo	172
Tânia Tomé: artista da diversidade	189
Tereza Xavier Coito: uma narradora de si na diáspora	195
Virgília Ferrão: uma contadora de histórias	196

CAPÍTULO II

ALGUMAS ESCRITORAS LUSO MOÇAMBICANAS	197
Ana Mafalda Leite: entre a poesia e a pesquisa	199
Maria dos Anjos Martins: memórias literárias de Moçambique.....	201
Glória Sant'Anna : entre tempos e silêncios	205
Ana Oliveira Dias.....	208
Ana Margarida Cristo	209
Elsa de Noronha	210
Giselia Gracias Ramos Rosa	211
Maria Helena Duarte	212
Natália Constâncio	213
Nora Vilar	214
Uma pesquisa em múltiplos tempos e trânsitos	217
Um mapeamento (in) acabado.....	241
Algumas Informações sobre as Autoras Moçambicanas	242
Escritoras de Moçambique (Com acesso às obras)	247
Escritoras de Moçambique (sem acesso às obras)	251

POSFÁCIO

CARTOGRAFIAS EM CONSTRUÇÃO: algumas escritoras de Moçambique

<i>Maria de Lourdes Reis</i>	252
------------------------------------	-----

Bibliografía consultada	254
Antologías	254
Estudios	256
Entrevistas	258

PREFÁCIO

Etnografia, trânsitos e registros da escrita de autoria feminina em Moçambique

Sara Jona Laisse

Em "*Cartografias em Construção - Algumas escritoras de Moçambique*", a Professora Ana Rita Santiago traz-nos uma proposta que, para além de premente é imperiosa, no que toca aos estudos da recepção e da formação do leitor, concernentes à literatura de autoria feminina; tanto fora, como dentro de Moçambique, que são raríssimos.

Ela apresenta-nos um estudo que é parte dos resultados da sua pesquisa de pós-doutoramento apresentado na Université Paris Descartes - Paris V - Sorbonne, França. O seu intuito, entre outros objetivos, é o de dar a conhecer escritoras moçambicanas. Além disso, tentou responder a algumas perguntas que ela própria se colocou, no âmbito da sua pesquisa, a saber: quem são as mulheres que escrevem em Moçambique, que representações de memórias, de identidades, de tradições, de quotidianos, de História ou sonhos constroem sobre si próprias, sobre o seu país ou sobre a sociedade na qual vivem.

Através de um estudo bio-bibliográfico, etnográfico e de cariz descritivo-interpretativo, a autora mostra a relevância de se dar a conhecer a escrita de excluídas, as mulheres moçambicanas e nos remete ao conhecimento de um outro grupo na mesma condição, as mulheres negras brasileiras abordadas no seu estudo "*A Literatura Afro-feminina em Trânsito: África Portuguesa e Bahia-Brasil*", parte também da sua pesquisa de pós-doutoramento.

Se em Moçambique a questão da etnia biológica não é discutida ou não se faz sentir, já a ausência da mulher na publicação e nos fóruns literários se faz notar de modo acutilante; daí a grande perti-

nência deste estudo. É abundante a recepção da literatura escrita por homens, nas prateleiras das livrarias e nas abordagens em reuniões sobre literatura: tertúlias, feiras do livro, colóquios, etc. Eles têm sido mais divulgados, tal como a autora o diz e o confirmo, como sujeito credenciado na matéria, no país objecto de estudo.

Ana Rita prova essa ausência da escrita de mulheres nas feiras do livro e da cultura nas quais participou em Maputo; nas diversas antologias que consultou, nas livrarias e diferentes bibliotecas que visitou, algumas delas: a da Universidade Eduardo Mondlane; a da Universidade Pedagógica; a da Universidade Politécnica; a Biblioteca Nacional; a do Instituto Camões - Centro Cultural Português, ente outras.

Para além desses acervos, a autora estudou a recepção de algumas das escritoras elencadas, vistas a partir da perspectiva da crítica literária, na pena de ensaístas moçambicanos e não só; até porque ela própria interpreta algumas das obras as autoras estudadas, em função de uma reflexão profunda que faz a diferentes teóricos da literatura, filósofos e psicanalistas, nomeadamente os que estudam alguns dos seguintes temas, por ela mencionados: literaturas africanas em Língua Portuguesa; escrita de si; gênero; pós-colonialidade; memória; identidade; Estudos Culturais; Crítica Cultural e Literatura Afro-brasileira .

É bastante notável, neste trabalho, o esforço empreendido pela autora, em contactar escritoras moçambicanas, de modo formal e informal, afim de conseguir o seu intento. O seu estudo é, na verdade, como uma "demanda do Santo Graal", em diferentes lugares e tempos: Salvador, Bahia-Brasil; Paris-França e Maputo-Moçambique; nos anos que decorreram de 2016 a 2017.

Entre as autoras estudadas, Ana Rita aponta diferentes trânsitos temáticos, de gênero literário; sempre na perspectiva de um estudo de publicações pós-anos 70. Algumas das autoras analisadas trabalham mais do que um gênero literário (poesia e prosa); outras textos auto-biográficos; outras entrevistas; outras ainda textos que oscilam entre a ficção e a realidade. Há um grupo que escreve literatura infanto-juvenil.

Alguns dos trânsitos temáticos e de gêneros literários apontados pela autora recordam-me um estudo intitulado "Mulheres em trânsito: a escrita poética feminina em Moçambique", da minha autoria e de Ana Mafalda Leite, que está no prelo, para ser publicado nas actas do Congresso "Mulheres africanas em trânsito: homenagem a Alda Lara", que teve lugar na Universidade de Lisboa, em 2018. Julgo que este trabalho de Ana Santiago e o de Leite e Laisse (2018) em muito se complementam; uma vez que ambos se dão conta da sua incompletude, pois algumas das autoras abordadas num estudo, não se encontram mencionadas no outro e vice-versa.

Devo ainda recordar a existência de dois estudos anteriores sobre a escrita de mulheres, nomeadamente, um estudo de Secco (2012), intitulado: "A Voz, o Canto, o Sonho e o Corpo - reflexões sobre poesia feminina em Moçambique", que consta do livro *Passagens para o Índico, encontros brasileiros com a literatura moçambicana* e de um outro de Fonseca (2004), "Literatura africana de autoria feminina: estudo de antologias poéticas; todos eles úteis para perceber a problemática levantada por Ana Rita Santiago.

Certamente outras obras haverá, mas poucas, daí o trabalho que consta desta obra em apresentação se revestir de capital importância, na medida em que, preocupa a autora, a pouca circulação das obras de escritoras moçambicanas, sugerindo que o patriarcado literário moçambicanos tem muito a dialogar com a escrita de mulheres, questões, devidamente abordadas por ela, onde propõe a necessidade de se criarem mais diálogos e mais análise crítica, no que concerne aos estudos da recepção literária.

Um outro mérito deste trabalho reside no facto de a autora, centrada nos pressupostos teóricos da pesquisa etnográfica ter, para além de visitado o local objecto de estudo e de ter falado com algumas das autoras estudadas, ter colocado nesta obra, as fotografias das capas de livros e as fotografias das suas autoras. Isso é bastante positivo, se pensarmos que fica uma prova material sobre os objectos

estudados, para mim que também me tenho dedicado à esta matéria, esse registo foi útil. Não conhecia todas as autoras, nem os seus livros.

Para terminar, devo referir que estão abordados, neste livro, os trabalhos de 38 autoras moçambicanas, nomeadamente: Amélia Margarida Matavele, Amilca Ismael; Carla Soeiro; Celina Sheila Macome; Clarisse Machanguana; Cláudia Constance; Cri Essência; Dama do Bling; Donia Tembe; Eliana N'zualo; Emília Alexandre; Emmy Xyx; Énia Lipanga; Eunice Matavele; Fátima Langa; Felismina Velho; Henriqueta Macuácuá; Hírodina Joshua; Isabel Ferrão; Isabel Gil; Lica Sebastião; Lídia Mussá; Lília Momplé; Lina Magaia; Maria Bernadete Cipriano Roque; Melita Matsinhe; Nilzete Monteiro; Noémia de Sousa; Npaiy; Paulina Chiziane; Márcia Santos (Rinkel); Rosa Isabel Maiòpué (Apu-na); Rosa Langa; Sara Rosário; Sónia Sultuane; Tânia Tomé; Tereza Xavier Coito; Vigília Ferrão e algumas luso-moçambicanas, a saber: Ana Mafalda Leite; Maria dos Anjos Martins; Glória Sant'Anna; Ana Oliveira Dia; Ana Margarida Cristo; Elsa de Noronha; Giselia Gracias Ramos Rosa; Maria Helena Menezes; Natália Constâncio e Nora Vilar.

Bem haja este trabalho e a sua autora que, com este livro, em muito engradecerá a literatura moçambicana, bem como a crítica literária.

Maputo, 23 de Maio de 2019.

INTRODUÇÃO

Travessias entre o Atlântico e o Índico

Ana Rita Santiago

"Cartografias em Construção - Algumas escritoras de Moçambique" resulta da pesquisa "A Literatura de Autoria Afro-feminina em Moçambique e na Bahia-Brasil", desenvolvida no estágio pós-doutoral (2016-2017), realizado na Université Paris Descartes - Paris V - Sorbonne, França, e supervisionado pelo Prof. Michel Maffesoli e pela Profa. Ana Maria Peçanha, em 2017, e integra a pesquisa "Literatura Afro-feminina em Trânsito: África Portuguesa e Bahia - Brasil", vinculada ao Grupo de Pesquisa "Linguagens, Literaturas e Diversidades" (CNPQ-UFRB), do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

A pesquisa e, por conseguinte, este livro têm marcas de incompletude, nem por isso parecem ser inconsistentes, pois neles se desenham um mapeamento, em construção, brevemente descritivo-interpretativo, de vozes literárias de autoras moçambicanas, a partir da pós-independência. É uma cartografia literária, também em elaboração, porque a historiografia e a crítica literária, igualmente, se fazem no caminho, na história, a partir da libertação do jugo colonial português, da independência nacional, da pós-independência, da fundação e consolidação do país e da formação identitária. Assim a literatura nacional se forma, concomitantemente, como a criação do país chamado Moçambique, bem como da identidade cultural.

Elaborar uma cartografia literária produzida por obras de mulheres em Moçambique não tem sido uma tarefa fácil e sem complexidades aos (às) estudiosos (as) de literaturas africanas em língua portu-

guesa, visto que a 'naturalização' do gênero dos poetas e romancistas, também na Ilha de Moçambique, das águas turvas e cinzas, mas também cristalinas e límpidas, tem predominância masculina, imperando, inclusive, nas Letras, a prevalência patriarcal. Ainda que a poeta Noémia Sousa seja considerada a *mãe dos poetas moçambicanos*, prepondera, no país, a referência de identidade autoral masculina. São os homens que mais escrevem, publicam e usufruem mais notoriedade.

A invisibilidade de nomes de escritoras em Moçambique e a pouca valorização de suas tessituras, algumas vezes, consideradas de pouco valor estético, favorece o silenciamento de suas vozes autorais e o cerceamento de sua escrita literária. Lá, inclusive, ecoa ainda, por vezes, o célebre questionamento: As mulheres escrevem? ao invés de Que mulheres escrevem?; O quê, por que e como escrevem? Como publicam e circulam suas obras? Ou ainda, por vezes, nos deparamos com questionamentos descabidos acerca da qualidade e da consistência da produção literária feminina.

O alto índice de analfabetismo em língua portuguesa no país, razão que, por si só, poderá justificar a baixa recorrência, nesta Cartografia, de mulheres com pouca escolaridade; a ausência de políticas públicas em favor dos Direitos Culturais e do Patrimônio Cultural; a falta de planos, programas e ações institucionais de acesso ao livro e de incentivo à leitura e à escrita; a não democratização dos bens culturais e da educação; políticas editoriais insuficientes; e o nível baixo de escolaridade, predominante entre as mulheres, dentre outros elementos, associados às desigualdades de gênero, fortalecem o recrudescimento do empoderamento das mulheres, bem como promovem o apagamento da identidade autoral feminina em Moçambique e em outras águas do Índico e do Atlântico.

A ausência, semelhante ao que ocorre no Brasil, em se tratando de autoras negras e indígenas, da produção literária de autoras moçambicanas, sobretudo as negras, em circuitos hegemônicos de arte e cultura, quase sempre não significa inexistência. Ao contrário, não obstante essa realidade, muitas mulheres moçambicanas escrevem,

mesmo que nem todas participem, satisfatoriamente, de circuitos e projetos artístico-culturais e literários do país. Ainda não de modo equânime, desejável e necessário, várias já conseguem publicar e, de modo criativo e resistente, formar público leitor nacional e algumas (poucas ainda) até internacionalmente.

A função social precípua dessas *Paisagens Literárias* é colaborar com a visibilidade de seus nomes e obras aqui, nas ondas do Atlântico, e, de lá, do Índico. Não é o seu intuito estabelecer juízo de valor ou previsões de quem se tornará imortal, por exemplo. Indubitavelmente, cabe a essa cartografia, inclusive, forjar possibilidades de (re) conhecimento de suas dicções literárias.

Há de se reconhecer, neste íterim, o pulsante crescimento da escrita literária de mulheres em Moçambique. Do estágio pós-doutoral (2016-2017) e do prosseguimento do exercício da pesquisa resultou o mapeamento de 26 autoras, a saber, Amilca Ismael, Carla Soeiro, Clarisse Machanguana, Dama do Bling, Donia Tembe, Emília Zacarias Alexandre, Eunice Matavele, Fátima Langa, Felismina Velho, Henriqueta Macuácuá, Isabel Ferrão, Isabel Gil, Lica Sebastião, Lídia Mussá, Lília Momplé, Lina Magaia, Maria Bernadete Cipriano Roque, Nilzete Monteiro, Noémia de Sousa, Npaiy, Paulina Chiziane, Rosa Isabel Maiòpué (Apuna), Rosa Langa, Sara Rosário, Sónia Sultuane e Tânia Tomé.

Nos últimos anos, se ampliaram os eventos literários, os clubes de leituras, Slam, Saraus, dentre outras atividades de divulgação da cena artístico-literária em Moçambique. Sob a esteira dessas mobilizações, tem despontado a oportunidade de conhecer outras autoras moçambicanas, bem como suas tessituras literárias. Desse modo, após o período do estágio pós-doutoral, obtive informações de mais 12 nomes e obras de outras escritoras moçambicanas como Amélia Margarida Matavele, Celina Sheila Macome, Cláudia Constance, Cri Essência, Eliana Nzualo, Emmy Xyx, Énia Lipanga, Hirodina Joshua, Melita Matsinhe, Rinkel, Tereza Xavier Coito e Virgília Ferrão.

Assim "Cartografias em Construção - Algumas escritoras de Moçambique" apresenta 38 autoras de Moçambique, compostas de

dados biográficos, resultado de uma varredura inicial, bem como breves apresentações sobre suas produções literárias, seguidas de concisas leituras-interpretativas. Há também a menção a algumas autoras portuguesas em Moçambique, encontradas no percurso da pesquisa, e um abreviado dossiê das trilhas do estudo. Há, ainda, breves considerações de algumas autoras luso-moçambicanas, encontradas ao longo do percurso da pesquisa, tais como Ana Mafalda Leite, Maria dos Anjos Martins, Glória Sant'Anna, Ana Oliveira Dias, Ana Margarida Cristo, Elsa de Noronha, Giselia Gracias Ramos Rosa, Maria Helena Menezes, Natália Constâncio e Nora Vilar.

Dessas Cartografias despontam outras ondas e, quiçá, outros (re) encontros entre autoras de Áfricas e afro-brasileiras da Bahia, através das memórias, identidades, ancestralidades, poéticas das águas, corpos femininos negros, dos (des) amores, dentre outros temas. Dessas paisagens literárias certamente far-se-ão outras travessias e pontes, por conseguinte, outras cartografias e, principalmente, outros estudos sobre a escrita literária, em língua portuguesa, de autoras africanas de Moçambique, bem como de Cabo-Verde, Angola, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe.

Capítulo I

**PAISAGENS LITERÁRIAS DE AUTORAS
EM MOÇAMBIQUE**

Amélia Margarida Matavele¹ : uma autora de cores, imagens e ritmos

Amélia Margarida Matavele (Pré-destinada) nasceu em Maputo, em 8 de dezembro de 1991. É Licenciada em Ensino de Química e Habilitação em Técnicas de Gestão de Laboratórios, na Universidade Pedagógica - Faculdade de Ciências Naturais e Matemática. É membro do Movimento Literário Kuphaluxa e do Círculo de Escritores Moçambicanos na Diáspora (CEMD). Já publicou nas seguintes antologias: Antologia Universal Lusófona "Rio dos Bons Sinais"; Revista Licungo 1ª e 2ª edição; Antologia dos Silêncios que Cantamos (poetas moçambicanos); Agenda Mangwana; na "Revista Literatas"; e no jornal "Expresso Moz".

Publicou o livro de poemas "Xitshuketa", Cascais: CEMD edições, em 2015, em Lisboa e, em 2016, em Maputo, como resultado do concurso literário "Rio dos Bons Sinais", em 2012, em que foi uma das vencedoras. Ela recebeu o prêmio no CEMD em Junho de 2013, quando proferiu a palestra "Os novos escritores em Moçambique". Além de escritora, Amélia Matavele é também pianista.

"Xitshuketa", nome de uma dança de improvisos e surpresas, título do seu único livro, passeia entre a música e a pintura. Segundo Ana Mafalda Leite, há, em seus poemas, uma oscilação "[...]" entre a autoria das imagens, dos ritmos e das cores. A evocação da pintura de Malangatana percorre alguns dos poemas, permitindo perceber a paixão criativa e a procura da arte e da inspiração que guiam a poeta "[...]", como podemos constatar nos poemas seguintes.

Somos dois...

Dois corpos, duas almas, dois animais

1 As informações sobre a autora e de sua produção literária derivam de consultas aos sites www.folhademaputo.co.mz/pt/noticias/vida-e-lazer/pre-destinada-estrela-se-com-xitshuketa/; <https://literatas.blogs.sapo.mz/tag/amelia+matavele>; https://nuhtaradahab.wordpress.com/2012/02/18/poesia-africana-poesia-sem-fronteiras-e-cemd.orgfree.com/crbst_45.html. Acesso em 30.04.2019.

Mas quem somos?
Podemos até ser três!

Vigora a dita geração de viragem
Mas quantos somos?

Somente saberemos isso
Ao gosto das palmas
A lua aberta, a sol nú
E a estrelas ousadas...
Somos um!

Mesmo desejo e agressividade animal
Que faz gerar dinamismo no brutalismo
Dum sentimentalismo

Hum! E assim começamos
Dois corpos, dois instintos
Uma lua aberta
Um sol nú e estrelas

Aplaudindo a nossa mais nova dança!
Uma dança...

Uns instintos únicos...
Uma xitsuketa!

Abalando os corações dos que a assistem
Uma dança com dois
Dança que renasce após a adolescência...

A dois!
Insinuados Astros
Deixaram - me muito mais indecisa

Quando os três decididos me vieram disputar
Insinuados astros de mim querendo desfrutar

Cada vez mais decididos
Me deixam sem fôlego mas com vontade
Vontade de me deixar levar e não me conter de verdade

Comecei pelo mar
Sua robustez assustadora
Sua imensa grandeza sedutora, será ele?
Descartei o, de certo modo é tenebroso

Pensei no sol
Este que me aquece os cabelos
Me levanta e me acorda, pode até ser ele

E a lua?
Que exhibe o seu bailado mensal
Ilumina e apaixona corações, será?

Como escolher?
Tenho que fazer justiça
Como?

Será o sol?
Que vem quando quer e depois de doze
horas desaparece?

Ou se é a lua?
Que depois de doze horas desaparece?



http://cemd.orgfree.com/crbst_45.html

Amilca Ismael²: narradora de si e de outras

Almica Ismael nasceu em Lourenço Marques, atual Maputo, Moçambique, em 25 de Junho de 1963 e vive na Itália desde 1986. Após algum tempo de trabalhos temporários, na Itália, retomou os estudos, tornando-se, 2002, Assistente Social e, em 2004, obteve o diploma de Assistente de Saúde. Ela trabalhou também na Itália como técnica social e de saúde por vários anos em um Lar de Idosos. Atualmente, dedica-se à sua obra literária.

É vencedora de vários prêmios literários nacionais e internacionais como: Prêmio Internacional "MULHER SOMENTE MULHER" dedicado ao dia mundial da não violência contra as mulheres; Prêmio Literário Nacional "Musolona" Solbiate Olona Varese "Italia"; Prêmio Literário Europa "Lugano", na Suíça; Prêmio Internazionale "Juntos no Mundo" - Itália; e Prêmio Especial para os Direitos Humanos, em Napoli.

Recebeu grande reconhecimento e Mérito do Júri no prêmio literário Internacional de Poesia e Ficção "A INTEGRAÇÃO CULTURAL" através da literatura "Equador". Foi condecorada com o Diploma de Mérito ao Prêmio Literário Nazionale "Lago Gerundio", em Milão. É membro Honorário da Universidade da Paz da Suíça Italiana "Lugano"; de Kiwanis "SERVING THE CHILDREN OF THE WORD"; e é membro consigliere da LITERARTE - Associação Internacional de Escritores e Artistas - BRASIL.

Em 2009, publicou o seu primeiro romance, *La casa di ricordi*, em Roma, na Itália. Já foram vendidos mais de dois mil exemplares e conta com onze reimpressões e uma segunda edição. Esse livro foi traduzido para a língua portuguesa, "Casa de recordações", pela editora moçambicana Ndjira, em Maputo, em 2010, Coleção Ondas do Índico, e tem o prefácio da romancista, também moçambicana, Paulina Chiziane.

2 As informações sobre a autora que constam neste texto são encontradas na contracapa de seu livro Casa de recordações, no blog www.lacasadeiricordi.wordpress.com e em Gonçalves (2016).]

Com esse livro, a autora participou de várias feiras nacionais e internacionais como Expo América, em New York; Feira do Livro, a *Piú libri piú leberi*, em Roma, Itália; Feira Internacional do Livro de Guadalajara, no México; Feira Internacional do Livro de Frankfurt, na Alemanha; Feira Internacional do Livro de Pequim, na China; Feira Internacional do Livro do Cairo, no Egito; e da Feira Internacional do Livro de Londres, na Inglaterra.

Como autora de *La casa di ricordi*, ficou em segundo lugar em um prêmio internacional de literatura. Foi finalista também da IV edição do Prêmio Internacional de Poesia, Ficção e Ensaio PRAIAMAR 2010. Recebeu o Diploma de Mérito no Concurso de Narrativa Lago Gerundo, da Câmara Municipal de Paulio, em Milão, e o Prêmio Internacional Mulher Ano 2010, na categoria Empenhamento Social, concedido pela Presidência Internacional da Universidade da Paz na Suíça Italiana.

Em "Casa de recordações" há relatos dos processos e momentos de capacitação profissional da autora e de sua atuação, na Itália, como Operadora Social, no atendimento às pessoas idosas em Casas de Repouso. Conta ainda seus encontros, diálogos e experiências com *os velhotes*, como ela, carinhosamente, os chama, e com quem lhe circunda nesses ambientes.

Vale salientar a prevalência da presença feminina nas narrativas: Dona Lurdes, Rita, Laura, Teresa, Sílvia, Edy, Ângela, Amália, Guiseppina, Maria, Flora, Giuditta, Colomba, Olga, Bárbara, Antônia, Gianki, Júlia, Elsa, Carla, Manuela, Giulietta, Elisa, Paola, Aurora, Roberta, Giorgia, Luísa, Gemma, Chiara, Renata, Dora, Cristina, Vanda. Terá sido escolha da autora, priorizar as suas histórias? Ou são as mulheres a maioria das populações das Casas de Repouso na Itália?

A narradora-autora apresenta, ora com emoção ora com indignação e reflexão, fragmentos da vida difícil e necessária, com seus contrastes e desafios, de diversos idosos dessas instituições, fazendo alusões, ocasionalmente, às lembranças, tradições e realidades da vida dos idosos de Moçambique. Nesse sentido, encena sua vida laboral e permanência na Itália, nutridas por lembranças, recordações,

tradições e aprendizagens entrecruzadas com dores, alegrias, práticas de desumanização, vidas e mortes de seus *velhotes* prediletos e de quem cuida zelosamente, o que me fez reportar, em alguma medida, à obra de Eclea Bosi (1994), "Memória e sociedade - Lembranças de velhos" que trata sobre a velhice.

A obra é considerada pela crítica como romance. Pondero, contudo, que se trata de narrativas criativas e confessionais, com zelo, simplicidade e leveza na escrita e na linguagem, com certo tom autobiográfico e biográfico (LIMA, 1986; LEJEUNE, 2008), mas com poucos traços de autoficcionalização e de invenção literária do outro (KLINGER, 2007). Apesar de algumas marcas discursivas de reinvenção de referencialidades, há pouca ficcionalidade na utilização das vivências de eu (s) referenciais e performances de possíveis eu (s) ficcionais.

Ainda assim, o livro, como reitera Paulina Chiziane, no Prefácio, tem um valor imensurável pela sua temática e por abordar, com um pouco de ficcionalidade, duras realidades e diversos dramas encontrados em Lares de Idosos, na Itália, compartilhados, infelizmente, com várias partes do mundo.

[...] Nesta obra, Amilca Ismael liberta a voz da sua consciência que cumpre, com todo o vigo, o dever moral de desassossegar o mundo despertando a atenção para a desumanização dos que tem o azar de acabar seus dias numa casa de repouso, muito longe do amor e do carinho da família, ou mesmo dos amigos (CHIZIANE, 2010, p. 5).

Solidão, abandono e desprezo dos familiares, exclusão, fragilidades físicas e mentais, a reclusão, marginalização e a falta de convívio social são algumas das mazelas, semelhantes às narradas pelo livro, que acometem idosos nessas Casas, os quais contam e esperam tão somente, infelizmente, da atenção e zelo dos (as) cuidadores (as) profissionais como o *Anjo Negro*, Amilca, tal qual é chamada pela idosa Rita, tão mencionada na obra.

Amilca Ismael publicou na Itália, em dezembro de 2010, o seu segundo romance, *Il racconto di Nadia* ("A história de Nádía"). Essa

narrativa conta o encontro de duas moçambicanas, no percurso de uma viagem aérea. Nádia reside na Itália e Elisa, em Portugal. No trajeto de Maputo para Lisboa, Nádia narra a história de sua mãe, que é católica e casada com um homem muçulmano e doze anos mais velho do que ela, concomitantemente, com a história de Lourenço Marques, no período colonial, hoje Maputo - Moçambique.

Nádia rememora, com pesar, o convívio de sua mãe com o seu esposo. Naquele vôo para Portugal, Nadia narra, emocionadamente, para Elisa, descrevendo, minuciosamente, a sua história, a de Moçambique colonial e após a independência. Conta sobre seus quinze irmãos e de suas duas mães. Ele se alegra quando se lembra de seu meio-irmão Ussen e fica triste quando se recorda de seu pai, um homem com mil faces e mil idéias. Para ele, cada palavra era uma ordem. Uma explosão doce e amarga, ao mesmo tempo, que não abrirá espaços desconhecidos para o leitor.

Depois de contar histórias e memórias de tantas mulheres em *Casa de recordações*, Amilca Ismael, em *Il racconto di Nadia*, autoficcionaliza, com encanto e paixão, em um tom de "dizer de si" (FOUCAULT, 2008), e também de "escrita de si" (FOUCAULT, 1997; KLINGER, 2007), entrecruzando com dizeres de outras. Assim, com recordações de suas vivências alegres e tristes, sofridas e enaltecedoras, mas também de amor e lembranças da sua terra natal em uma intensidade peculiar que se alcança quando se está distante.

Em 2014, Amilca publicou *Effimera Libertà*, pela editora Youcanprint, na Itália. Nesse mesmo ano, esse romance foi lançado em português, *Efêmera Liberdade*, em Lisboa, pela Editora Labirinto de Letras, traduzido por João Manuel Peres de Seixas e pela própria autora. Esse terceiro romance da autora é fruto, segundo Gonçalves (2016), da leitura de uma reportagem de jornal que exaltava os esforços de uma equipe médica para salvar uma jovem que fora abandonada de madrugada à porta de um hospital, em Turim. Com lesões internas e hemorragia grave como resultado de uma tentativa inábil de fazê-la abortar, a jovem morreu sem que as autoridades policiais soubessem sequer o seu nome.

Com tais informações, Amilca inventou sua narrativa e a personagem protagonista: a jovem, Ruth Onwenu, africana, de 24 anos, que percorre, na trama de "Efêmera Liberdade", em estado de semiconsciência, entre o delírio e a realidade, a lutar pela sua sobrevivência e, incansavelmente, pela busca de sua (re) existência. O tema principal desse romance é a escravidão e a sua permanência em diferentes lugares do mundo.

Com esse mote, o romance tensiona a prostituição feminina, ao recuperar a travessia que Ruth faz. Ela sai aos 14 anos, de um país africano, vendida por seu pai a um suposto protetor italiano, um Presidente que a levaria para Roma, com o intuito de, supostamente, retomar os seus estudos. Encantada com o desconhecido e o novo lugar e sem alternativas, a jovem se torna profissional do sexo, inserindo-se no circuito de prostituição, onde é preparada por funcionários (as) do tal Presidente para frequentar ambientes sofisticados em que transitam mulheres oriundas de regiões pobres de países da África, da Ásia e da América Latina e homens ricos.

Princesa Castanha é o novo nome de Ruth na vida noturna de Roma. Para transitar em ambientes de comercialização do sexo e estar com seus clientes, aprende a dançar; consumir bebida alcoólica, principalmente whisky, sem vomitar e substâncias químicas ilícitas; fumar cigarros com sensualidade; dançar valsas de Strauss; cuidar de sua aparência, sobretudo das unhas; e assistir a filmes pornográficos sem acanhamentos.

No decorrer da trama, ela exerce sua profissão e, a cada dia, conhece as suas artimanhas e riscos. Um dia, ao ser conduzida por um motorista particular, em um carro alemão de luxo, Princesa Castanha descobre que sua virgindade seria leiloada em Turim. Com essas e outras intempéries, repentina e bruscamente, a "carreira" de Ruth, na Itália, é interrompida, devido a um crime que o levará à morte.

"Efêmera Liberdade" é dedicado a Laura Prati, uma funcionária pública de Cardano al Campo, cidade da Lombardia, ao Norte da Itália, que foi assassinada, provavelmente, por desaprovação de seu

trabalho em favor de jovens com trajetórias semelhantes ao de Ruth. Como se percebe, o romance assemelha-se, por sua temática, motivações, dedicatória e trama, com diversos instantes, fatos e fragmentos da realidade. Esse avizinhamiento, através da ficcionalização, dilui possíveis distanciamentos entre ficção e realidade (SANTIAGO, 2012).

Ademais, com essas três narrativas, Amilca Ismael consolida seu percurso como escritora literária. Além disso, apresenta à cena literária provocações relevantes acerca de contingências, sofrimentos e dilemas humanos, modos de aprisionamentos e escravização, acima de tudo, de mulheres de várias gerações. Assim, sem o intuito da representação ou apropriação do real, mas em diálogo e com tons de referencialidades, ela se arvora a transformá-lo e a (re) inventá-lo.

Referências

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** - Lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France**. Trad Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- _____, Michel. **A Arqueologia do saber**. Trad. Luís Felipe Baeta Neves. 7 ed. 3 impressão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GONÇALVES, Adeíto. **Amilca Ismael e a escravidão no século XXI**. Disponível em: http://port.pravda.ru/sociedade/cultura/11-11-2016/42095-amilca_ismael-0/. Acesso em 20.03.2017.
- KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro**. O retorno do autor e a virada etnográfica: Bernardo Carvalho, Fernando Vallejo, Washington Cucurto, João Gilberto Noll, César Aira, Silviano Santiago. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.
- ISMAEL, Amilca. **La casa di ricordi**. Roma, 2009.
- _____, Amilca. **Casa de recordações**. Maputo: Ndjira, 2010. (Coleção Ondas do Índico).

_____, Amilca. **Il racconto di Nadia**. Roma, 2010.

_____, Amilca. **Effimera libertà**. Itália: Editora Youcanprint, 2014.

_____, Amilca. **Efêmera liberdade**. Trad. João Manuel Pereira de Seixas. Lisboa: Editora Labirinto de Letras, 2014.

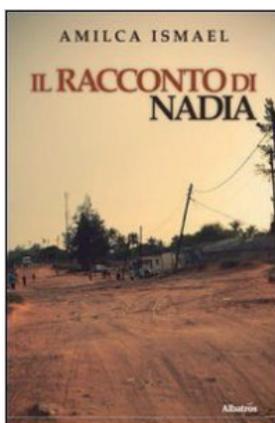
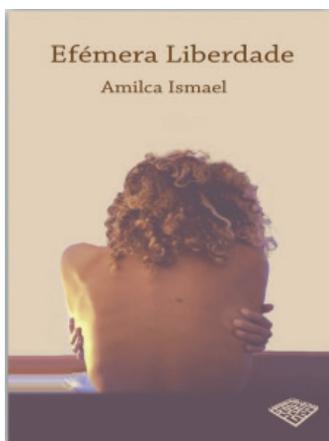
LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**. De Rousseau à Internet. NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). Trad Jovita Maria Gerheim; Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

LIMA, Luis Costa. **Sociedade e discurso ficcional**. Rio de Janeiro: Guanabara ed, 1986.

SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias negras**. Cruz das Almas: EDU-FRB, 2012.

Fotografia: Arquivo Pessoal





<https://aviagemdosargonautas.net/2014/10/12/lancamento-do-livro-efemera-liberdade-da-mocambicana-amilca-ismael-dia-14-pelas-18-30-no-edificio-espaco-chiado/>

Carla Soeiro³: entre a prosa e a poesia

Carla Soeiro é natural de Ibo, Cabo Delgado, no norte de Moçambique, e reside em Maputo. Fez teatro amador. Nutre o gosto pela leitura e escrita desde a adolescência e publicou, em 2016, em Maputo, o seu primeiro livro de prosa e poesia "Entre Prosa e Poesia, Apenas Escrevia...", editado pela Kwandika Editora.

Essa obra, prefaciada pelo escritor moçambicano Calane da Silva, é organizada por doze seções temáticas e reúne poemas e curtos textos em prosa, que também são poéticos. Liberdade, sonhos, amor a Moçambique, arte da escrita, lutas, morte, natureza e cosmos, infância são alguns dos temas que dirigem e perpassam a tessitura.

A criatividade na forma, sonoridade e lexicográfica, provavelmente, advinda da oralidade e da experiência teatral da autora, como infere Calane da Silva, (2016), no Prefácio, transforma cenas e usos de linguagem cotidianos em hinos harmoniosos, salutareos de serem ouvidos e lidos. Além disso, asseguram voos literários para além de teorias, críticas e cânones literários.

A palavra poética (en) canta, com múltiplos sons e cores misturados, a própria palavra.

Poesia que sinto,
é como sangue nas veias.
Se para, morro!

Viajo para dentro de mim
sem nunca chegar ao destino
a poesia a percorrer é longa e infinita

Coreografei as letras
dancei com as palavras
encenei escritas

3 As informações sobre a autora foram encontradas na contracapa de seu livro.

só p'ra te criar, Poesia
(SOEIRO, 2016, p. 99)

Vozes líricas e narradoras referenciais e ficcionais entoam odes à pequena *Ilha-Mãe*, simbolizada por *Ibo*, que se expandem, entretanto, aos territórios que compõem a grande *Ilha-Mãe*, Moçambique.

Ibo, Minha Ilha Mãe
O muro da minha Ilha é um mangal
que a esconde como uma pérola.
Ibo, porque foste abandonada?
As tuas ruínas me lembram
os cacos de um espelho partido.
[...]
Minha Ilha de pérolas e sereias
debruçadas nas tuas areias
mariscando a tua riqueza,
mesmo que não estejas enfeitada
és bela, bela, bela
[...]
(SOEIRO, 2016, p. 140)

A natureza e, em especial, as águas dos mares e oceanos prenham os versos e a voz lírica autoral de encanto e esperança, o que garante à escritura, a um só tempo, tons nostálgico e contemplativo. Além disso, tornam-se moradas de lembranças, angústias, tristezas e mágoas dos seus sujeitos enunciadores e, quiçá, de seus (suas) leitores (as).

[...]
Nos meus sonhos
O mar é meu abrigo
Meu porto seguro
Não ando à deriva

E nem me afundo.
(SOEIRO, 2016, p. 72)

Neste sentido, possíveis sonhos, desejos, vivências e marcas do passado da autora passeiam pelos versos e linhas de *Entre Prosa e Poesia, Apenas Escrevia...*, afiançando aos (às) leitores (as) a tecer sentidos e respostas para suas indagações e, certamente, formular outras.

Referência:

SOEIRO, Carla. **Entre Prosa e Poesia, Apenas Escrevia...** Maputo: Kwandika Editora, 2016.



Fotografia: Arquivo Pessoal

Celina Sheila Macome⁴: entre o jornalismo e a escrita poética

Celina Sheila Moisés Macome, natural de Maputo, onde reside, é Licenciada em jornalismo, pela Escola Superior de Jornalismo, onde frequentou o curso de Publicidade e Marketing. É funcionária do Ministério dos Recursos Minerais e Energia. É declamadora desde seis anos de idade. Em julho de 2014, criou o grupo virtual Intercâmbio dos Escritores da Língua Portuguesa, no qual é coordenadora de atividades. Ela é promotora de eventos literários de destaque em Moçambique como o Desafio Semanal da Escrita e Palavras de um Menino da Rua.

Desde 2014, publica poesias na Revista "Por Dentro de África". Participou do e-book "Somos Todos Poetas" e de duas coletâneas no Brasil, do Projeto Editorial Sol Além Mar. Como declamadora, ela se apresenta em saraus de poesia em Maputo. Em Maio de 2015 participou das coletâneas "Poema-me" e "Poesia para Pintar", da Lua de Marfim Editora. Em Maio de 2015, ganhou o Certificado de Mérito Literário pela Participação na Antologia Internacional da Embaixada da Poesia. Recebeu também da Embaixada da Poesia (Brasil) a Comenda Conde de Figueiró-Protetor dos artistas. Participou, ainda em 2015, da Antologia Universal Lusófona, "Rio dos Bons Sinais". E, em 2017, lançou o seu primeiro livro: "Embarque na escrita Poética", editado pela Livres Editores e prefaciado pelo escritor brasileiro, João Urague Filho.

Amo um ser que não existe

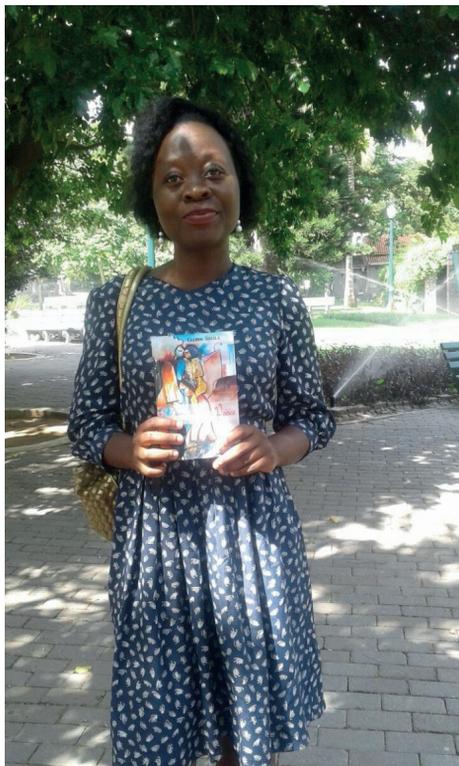
Amo um ser que não existe
Viajei num mundo imaginário

4 As informações sobre a autora e de sua produção literária derivam de consultas aos sites <https://mbengamz.wordpress.com/2018/05/16/celina-macome-poetisa-celina-macome-da-comunicacao-a-poesia/>; <http://www.pordentrodaafrica.com/poetas-mocambicanos>; e infodiario.co.mz/articles/detail_article/35766. Acesso em 20.08.2018.

Encantei-me aos olhos do poeta
Procurei um lugar que não existe
Mergulhei no mar, ao encontro da poesia

Escrevi um poema entre as nuvens
Entre versos, beijei o poeta
No luar, fizemos tercetos
Andei atrás, de uma carta que não existia

Sonhei, num barco de palavras poéticas
Lancei-me no mar, ao encontro do meu ser
Escrevi um romance , nos olhos de um poeta.



Clarisse Machanguana⁵: atleta do desporto e da palavra

Clarisse Machanguana nasceu em Maputo, Moçambique, em 1973. Oriunda de uma família praticante de desportos, muito jovem começou a exercitar o basquetebol. Integrou a seleção nacional desse esporte com 15 anos e representou Moçambique, nessa modalidade desportiva, durante vinte e cinco anos, até 2013.

Em 1991, mudou-se para Santarém, em Portugal, onde jogou basquetebol e também frequentou o curso de Direito na Universidade Lusíadas, em Lisboa. Em 1993, transferiu-se para os Estados Unidos, onde continuou a jogar basquetebol e estudou na Universidade de Old Dominion, Nortfolk, na Virgínia, onde se graduou em Justiça Criminal.

Em 1997, assinou contrato com a ABL, Liga Profissional de basquetebol, na Califórnia, na cidade de San José, onde viveu e jogou tal esporte. Já, em 1999, assinou contrato com a WNBA, a maior Liga Profissional de basquetebol feminino, atuando como jogadora em Los Angeles, Charlotte e Orlando. Na Europa, jogou na Espanha, em Pamplona e Barcelona; na França, em Tarbes e Montpellier; na Itália, em La Spezia, Roma, Napoli, Parma, Ragusa e Milão. Na Ásia, jogou na Coreia do Sul, em Seul. Clarisse conquistou os seguintes títulos: Campeã Pan-africana de Países; Campeã da Liga Portuguesa; e Vice-Campeã da WNBA.

Após uma longa e brilhante carreira de dedicação ao basquetebol, em 2014, ela criou a Fundação Clarisse Machanguana. Tem crianças e jovens como público alvo e combater a proliferação da AIDS em Moçambique, um dos seus principais objetivos. Além disso, propõe-se a se dedicar, especialmente, aos temas Saúde, Educação e Desporto, em Moçambique, e a desenvolver o "Projeto Saber Viver", que tem como finalidades dar a conhecer o tratamento da AIDS, permitindo uma vida longa e saudável; e contribuir para o combate do preconceito, provocando responsabilidade aos moçambicanos, de forma a proteger, principalmente, as crianças.

5 Os dados biográficos de Clarisse Machanguana foram encontrados na contracapa do livro aqui citado e na página do Facebook da Fundação Clarisse Machanguana.

Em 2013, inaugurou outro campo de ação: a literatura, estreando com o livro "A Estrela, Luz da minha Alma", pela Texto Editores, em Maputo, como etapa inicial da sua carreira pós-basquetebol, após sua última participação do *Afrobasket-2013*, quando a seleção moçambicana se qualificou para o Mundial 2014, na Turquia. E, em 2016, tornou-se embaixadora da UNICEF em Moçambique.

Na obra literária, ela retrata, quase de modo exaustivo, seu percurso de vida, passeando pela infância vivida no distrito de Marracuene, sua vida em família, formação e carreira profissional como esportista, nacional e internacionalmente, e o seu retorno a Moçambique. A autora-personagem narra, em um tom autobiográfico-reflexivo, mas com poucos traços de autoficcionalização (OLMI, 2006).

Como invenção de si (KAUFMANN, 2004), principalmente, ela narra sua trajetória quase como uma ação terapêutica, em alguma medida, e, a um só tempo, tece construções discursivas sobre o vivido e sobre traços identitários também em revista e ressignificações. Além disso, a narrativa tem marcas discursivas de "escrita de si", "autointerpretação", "autoformação" e "autopercepção" (FOUCAULT, 1997), relacionadas aos contextos familiares, sociais, culturais, históricos, econômicos e até religiosos.

Também transita no livro um tom persuasivo, na medida em que há um desejo explícito da autora-narradora-personagem de convencer os (as) leitores (as), em especial, as pessoas jovens, de que a sua caminhada seja referência para outros (as), no que tange à autodeterminação e aos modos de resistência, diante das oportunidades, conquistas, adversidades e idiossincrasias das próprias escolhas e na busca de realização de seus objetivos.

Nessa perspectiva, *a Estrela*, presente no título, pode simbolizar a sua história, e não a sua pessoa, como possibilidade de inspiração e orientação, reforçando, no livro, o teor messiânico. Sob essa esteira, percebe-se, ainda, em "A estrela, luz da minha alma", uma exposição, quase exacerbada, da fé cristã e de experiências religiosas do eu referencial. Mesmo assim, a obra merece destaque por propiciar conhecer a famosa Clarisse Machanguana para além das quadras de basquetebol.

Referências

FOUCAULT, Michel. Resumo dos cursos do Collège de France. Trad Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

KAUFMANN, Jean-Claude. A invenção de si. Uma teoria da Identidade. São Paulo: Instituto Piaget; Epistemologia e Sociedade, 2004.

MACHANGUANA, Clarisse. A Estrela, Luz da minha Alma. Maputo: Texto Editores, 2013.

OLMI, Alba. Memórias e memórias - Dimensões e perspectivas da literatura memorialista. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.



Fotografia: Arquivo Pessoal

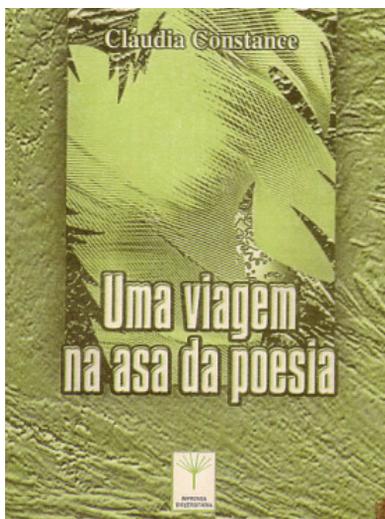


(<https://clubofmozambique.com/news/clarisse-machanguana-foundation-hiv-campaign-kicks-off-mozambique/>)

Cláudia Constance⁶: poeta viajante

Cláudia Constance é jornalista, apresentadora do telejornal da Televisão Nacional de Moçambique (TVM). Publicou seu primeiro livro "Uma Viagem na Asa da Poesia", em 2005, pela Imprensa Universitária. É prefaciado pelo escritor Eduardo White e reúne 22 curtos poemas.

Sou ninfa de sal
Vivo de apetência
Feita para amar
Sabor sublimes
Só para deliciar



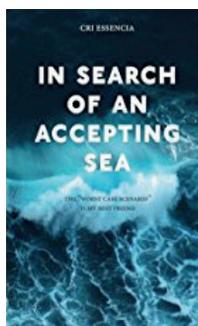
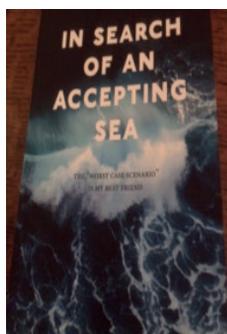
6 As informações contidas aqui estão disponíveis em <https://www.google.com.br/search?biw=1536&bih=747&ei=-b74WruZEon3UqGSpkA&q=claudia+constance-+Mo%C3%A7ambique&oq=claudia+constance->. Acesso em 12.04.2018.



([https://www.facebook.com/search/top?q=claudia%20constance%](https://www.facebook.com/search/top?q=claudia%20constance%20))

Cri Essencia⁷: escritora em busca

Cri Essencia é natural de Maputo. Estudou em Lisboa-Portugal e em Londres, onde, atualmente, reside. É mestre em Direito pela University of Groningen, na Inglaterra. Em 2016, publicou seu primeiro romance *In Search of An Accepting Sea: the worst case scenario is my best friend*, que foi traduzido para o português "Em busca do mar certo", em 2018.



(<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=>)

7 As informações que constam neste texto foram encontradas na página do Facebook da autora. Acesso em 10 de junho de 2018.

Dama do Bling⁸: rapper de palavras cantadas e escritas

Ivânea da Silva Mudanisse, mais conhecida, artisticamente, como Dama do Bling, nasceu em 25 de Outubro de 1979, em Maputo. É Licenciada em Direito pela Universidade Eduardo Mondlane, mas nunca exerceu funções profissionais advindas das ciências jurídicas.

É mais conhecida como cantora de Hip Hop e R&B, apesar de já ter publicado dois livros, tendo lançado os seguintes álbuns: "Damas do Bling" (2006); "Chamadas para Bling" (2007); "Hits de Verão" (2008); "Diferentes mas Igual" (2009); "Ferro e Fogo" (2012); "Deusa" (2013); e "Club" (2018). É também empresária, estilista e filantrópica moçambicana.

No início da carreira, juntamente com outros artistas moçambicanos, tais como Lizha James, Valdemiro José, Marllen, dentre outros, destacou-se pela sua maneira extravagante e ousada de se vestir e cantar. Aos 14 anos, fez alguns *freestyles* de hip hop, por diversão, cantando músicas de DaBrat, Warren G, Snoop Dogg, Queen Latifah, Lady Of Rage e outros.

Em 2005, Dama do Bling teve destaque em duas músicas do álbum "Vou-te Fazer Chorar" e "Eu Nunca Pensei", quando Lizha James gravou seu segundo CD. Em 2006, ela lançou seu primeiro CD solo, intitulado "Dama do Bling", com a colaboração dos artistas Lizha James, Catya, Denny Og, DRP, Hernani Silva (seu irmão) e Bang, quando lançou sua primeira música solo, "Haterz". Em 2007, como *rapper*, lançou seu segundo álbum, "Chamadas Para Bling", com 15 músicas, com participações de Lizha James, Doppas, Yara Silva, Denny OG e outros artistas moçambicanos.

Também, em 2007, foi indicada em quatro categorias no Chanel O Video Music Awards: Melhor Artista Feminina, Vídeo do ano, Me-

8 Os dados biográficos de Dama do Bling estão disponíveis em <http://www.biografia.co.mz/index.php/pt/cultura/116-biografia-de-dama-do-bling>. Acesso em 30 de setembro de 2016.

lhor Diretor de Vídeo e Melhor do Sul, ganhando o Melhor Feminino e Melhor do Sul. Ela ganhou o prêmio na categoria de Melhor Música de 2007 da rádio 99 FM.

Em 2008, foi indicada para MTV Video Music Awards, na categoria de Melhor Vídeo Feminino. Já, em 2009, recebeu indicações no Mozambique Music Awards nas categorias de Melhor Hip Hop, Melhor Pop Rock e Melhor Colaboração, vencendo nessa última categoria. Nesse mesmo ano, recebeu a menção honrosa do Edil da cidade de Maputo pelo seu trabalho para o desenvolvimento da cultura. Ainda nesse ano, inclusive, ela foi convidada a fazer parte da MTV e SHELL MAKING THE VIDEO, um projeto internacional, unindo artistas da África. Ela trabalhou com Dj Cleo e Blecksem, artistas sul-africanos na música "Wena Uthini". Ainda, nesse ano, lançou seu terceiro CD, "Hits de Verão", um álbum que mistura Pop Rock, Hip Hop, Rave e Ragga.

Em 2009, ela fez uma turnê na Nigéria com a artista nigeriana Sasha P. com quem gravou um vídeo. Nesse ano, ela lançou seu quarto álbum, "Diferente mas Igual", dedicado às mulheres de Moçambique. Também esteve, nesse ano, em Namíbia para uma turnê de 10 dias com os artistas namibianos Gazza, Nível Gal, Lady May e o sul africano Mandoza.

Em 2010, foi indicada e venceu em três categorias, em Sandton, na África do Sul: no MOAMAS - Museke on-line Music Awards para Melhor Artista Feminina, Melhor Artista Hip Hop e Melhor Colaboração Africana, com a artista nigeriana Sasha. Foi indicada para o Chanel O Video Music Awards e para o O2 African Music Award, em Londres, na Inglaterra, na categoria de Melhor Colaboração Africana com Sasha. Também foi indicada para o MMA em 5 categorias: Vídeo do Ano, Álbum do Ano, Melhor Hip Hop, Melhor Colaboração Africana com Sasha e Artista do ano. Foi, ainda, indicada para Sound City Video Music Awards em quatro categorias: Melhor Artista Feminina, Melhor Coreografia, em que foi premiada, Melhor Edição de Vídeo e Melhor Vídeo.

Em 2011, foi indicada para o MOAMAS - Museke on-line Music Awards na categoria de Melhor Vídeo de Musical. Nesse ano, ganhou

os prêmios de Artista do Ano, Canção do ano e Artista Mais Popular no MMA.

E, em 2012, lançou o vídeo da música *Pepetsa* e algumas músicas de forma aleatória. Foi considerada uma das 10 melhores artistas da África nesse ano. Além disso, participou da Série norte-americana, CSI, em Lisboa, Portugal; do Lusotronics Festival, em Berlim, na Alemanha. Em 2013, foi indicada, nos Estados Unidos, para Nea Awards- Nigéria, para categoria de Melhor Vídeo do Sul e lançou seu quinto álbum *Deusa*.

Em 2008, ela publicou seu primeiro livro "Diário de UMA Irreverente". É uma narrativa autoficcional em que, supostamente, conta o início de sua carreira como cantora e alguns detalhes de sua vida pessoal, ocultando conflitos e polêmicas por ela vividos. Tal atitude causou em seu público leitor e artístico uma insatisfação e não aceitação da obra.

Para o texto literário autobiográfico, no entanto, não há razões para esse estranhamento, haja vista que a memória se organiza e se efetiva a partir de seletividade, esquecimento e lembranças como afirmam Michel Pollak (1989) e Jacques Le Goff (1996). Assim, a voz narradora, inventada pela autora, pode sim escolher o que deve se ficcionalizar, aproximando da autorreferencialidade (LEJEUNE, 2008), bem como se esquecer, excluindo aqueles fatos e momentos, supostamente, vividos, de sua prosa autoficcional.

Tais procedimentos, por si só, não garantem, portanto, o seu valor literário como texto autobiográfico, o qual não deve ser confundido como um diário. Neste sentido, há de se levar em consideração também, dentre outros elementos, a criatividade, os recursos de linguagens, a inventividade e possíveis relações de *eu-para-si* (BAKH-TIN, 2003) com "[...] o intercâmbio de um eu empírico com o mundo. Por assim afirmar, a autobiografia supõe um duplo e simultâneo foco: como o eu reage ao mundo e como o mundo experimenta o eu [...]", segundo Costa Lima (1986, p. 255).

Por fim, em 2011, Dama do Bling lançou seu segundo livro "Melissa e o Arco-íris", literatura infantil, com ilustrações de Adélia Panda, em Maputo, pela editora Ndjira, Coleção Palavra Encantada. Além de esparsas lembranças de sua infância, esse conto também se inspira nas travessuras, questionamentos e no cotidiano de sua sobrinha, Melissa, homônimo da personagem principal da história. A narrativa se constrói a partir e com perguntas e curiosidades de Melissa e com prováveis e diversas respostas do foco narrativo para cada fenômeno e acontecimento.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Biografia de Dama do Bling. Disponível em <http://www.biografia.co.mz/index.php/pt/cultura/116-biografia-de-dama-do-bling>>. Acesso em 30 de setembro de 2016.

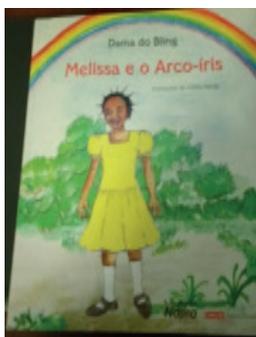
DAMA, Bling do. **Diário de UMA Irreverente**. Maputo, 2008.

_____, Bling do. **Melissa e o Arco-íris**. Maputo: Ed. Ndjira, 2011. (Coleção Palavra Encantada).

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**. De Rousseau à Internet. NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). Trad Jovita Maria Gerheim; Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n 3, 1989.



Fotografia: Arquivo Pessoal



[https://www.facebook.com/DamaDoBlingOfficial/photos/a.](https://www.facebook.com/DamaDoBlingOfficial/photos/a)

Donia Tembe: poeta expressionista

Donia Tembe nasceu em 19 de março de 1989, em Maputo. É formada em História pela Universidade Eduardo Mondlane. Criou, em 2005, juntamente com quatro colegas, o Núcleo da Cultura da Escola Secundária Eduardo Mondlane.

Desde 2005, escreve poemas. Integra o Movimento Literário Juvenil (MOLIJU) e faz parte de sua coordenação. Tal coletivo é uma organização, composta na sua maioria por jovens autores (as) e estudantes do bairro de Hulene e circunvizinhos de Maputo. Foi fundado, em 2005, por um grupo de jovens estudantes, com o intuito de fomentar a publicação de obras literárias de jovens escritores (as) de Moçambique, divulgar obras de autores (as) nacionais consagrados (as) junto aos estudantes da educação básica e promover o gosto pela leitura.

O MOLIJU, de acordo com Matos Matosse (2015), realiza atividades artístico-culturais e literárias em escolas de Maputo, promovem concursos literários, Feira do Livro, em parceria com a Texto Editores, saraus culturais e literários, cerimônias de abertura de ano letivo, declamando poesias. Realiza ainda palestras sobre literatura, em parceria com a Universidade Pedagógica e, uma vez por mês, um sarau literário em sua sede, em Hulene.

Em 2013, a MOLIJU publicou sua primeira obra: "Dores de parto, Dores da inspiração", de seu membro, poeta Alex Barga. Em 2015, lançou a "Antologia Poética, Sonhos, Caminhos & Lutas". Participam dessa coletânea 20 autores e 03 autoras de Moçambique.006D

Em 2015, Donia Tembe publicou na "Antologia Poética Sonhos, Caminhos & Lutas", os seguintes poemas "Subúrbio", "Mutchatu", "Meu país", "Menino desabrigado" e "Mamana", tatuados com expressionismos, persuasão, esperanças e denúncias sociais.

Meu país

Rios correndo pelo teu corpo
Ferido por calamidade e guerras
Mas és meu país.

Violado, pilhado e ferido,
mas é meu país.

País sofredor
Escravo da fome e das doenças,
Mas és meu país

Foste usado e abusado no passado
Como campo de guerra
Foste devastado pelas formas estrangeiras
Que não conhecem as tuas origens
Que não te amam
que não te valorizam

mas hoje és livre
és independente
continuas a ser e sempre serás
meu país.

(TEMBE, 2015, p. 93)

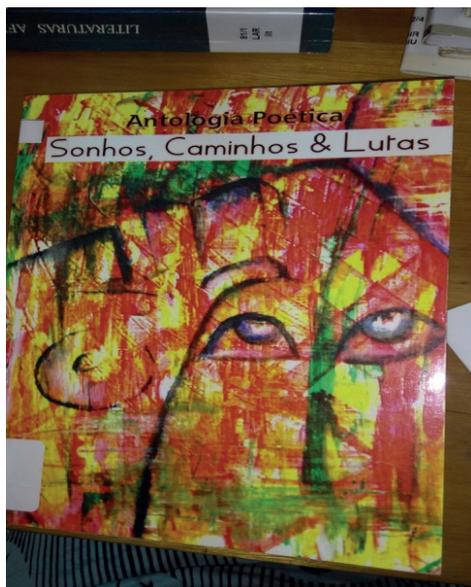
Assim, na escrita de Donia Tembe, se desenham vozes e versos que traçam uma poética comprometida com memórias de passados históricos e de sofrimentos, mas também de lutas, associadas a cantos identitários e de declaração de amor e pertencimento ao seu país.

Referências

BARGA, Alex; INÁCIO, Stélio. **Antologia poética**. Sonhos, Caminhos & Lutas. Maputo: MOLIJU, 2015.

MATOSSE, Matos. BARGA, Alex; INÁCIO, Stélio. **Antologia poética.** Sonhos, Caminhos & Lutas. Maputo: MOLIJU, 2015.

TEMBE, Donia. Meu país. In: MATOSSE, Matos. BARGA, Alex; INÁCIO, Stélio. **Antologia poética.** Sonhos, Caminhos & Lutas. Maputo: MOLIJU, 2015.



Fotografia: Arquivo Pessoal

Eliana Nzualo⁹: uma blogueira de palavras criativas e certeiras

Eliana Nzualo é natural de Maputo e nasceu em 15 de abril de 1991. É ativista social, feminista, contadora de história, poeta e blogueira. Atua, profissionalmente, nas áreas de Comunicação e Marketing. Dedicar-se à valorização da arte e da cultura africana, através de seus movimentos, blog, podcast, tais como *Nzualo Na'khumalo*, movimento *Wumburi*, "O nome disso é África" e "Escreve Eliana Escreve".

Participa da antologia "Negras de lá, Negras daqui", prosa e poesia, publicada pela editora Afrikanse, em São Paulo, em 20 de abril de 2019. Essa publicação reúne textos de 8 autoras de Moçambique, Brasil e Angola e compõe o projeto "Raízes", que se destaca por promover, incentivar e divulgar a literatura africana e a integração cultural.

Em seu blog "Escreve Eliana Escreve", publicou "O meu espetáculo sangrento mensal", um texto híbrido que, quiçá, se queira um artigo de opinião, mas se entrecruza com a crônica e o conto, adquirindo uma nuance literária, o qual só engrandece o texto e a verve criativa. É um artigo-conto-crônica! Com tons autobiográfico e argumentativo, a voz autoral e a narradora se esmaecem para sobressair a "dor e a alegria" de viverem o "espetáculo sangrento mensal".

A primeira vez que uma menina menstrua é um momento de viragem, em que o mundo parece virar-se contra nós e ao mesmo tempo exigir mais.

Quando era mais nova e ouvia as minhas primas a falarem da sua menstruação, eu queria fazer parte desse mundo. Sempre que conversávamos sobre relacionamentos - da única forma que meninas entre os 10 e os 15 anos o sabem fazer - elas me diziam "As coisas não são bem assim, tu ainda és criança. Quando tiveres o período vais entender."

Parecia que todas as minhas opiniões eram inválidas, pelo simples facto de eu não menstruar todos os meses como elas. Eu achava que o período era

9 As informações sobre a autora constam em <https://naoetudo.wordpress.com/2017/04/14/entrevista-com-a-blogueira-eliana-nzualo/>; <https://escreveelianaescreve.com/queeringstyle.com/menstruar-gosto/>; <https://maputofastforward.com/antologia-negras-de-la-negras-daqui-editada-no-brasil-inclui-textos-das-mocambicanas-melita-matsinhe-e-eliana-nzualo/>; e literatasmz.org/post.php?id=205. Acesso 15.03.2018.

a única forma de dar legitimidade àquilo que pensava, de mostrar que eu era uma menina madura e com ideias boas o suficiente para serem ouvidas.

Na manhã em que vi a minha primeira gota de sangue eu tinha 11 anos e estava prestes a tomar banho para a escola. Fiquei muito feliz, pois finalmente teria o "estatuto" que tanto queria.

Mas a verdade é que depois desse dia tudo mudou.

Eu já não podia mais brincar como as outras meninas que não tinham o período.

Não podia ir à praia ou à piscina sempre que me apetecesse. Tinha de usar umas fraldas estranhas sempre que tivesse período. E pior de tudo, tinha de esconder essa realidade de todos. À exceção da minha mãe, ninguém podia saber que eu estava menstruando.

Esse silêncio é o pior de tudo.

Com a minha mãe aprendi a fazer a tabelinha e prever os dias de menstruação para nunca ser surpreendida. Na escola nos ensinaram os órgãos genitais e como o corpo humano funcionava.

Mas a vergonha e nojo de ter sangue a sair de mim mensalmente fui descobrindo sozinha, despreparada. Ninguém me disse que era bonito. Ninguém me disse que podia ser normal ou até mesmo divertido. Era sempre algo feio, estranho.

Depois fui aprendendo que muitas das minhas amigas, tal como eu, não podiam fazer certas coisas quando estavam menstruadas.

Coisas normais e que lhes davam prazer, mas que pelo simples facto de elas estarem "impuras" durante esses dias do mês não podiam mais fazer. Desde simples tarefas domésticas como cozinhar, até certos rituais religiosos.

Outros mitos foram surgindo ao meu redor, num ambiente de secretismo, sem muita ciência por detrás que pudesse explicar ou segurança para perguntar a outras pessoas: Mulher não pode ficar no secador quando vai ao cabeleireiro de período; mulher não pode ficar muito perto de homens senão aumenta o fluxo; mulher não pode ir a cerimônias fúnebres; não pode ter relações sexuais; etc.

Todo o estigma à volta da menstruação afasta muitas mulheres delas mesmas.

Faz com que repudiem o seu próprio corpo e todas as maravilhas que ele é capaz de fazer.

Foi apenas na idade adulta em que comecei a ficar mais confortável com a minha própria menstruação. Perdi o medo de esconder que era um ser humano com um útero funcional e um ciclo de 28 dias.

Aprendi a admirar como este corpo é capaz de se manter de pé, de me permitir sorrir e chorar, mesmo a jorrar sangue durante dias. Este corpo consegue amar e ser amado, mesmo depois de tirar lágrimas de sangue por dentro. Este corpo é palco de um espectáculo sangrento todos os meses e ainda não desistiu de viver.

O meu corpo faz tudo isso e muito mais.

Comprometida com seus projetos artísticos e culturais de promoção das artes e culturas africanas e com os diversos dramas humanos e sociais que assolam o continente africano, em especial, Moçambique, Eliana Nzualo segue senhora de si.

Eu Escolhi Viver

Deitei fora o meu batom roxo,
aquele roxo dormente do meu olho inchado
sobre a almofada encharcada de dores secretas,
na constante esperança de reconciliações incertas.

Não quero mais o sapato vermelho,
daquele sangue que manchava a minha face,
enquanto gritava por socorro
e os vizinhos se escondiam.

Não ouviam.

As minhas tias se riam.

Ninguém lhes disse que tínhamos pés
e não raízes a tocar o chão.

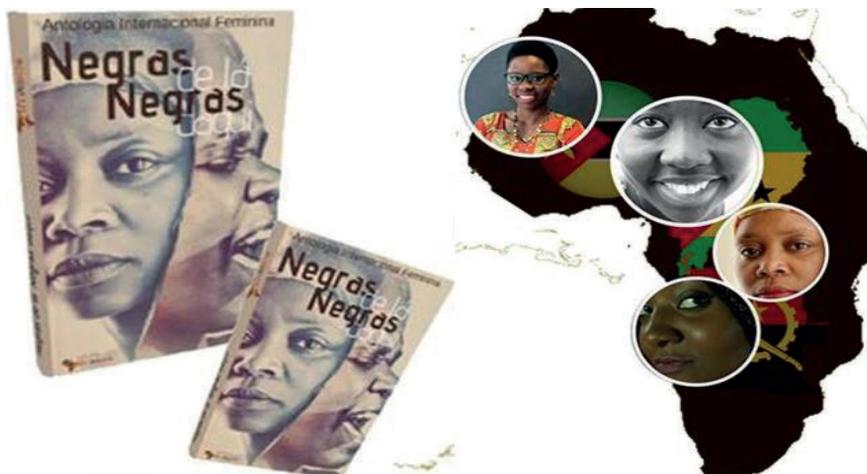
Ninguém lhes contou que havia diferença
entre violência e paixão.

Eu escolhi viver.

Eu escolhi viver sem a água salgada
das minhas lágrimas a embalar os meus filhos,
num barco de papel sem destino.

Eu escolhi viver sem a culpa pesada
do véu e grinalda,
do beijo e a chapada.

Desculpem-me.



<https://maputofastforward.com/antologia-negras-de-la-negras-daqui-editada-no-brasil-inclui-textos-das-mocambicanas-melita-matsinhe-e-eliana-nzualo/>



<https://www.google.com.br/search?q=eliana+nzualo&tbm>

Emília Alexandre: poeta da negritude

Emília Zacarias Alexandre nasceu em 11 de fevereiro de 1993, em Inhambane, distrito de Maxixe, província de Inhambane (Moçambique). É professora, desde 2013, da Escola Primária Completa da Ponta do Ouro.

Em 2011, iniciou sua atividade literária e tem uma vasta produção poética. É membro do Movimento Literário Juvenil (MOLIJU). Em 2015, publicou na "Antologia Poética Sonhos, Caminhos & Lutas", os seguintes poemas "Orgulho de ser africana", "Precisa ser louco para ser poeta", "Passando alegre", "Vou declarar-me coração", com os quais canta a negritude, africanidades, corpos negros femininos, dentre outros temas.

Em "Orgulho de ser Africana", uma figura feminina de corpo negro é exaltada. A "Mãe África, berço da humanidade, é celebrada com sua negritude e apresentada solenemente. O continente, "Africana", com sua beleza preta, trilha entre o orgulho, a dor, a espoliação, a resistência, a esperança e o colonialismo de diversos tempos e matizes.

Entre orgulho e esperança

Vives tu Africana
Africana do corpo negro
Mas com alma branca

Diante de tantos preconceitos
Naqueles que não possuem a tua raça
Nada te tira o orgulho de seres Africana

Não há pomadas, nem químicos que
Te façam mudar a tua cor
Sempre preta, como a noite sem luar

Sim, é isto que transmite o teu olhar
Gentes d'outros hemisférios
quiseram roubar-te a riqueza escondida na
mata, as raízes da tua terra para meia volta
vender-ta! Firme e decidida disseste não.
Uso-a assim naturalmente!

Natural é a tua beleza Africana
E mandaste correr o inimigo
pela força que a cor da tua pele
Carrega!

Africana de alma pura
Pronta para seguir em frente
Oh! Africana! Admiro a tua bravura!
Na imensa pobreza tu te ergues
Com a força das tuas mãos
ganhas a vida

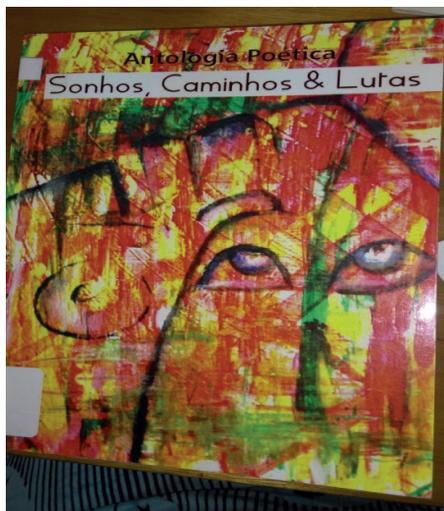
Africana negra preta
É assim que te caracterizas, pronta
Para lutares e superares o sofrimento,
Ainda que te atormentem, vences as fraquezas

Tua luta é pela dignidade
Teu valor espalhar
Orgulho de ser Africana que és
(ALEXANDRE, 2015, p. 106-107)

Referências

BARGA, Alex; INÁCIO, Stélio. **Antologia poética**. Sonhos, Caminhos & Lutas. Maputo: MOLIJU, 2015.

ALEXANDRE, Emília Zacarias. "Orgulho de seu Africana". In: BARGA, Alex; INÁCIO, Stélio. **Antologia poética**. Sonhos, Caminhos & Lutas. Maputo: MOLIJU, 2015.



Fotografia: Arquivo Pessoal

Emmy Xyx¹⁰: uma desconstrutora de palavras e significados

Emmy Xyx é o pseudônimo da escritora Maria Manuela Xavier. Ela nasceu em 1958, em Vila Coutinho, atualmente Ulóngwá, no distrito de Angónia, na província de Tete, em Moçambique. Como jornalista ela trabalhou nos periódicos "Embondeiro" e "Zambebe". Publicou as seguintes obras: "Espelho" (prosa, 2011), prêmio Fundac, "Contar ser gregos" (poesia, 2012), "de Sol acções a Sol unções" (poesia, 2013), "Escritas na mão do mar à ria" (poesia, 2015) e "Cada ver em vez de viver" (poesia, 2016).

Afoga-te em minhas águas
O fogo que trazes em ti
Banhando expulsas as mágoas
Sabes bem que nem te menti
A força empurra as tranhas
A força empurra as tranhas
Que o foco disfarçado engana
Mas quem sabe todas as manhas
Vê sem precisar ter calma
Mas o afago não afoga o fogo
Água ardente o combustou
Raios faúlhas fazem o jogo
Que até hoje não terminou...

(<https://literatas.blogs.sapo.mz/29102.html>)

10 As informações da autora e de suas obras estão em www.revistas.usp.br/crioula/article/view/141365 e opais.sapo.mz/tania-tome-entre-a-encenacao-da-voz-e-o-canto. Acesso em 12.04.2018.



<https://www.google.com.br/search?q=emmy+xyx+-+fotos&sourc>

Énia Lipanga¹¹: uma artista ativista das artes e da vida

Énia Stela Lipanga nasceu na província de Maputo, em 4 de abril de 1977. É ativista e agitadora cultural, feminista, oficinaira de turbantes para mulheres acometidas pelo câncer, *rapper*, repórter, editora e poeta. Já publicou poemas em várias antologias. Em Maputo, ela organiza e participa de concursos como o "Festival Mundial de Slam Poetry", "Moz Slam", atividades artísticas, festivais e encontros literários, além de campanhas em favor dos Direitos Humanos. Criou o projeto "Palavras São Palavras". Foi homenageada no Brasil, através da "Coleção Sou África", uma linha de vestidos, inspirada em seu poema "sou África".

sou África...

de olhos brancos
Que sente nos poros
A nascença da humanidade
Vidas do transacto tempo
Que nascem do rio da minha respiração
África sou
Meu pretérito ferido pela escravidão
Meus olhos com sonhos da imensidão
Outrora fustigada pela solidão
Sólida hoje, viva na vida dos meus filhos

11 Os dados biográficos da autora e os poemas citados estão disponíveis em <https://www.sermosgaliza.gal/articulo/lusofonia/africa-olhos-brancos/20160119184603044166.html>; <https://www.mmo.co.mz/entretenimento/poetisa-enia-lipanga-revela-que-ha-pouca-colaboracao-da-midia-na-divulgacao-da-poesia>; <https://www.contioutra.com/sou-africa/>; modosdeolhar.blogspot.com/2015/05/enia-lipanga-mocambique.html; <https://www.mapadasartes.co.mz/eventos/1120>; <https://mbengamz.wordpress.com/2018/01/10/0papo-cultura-palavras-sao-palavras/>; e <https://www.contioutra.com/capulana-um-lindo-poema-da-escritora-mocambicana-enia-lipanga/>. Acesso em 13.01.2019.

África rasgada em lágrimas na então esfera
Renascida e cheia de esperança
Em meu ventre...
frutos da minha perseverança
Sou mãe...
pois ofereço a atmosfera
Bela e cheia de cores da natureza
Colorida de águas, banhada de infância
África de bela beleza.

Nessa esteira de ode e exultação à África da voz materna de "sou África...", sinalizam-se as Capulanas. Elas são elementos que compõem o vestuário feminino tradicional de Moçambique e, com outras denominações, de outras regiões do continente africano, das diásporas e de outras partes do mundo. Sob a mira dos repertórios culturais moçambicanos, elas mobilizam simbologias, sentidos de existir, individual e coletivamente, e modos circunstanciados e construídos de ser e estar de mulheres moçambicanas. Elas "dizem" das mulheres, memórias, tradições, histórias e culturas em Moçambique. Elas constroem e são, a um só tempo, demarcam identidades. Neste sentido, compõem o legado e patrimônio culturais desse país.

É, neste íterim, que se circunscrevem a recorrência das capulanas na dicção literária de escritoras moçambicanas. Tal referência oscila de significações, ora ela resguarda vestígios da tradição (passado) ora elas apontam fios e fiapos de memórias, de ressignificações e fortalecimento de identidades de corpos e segmentos socioculturais que se querem africanos, valorizados e empoderados, como em "Capulana", poema de Énia Lipanga.

A semelhança dos teus traços de mamana
Que coberta de uma humilde capulana
Menina de cores d'África
Onde os paços que perfumam becos

Esbanjam beleza
Mucume disfarçado em natureza
Capulana,
Enrolando a moldura de curvas moçambicanas
Cobrindo as fofocas das mamas
Que semeiam simpatia da nossa terra
Valorizando a postura
E criando sedução aos olhos da cintura
Capulanizando gostos
És de forma delicada enrolada em cérebros
Que moldam rostos
Viva, pois esta viva
De cor aos amantes
Mais vida, aos amores
Deixa e tape as colantes
E seduza nossos senhores
Assim como a cultura quando cose
Africanize as europeias de Moz
De como espelho as cocuanas
Que são fieis a marrabenta
E ignoram, o semba
Que valorizam suas tradições e
criam de volta da fogueira suas canções
Por baixo do que cobras
Há fogo,
Fogo que arde
Mulheres lindas, moçambicanas obras de arte
Que acolhem vida, vinda de qualquer parte
Capulana, capulana,
Siga todas a fulanas que te ti se abstêm
Capulana, capulana
Ame todas as fulanas
Que de ti são reféns

Em "Capulanas", de Sónia Sultuane¹², um eu de enunciação feminino mostra a sua decisão por deixar no mar seu "baú" para buscar sua libertação de práticas e tradições que lhe aprisionam e lhe impedem outros voos mais longe e preservar seus sonhos como mulher.

Amarro a vida aos nós do embalo de bebé
coso a minha fé com as linhas da mão.

atiro ao mar as sete chaves do baú
das capulanas já escolhidas
pois ainda quero voar distante

guardo os ensinamentos da minha avó
na alcofa esquecida da adolescência

cubro-me como o manto da poesia
para que meus sonhos de infância não sejam roubados.

(SULTUANE, 2009, p. 71)

Aqui o mar é o guardador das chaves do baú onde abriga memórias e ensinamentos que, ao longo do tempo, também se transmutam em memórias. Lá estão as "sete chaves do baú" apenas, pois o vivido e as aprendizagens acompanharão a voz da enunciação. Assim o sujeito poético as reconhece como parte de um passado importante, reverberado no presente, logo não deve ser desprezado ou abandonado e sim guardado no mar.

Capulanas e outros traços culturais estão presentes na produção literária de escritoras moçambicanas, mas também o amor, a dor, a morte, relações de gênero, sexo, erotismo, prazer, espiritualidade, o abandono, a natureza, dilemas humanos, mazelas sociais, sonhos, alegria, maternidade, dentre outros, desfilam na palavra literária de autoras moçambicanas.

12 É natural de Maputo, membro da Associação de Escritores Moçambicanos (AEMO). É artista plástica com participações individuais e coletivas nacionais e internacionais. Publicou os seguintes livros de poesias: *Sonhos, Poesia* (2001); *Imaginar o Poetizado, Poesia* (2006); *No Colo da Lua* (2009); e *Roda das Encantações, Poesia* (2016; 2018).

Cresces e fazes meus sonhos aos poucos
Pouco a pouco ocupas meu ventre oco
Palpitas vida no meu ser

Desenho teu rosto e nossos futuros amassos
Sinto teu primeiro caminhar minha filhota
Te moves na melodia dos meus passos
Me empurras em tuas inocentes cambalhotas

Cresces vida em mim
Fazes voar meu entusiasmo de te ter
Te apalpo mesmo coberta pelo ventre
E entre o vento me levavas a ansiedade
E me ocupas o corpo com teu crescer

E aos poucos vai se unindo a nossa eterna corda
Me fazes esperar e a vontade já transborda

Cresces vida em mim
Magia sem igual na terra
Me das paz e eu protejo-te desta guerra
Cresces a cada segundo que te espero

Cresces como a água no mar dormindo
Cresces tu, cresces, e la vais indo



<https://www.facebook.com/photo.php>

Eunice Matavele¹³: narradora de si entre o público e o privado

Eunice Matavele nasceu em 3 de setembro de 1977, em Maputo, Moçambique. Ela é Licenciada em Sociologia e Mestre em Saúde Pública pela Universidade Eduardo Mondlane, onde defendeu a dissertação "O Papel da Media na Construção das Percepções e Práticas Sociais sobre Malária".

Ela é apresentadora na Televisão de Moçambique (TVM), a emissora pública do país, onde é editora e âncora do programa *Defesa da vida*, tendo como foco a prevenção e o combate ao HIV-AIDS. Tem uma vasta experiência de televisão, inicialmente, adquirida na Rádio e Televisão Miramar, atualmente, Record Moçambique. É também jornalista e membro da "Associação dos Médicos Escritores e Artistas de Moçambique". Desenvolve trabalhos na área de Sociologia, com enfoque em saúde e integra equipes de pesquisa em várias ONG's que atuam no campo da saúde.

Ganhou o Prêmio de Comunicação para Saúde, atribuído pela Malária Consortium, e recebeu Menção Honrosa pela Rede Africana de Jornalistas e Investigadores Contra a Malária, sediada em Gana.

Publicou, em 2013, em Maputo, "Retalhos de uma vida", pela Associação de Escritores Moçambicanos (AEMO). O livro tem prefácios de dois escritores moçambicanos: o primeiro, Mia Couto, e o segundo, Juvenal Bucuane. Além dessas apresentações, tem o posfácio de Elísio Macamo, de Cabo Verde.

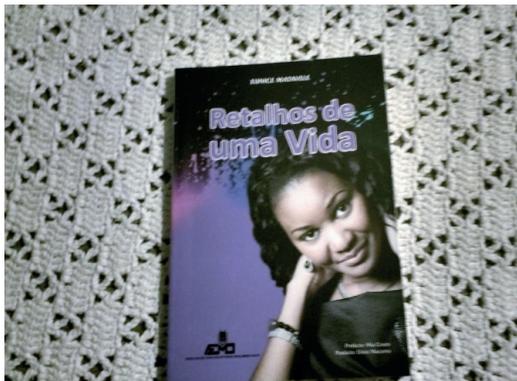
A autora narra, minuciosamente, momentos e experiências vividos como apresentadora do programa "Defesa da vida", da TVM, tendo como foco a prevenção e o combate ao HIV-AIDS. A narrativa engrandece, na medida em que extrapola as peculiaridades de um programa interativo e interesse social e comunitário. Nessa dimensão,

13 As informações biográficas presentes neste texto foram encontradas na contracapa e orelha do livro aqui citado.

sobressaem os relatos sobre as viagens pelo interior de Moçambique para realizar encontros com pessoas e grupos sobre temas e interesses do programa e entrecruzamentos entre a sua vida pública e a privada.

De sua atuação e compromisso com as finalidades do seu trabalho profissional e da dedicação ao enfrentamento e à prevenção do HIV-AIDS, derivam o tema do livro, bem como problemas nas relações familiares e o boato de que ela é soropositiva. Tal equívoco, associado às intervenções de outras personagens das cenas, soa, mediante tanta dramaticidade, quase como verdade incontestável, além de nutrir as narrativas da autora-protagonista.

A obra, que se quer autobiográfica, reúne histórias sobre um mesmo tema, tornando-a exaustiva e repetitiva. Sem compromisso com linearidades, diacronias e sequencialidades, a autora-narradora não conta e ou ficcionaliza fragmentos da sua infância. Apesar disso, vale salientar a importância da narrativa-testemunho no tocante ao sucesso do desempenho profissional e da proeminência do trabalho social realizado pela autora.



Referência:

MUCAVELE, Eunice. **Retalhos de uma vida**. Maputo: AEMO, 2013.

Fátima Langa¹⁴: a yaapiipi¹⁵ da literatura infantil

Fátima José Correia Langa, conhecida como Fátima Langa, nasceu em 24 de junho 1953, em Bahanine, povoado de Chidenguele, Manjacaze, no interior da cidade de Xai-Xai, na província de Gaza, em Moçambique, e faleceu em 24 de junho de 2017. A sua língua materna era *cicope* pela qual ouviu, aprendeu e contou muitas histórias. Aprendeu a escrever e a falar em língua portuguesa aos 7 anos de idade. Aos 57 anos, em 2010, ingressou na Universidade Eduardo Mondlane, na Escola de Comunicação (ECA), onde se licenciou em Jornalismo.

Além de poesias, ela escreveu contos infantis. Publicou em revistas nacionais e estrangeiras e participou de eventos locais e internacionais, tais como o Simpósio Cultural do IILP, em Mindelo - Cabo Verde (2008); Fórum Cultural da CPLP, em Salvador, Bahia-Brasil (2009); a 13ª Exposição da FILIJ, Rio de Janeiro (2010); o XI EIDE, em Brasília, DF-Brasil (2014). Foi homenageada como Personalidade do Ano, em Brasília, em 2014, pela CICESP. Esteve presente nas conferências humanitárias nas cidades do Cabo e Johannesburgo, na África do Sul, e Solowezi, na Zâmbia.

Ela participou também de diversos concursos literários. Alcançou o segundo lugar do concurso literário "Três Contos de Três Mulheres", promovido pela UNESCO, com o texto "A Morte da Bela Acácia", em 1986. Galgou o 4º lugar do concurso, organizado pela Academia de Ciências e Letras do Conselheiro de Lafaiete-XX, do Brasil, com o conto "A Campa do Desconhecido", do qual ganhou uma Menção Honrosa com o conto "Xipamine".

Foi membro da Associação de Escritores Moçambicanos (AEMO) e membro fundadora da Associação MUCHEFA (Mulher Che-

14 As informações sobre a autora que constam neste texto são encontradas nas contracapas de suas obras e no site < www.palop.org >.

15 *Yaapiipi* significa avozinha, em emakhwa, uma das línguas maternas de Moçambique.

fe de Família). Criou, em 2015, a editora EMUJOMO (Editora Mulheres e Jovens Moçambicanos).

Fátima Langa publicou as seguintes: "Uma Jibóia no Congelador" (2004), em língua portuguesa, pela Imprensa Universitária; "Vhembeleti e outros" (2006), em português, pela CIEDIMA. Prefácio de Juvenal Bucuane; "O rapaz e a raposa" (2012), em português e cicope, pela Alcance Editores; "O coelho e a água" (2012), em português e cicope, pela Alcance Editores; "O leão, a mulher e a criança" (2014), em português e braile, pela AEMO (2013) e EMUJOMO (2016); "O galo e o coelho" (2015), em português e emakhuwa, pela EMUJOMO; "A gazela, o carneiro e o coelho" (2015) em português e shimakonde, pela EMUJOMO; "Ndinema e o final de ano" (2015), em português e echuwabo, pela EMUJOMO; "Memórias de uma enfermeira" (2016), em português, pela EMUJOMO.

Semelhante, de algum modo, ao estilo das fábulas, algumas narrativas infantis de Fátima Langa são curtas, em que os personagens, prevalentemente, são animais com características antropomórficas. Há nelas, entretanto, personagens humanas em diálogos e conflitos com animais personificados como o coelho, a gazela, o galo, o leão, a zebra, a cobra, a girafa, o búfalo, o cágado, o cachorro, o carneiro. Merecem destaques a recorrência do coelho e do seu perfil: preguiçoso, esperto e provocador de desordens e inimizades. Tais qualitativos aparecem em narrativas como "A gazela, o carneiro e o coelho" (2015) e em "O galo e o Coelho" (2015).

De suas obras publicadas, em apenas três, não há personificação de animais: "Vhembeleti e outros" (2006); "Ndinema e o final de ano" (2015); e "Memórias de uma enfermeira" (2016). Na primeira, há um possível ser inanimado, um anjo, que poderá ser a personagem Clarisse do conto *Anjinho*, no qual, há marcas, de algum modo, do realismo fantástico, movimento literário latino, o qual mistura o universo mágico à realidade, evidenciando elementos irrealis ou estranhos como algo habitual e banal. Na segunda, que considero a mais didática, apresenta-se com um índice menor de criatividade e imaginação em relação às

demais. E, na terceira, finalmente, em tom biográfico, o narrador relata momentos da vida de uma enfermeira, uma das tias da autora.

As narrativas figuradas de Fátima Langa possuem rastros pedagógicos e fazem analogias entre o cotidiano humano e as histórias vivenciadas pelas personagens, culminando com ensinamentos, comumente, chamados, nos contos infantis tradicionais, de lição de moral. Em seus contos, entretanto, não há tons moralistas ou dogmáticos. Alguns dilemas e problemas, vividos, no limiar da existência humana, são ficcionalizados e, ao final, sugerem-se, sem imposições ou autoritarismos, pistas de aprendizagem.

Das histórias escritas, despontam temas como violência, boas maneiras, civilidade, educação, morte, dores, desigualdades, respeito, ética, amizade, solidariedade etc. Pululam das narrativas temáticas como sofrimento físico, moral e psicológico de crianças personagens e também aqueles decorridos da fome e desigualdades.

Chamam a atenção ainda a morte de várias mães e pais dos contos, como nos contos "Vhembeleti" e "Vascuane" (2006), talvez para abordar a orfandade, realidade difícil, complexa e emergente de ser enfrentada entre as populações africanas de um modo geral. O provérbio africano "Pobre é aquele que vive na solidão ou é órfão", que circula em ambientes africanos quase como uma verdade inatingível e imutável, talvez ilustre ou nos ajude a mensurar tal importância do tema e a carga de sofrimento que permeia as personagens.

Ironia e emoção figuram as narrativas, tornando o propósito instrutivo leve, mas não menos atuante, necessário e atual. A linguagem e o discurso dos contos são sustentados pela oralidade, pois, ao lê-los, tem-se a impressão de que já foram, oralmente, (re) contados e ouvidos. Transitam também *rastros*¹⁶ (DERRIDA, 2004) da tradição oral, perceptíveis nas tramas, estruturas e desfechos das histórias, mas também nos vocábulos, princípios, imagens, costumes, ritos, dentre

16 Para J. Derrida (2004, p. 57), a escritura é uma cadeia de *rastros* (de significantes), ou seja, é aquilo que permite a atribuição de sentido a qualquer linguagem e não apenas à língua falada, já que toda linguagem é imotivada, sem origem e sem significado transcendental que lhe permita sentido. Ao contrário, possibilita rastros de outros rastros que costuram uma cadeia de sentido.

outros, presentes nos contos. Cor e cultural local (BHABHA, 2003) se sinalizam, inclusive, nos princípios e argumentos das narrativas.

Em Moçambique, tornou-se obrigatório o ensino de línguas maternas, por províncias, na educação básica. Vale destacar que apenas três de suas obras não são bilíngues, salientando, em todas, o português, uma em braile e as demais em línguas locais (das províncias) em que aparecem os contos. Outro recurso, igualmente importante, é a ilustração das obras. Além de muito colorida, é, ao mesmo tempo, diversa e com marcas culturais territoriais. Essas são relevantes estratégias editoriais, visto que a literatura infantil de Fátima Langa poderá mais facilmente chegar às várias regiões do país e, certamente, através da escola, formar e ampliar seu público leitor.

Criatividade e atualidade nutrem o imaginário e a escritura das prosas infantis da avozinha Fátima Langa, como ela assinava em seus livros, permeados de princípios educativos e didáticos, como é peculiar à escritura de lendas e narrativas infantis. Neste sentido, são propensas, visto que aguçam a ludicidade e fruição, mas também a formação humana, tradição oral e o conhecimento da fauna, flora, repertórios culturais e feitos de antepassados (as) de seus (suas) leitores (as) miúdos (as) e adultos (as).

Referências

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. 2. Impr. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

LANGA, Fátima. **Uma Jiboia no Congelador**. Maputo: Imprensa Universitária, 2004.

_____, Fátima. **Vhembeleti e outros**. Maputo: CIEDIMA, 2006.

_____, Fátima. **O rapaz e a raposa**. Maputo: Editora Alcance editores, 2012.

_____, Fátima. **O coelho e a água.** Maputo: Editora Alcance editores, 2012.

_____, Fátima. **O leão, a mulher e a criança.** Maputo: EMUJOMO, 2016.

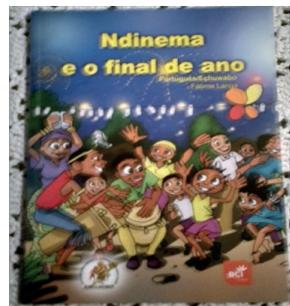
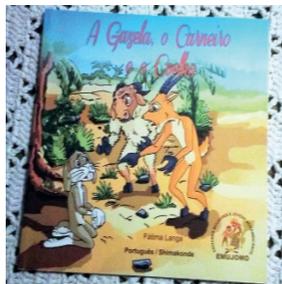
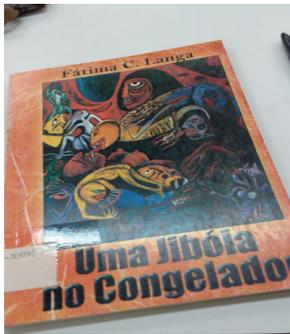
_____, Fátima. **O galo e o coelho.** Maputo: EMUJOMO, 2015.

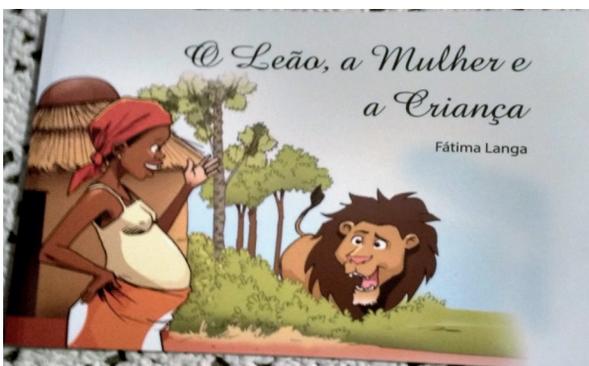
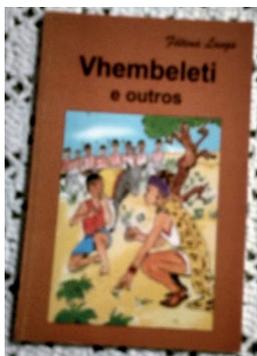
_____, Fátima. **A gazela, o carneiro e o coelho.** Maputo: EMUJOMO, 2015.

_____, Fátima. **Ndinema e o final de ano.** Maputo: EMUJOMO, 2015.

_____, Fátima. **Memórias de uma enfermeira.** Maputo: EMUJOMO, 2016.

PALOP. <www.palop.org>. Acesso em 2 de novembro de 2016.





Fotografia: Arquivo Pessoal



<https://www.google.com.br/search?q=f%C3%A1tima+langa&biw=>

Felismina Velho¹⁷: contadora de histórias infantis

Felismina Walters Velho nasceu em Nampula, Moçambique, em 13 de abril de 1965. Com pseudônimo de Tirinha, publicou poemas, em 1989, na "Página Juvenil de Notícias". Além de repórter, ela é contadora de histórias infantis. Em 2000, lançou os seguintes livros de contos infantis, pela editora Ndjira, Coleção Muana: "A menina de barro", "O professor gato e os seus alunos", "O galho e o mulharfe" e "O cágado e o pombo"¹⁸.

Publicou ainda os livros de literatura infantil "Mocho Comi!!!", pela Promedia, e "Chilendela Maconde foi riscada do mapa", pela Ndjira. As narrativas dessas obras se desenham com vocabulários e ambientes próximos da cultura e da tradição oral de Moçambique. As histórias são contadas com brevidade, simplicidade e espontaneidade, tal como as histórias orais, tradicionais e, quiçá, ancestrais, envolvidas por uma linguagem bastante cativante. São ricas de imagens que aguçam, certamente, não apenas o imaginário infantil, mas também de outros leitores que se arvoreem e se permitam viajar por mundos encantados, coloridos e musicais.

Referências

VELHO, Felismina. **A menina de barro**. Maputo: Editora Ndjira, 2000. Coleção Muana.

_____, Felismina. **O professor gato e os seus alunos**. Maputo: Editora Ndjira, 2000. Coleção Muana.

_____, Felismina. **O galho e o mulharfe**. Maputo: Editora Ndjira, 2000. Coleção Muana.

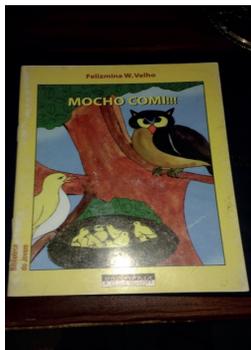
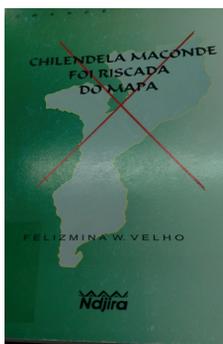
17 As duas últimas obras da autora foram consultadas na biblioteca do Centro Cultural Camões, do Consulado de Portugal em Maputo, Moçambique, no dia 30.09.2016. Nelas constam as informações da autora presentes neste texto.

18 Ainda não foi possível ter acesso a esses livros, apesar da permanente busca em livrarias, bibliotecas, arquivo em Maputo.

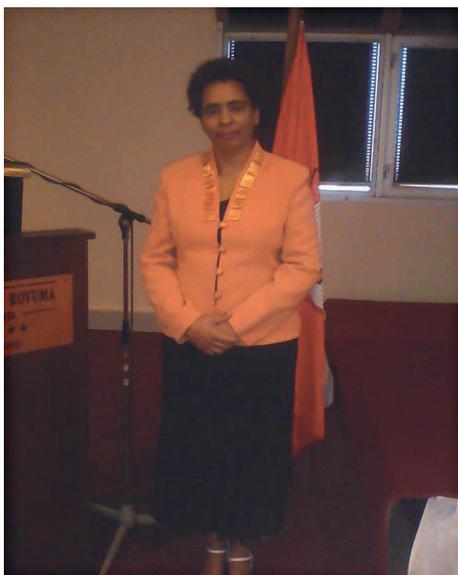
_____, Felismina. **O cágado e o pombo**. Maputo: Editora Ndjira, 2000. Coleção Muana.

_____, Felismina. **Mocho Comi!!!** Maputo: Promedia.

_____, Felismina. **Chilendela Maconde foi riscada do mapa**. Maputo: Editora Ndjira.



(Fotografia: Arquivo Pessoal)



<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2131768126914259&set=ecnf.100001234005291&type=3&theater>

Henriqueta Macuácuá: poeta de releituras de si e da realidade

Henriqueta Macuácuá nasceu em Maputo, em 29 de setembro de 1988. É Licenciada em Design pelo Instituto Superior de Artes e Cultura. Iniciou sua vida literária aos 15 anos, pelas trilhas do conto, ao ficcionalizar uma situação de discriminação que vivera no ambiente escolar, durante a educação básica. Como contista e poeta, é integrante do Movimento Literário Juvenil (MOLIJU) e membro da sua coordenação.

Participou, em 2015, da "Antologia poética, Sonhos, Caminhos & Lutas", do Movimento Literário Juvenil (MOLIJU), com os poemas "Ser criança" e "Escrever". Com uma escrita, predominantemente social e marcada pela simplicidade e misticismo, ela recria traços da realidade que lhe circunda e de si mesma.

Escrever

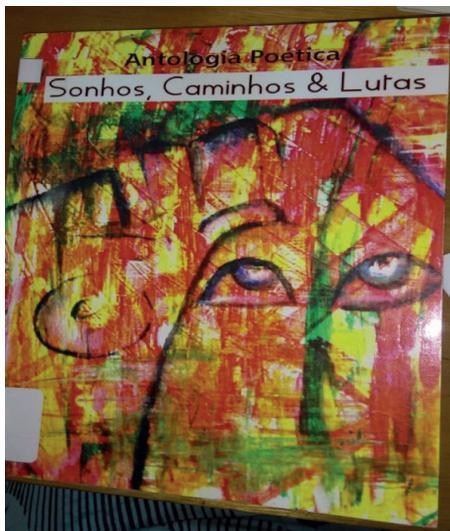
Escrever, arte que através dela
Expresso os meus sentimentos
Elo de novas amizades por criar

Escrever, mergulhar no universo
Das palavras, chorar angustiadamente
E sentir a emoção de quem as tem como
[seu ofício]

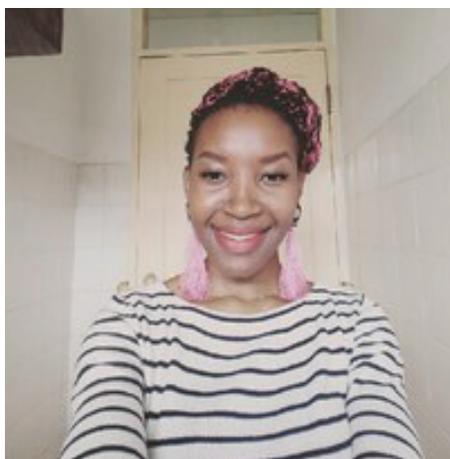
Escrever, flutuar no papel branco
Deixar a tinta escorrer, feito alma entregue
[à vida]
(MACUÁCUA, 2015, 42)

Referência

BARGA, Alex; INÁCIO, Stélio. **Antologia poética**. Sonhos, Caminhos & Lutas. Maputo: MOLIJU, 2015.



Fotografia: Arquivo Pessoal



<https://www.linkedin.com/in/henriqueta-macuacua-7447a2159>

Hirondina Joshua: entre olhares e sentidos poéticos

Hirondina Juliana Francisco Joshua¹⁹, mais conhecida por Hirondina Joshua, nasceu em Maputo, Moçambique, em 31 de Maio de 1987. Recebeu a menção extraordinária do Prêmio Mondiale di Poesia Nósside (Itália, edição 2014), oferecida pela diretoria internacional de poesia da Unesco, com a obra "Invenção".

Já participou de várias antologias nacionais e estrangeiras como em "Antologia" (Maputo, AEMO, 2006; 2008); "Antologia" (Maputo, Minerva, 2012); "Antologia" (Espanha, Amargord Ediciones, 2014). A autora tem textos publicados em jornais e revistas de Moçambique, Portugal, Angola, Galiza e Brasil, dentre as quais destacam-se as revistas Caliban, Zunái, Triplo V, Òmnira, Courier des Afriques, Acrobata, Sirrose, Literatas, Soletras, Missanga, de Moçambique, Pazes, Raízes, Por Dentro D'África, Conti Outra, do Brasil, Sermos Galiza, Palavra Comum, de Galiza, e da plataforma cultural Mbenga ARTES E REFLEXÕES, de Moçambique.

Já publicou "Os Ângulos da Casa", prefaciado por Mia Couto, pela Fundação Fernando Leite Couto. Moçambique, em 2016, e, em 2017, pela editora Penalux, no Brasil, lançou "Os Ângulos da Casa", também com prefácio Mia Couto. Nesses livros de poemas, a Casa se desenha como um lugar simbólico, psíquico, o não visível, mas perceptivo, um lócus de sentimentos. Publicou também o livro "Vácuos".

Abstracção

No fogo,
Reside a pupila abstracta do poema.
Ou um coração...

19 Informações sobre a autora e suas obras foram adquiridas através da contracapa de seus livros e do site <www.conexaolusofona.org/hirondina-joshua-uma-promessa-da-poesia-mocambicana->. Acesso em 03.04.2017.

No idioma soturno da língua.

Temáticas, como sexualidade, cotidiano, afetividade e erotismo, desfilam sobre ângulos, olhares e sentidos diferentes.

Adeus

Pretendo chegar a Deus
Sílaba a sílaba
Com sangue puro
Como quem luta
E nunca soube o que é lutar
Sou inerte
Na carne da substância pura:
Matéria do trabalho cósmico,
Fenómeno do fogo
"Strictu sensu".
Chamo a Deus
No semblante amorfo da música.
no ar procurando o dom do amor.

Hirodina se inscreve entre as cenas poéticas contemporâneas de Moçambique. Certamente, com sua palavra criativa e certa, fará ecoar suas vozes literárias dentro e fora de seu país.

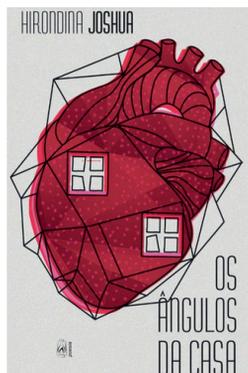
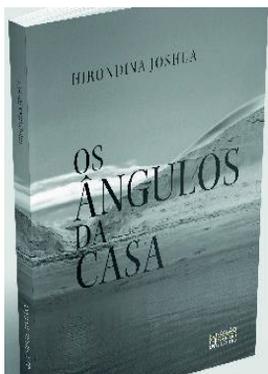
Invenção

De súbito,
o desejo despeja-se
no corpo inventado,
há uma contemplação invisível.
É momento de luz:
Uma mão pronuncia a voz do interior
e outra subjacente vagueia.

Referências

JOSHUA, Hirondina. **Os Ângulos da Casa**. Maputo: Fundação Leite Couto, 2016.

_____, Hirondina. **Os Ângulos da Casa**. Guaratinguetá, SP: Penalux, 2017.



<https://www.google.com.br/search?q=hirondina+joshua&tbn>

Isabel Ferrão: contadora de histórias entre o ontem e o hoje

Isabel Ferrão nasceu em Lapala, Nampula, norte de Moçambique. Ela é Licenciada em Ciências Jurídicas e graduada em Administração e Gestão. Foi funcionária do Banco de Moçambique, em Nampula. Atualmente é produtora de flores e plantas ornamentais e tem, em Beira, uma empresa de vendas desses alvitres.

Por ser filha de pais enfermeiros, que percorreram o país para socorrer os enfermos, Isabel conhece seu país e tem domínio de diversos repertórios culturais, históricos e sociais que lhe compõe, o que, certamente, colaborou para o desenvolvimento de sua obra "Amar sobre um Leito de Preconceitos", publicada em Maputo, pela Ndjira, em 2004, já na segunda edição, e prefaciada pelo escritor Aldino Muianga.

A narrativa desse romance acontece em Moçambique no cenário da guerra civil. É tecida e adornada por inventivos e envolventes testemunhos de cenas familiares, preconceitos e de conflitos culturais, raciais e rituais. Há um tom apelativo de transformação dessas realidades em possíveis experiências de amor, harmonia e boa convivência. Pululam, neste sentido, as lutas constantes contra a discriminação da mulher e pela sua emancipação, foco narrativo e temático relevante da obra, o que nos assegura também a aproximação entre realidade e ficção. Assim, há momentos narrativos em que dados biográficos da autora parecem se confluír e ou confundir com as características e destinos das personagens *Nadwa e Makuve*.

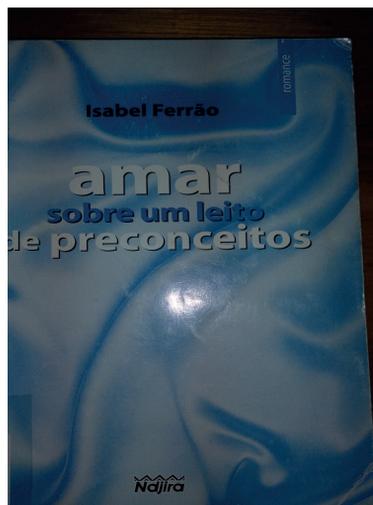
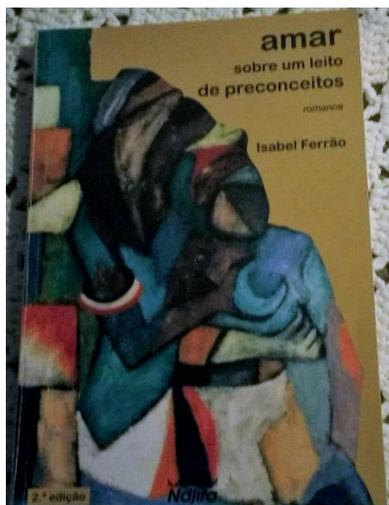
O livro se desenvolve a partir da narração da cerimônia tradicional da boda de casamento das personagens *Ndawa*, filha mais nova do casal *Makuve e Calizeni*, e Risto, o noivo. Ela enfrenta vários problemas advindos do preconceito racial e social, repetindo a história da mãe. Com esse princípio narrativo e argumentativo e dessas figuras, desfilam outras personagens; outras histórias são contadas,

bem como práticas culturais tradicionais encenadas e postas em contrastes mediante a onda cosmopolita, a interculturalidade, os efeitos inevitáveis do capitalismo e, por conseguinte, da globalização e dos preconceitos.

Com uma linguagem simples e personagens com cores, etnias, arquétipos, ritos, costumes, histórias e natureza locais, seus capítulos seguem, ousadamente, imbuídos de emoções, experiências, traços culturais e reflexões sobre os temas e fatos encenados. Assim rememora um doloroso passado histórico de Moçambique, mas que encontra ecos e ressonâncias em outras partes do mundo e figura, enaltecendo-as, possibilidades de respeito e de convivência com as diferenças e diversidades.

Referência

FERRÃO, Isabel. **Amar sobre um Leito de Preconceitos**. Maputo: Editora Ndjira, 2004.



Fotografia: Arquivo Pessoal



<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=>

Isabel Gil²⁰: poeta dos mafunas²¹

Isabel Santos Gil nasceu em 15 de maio de 1964, em Maputo. É Licenciada em Línguas e Literaturas Clássicas, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal.

Em 2010, publicou o livro "CantoPoemas sobre meninos e pássaros", pela Alcance Editores, em coautoria com Marcelo Soriano, ilustrado por Luís Lage, pré e posfaciado por seus autores e introdução do escritor moçambicano Calane da Silva. O livro divide-se em duas partes. Cada uma delas com 17 poemas: na primeira, intitulada "A cidade dos Mufanas", constam as poesias de Marcelo Soriano e, na segunda, "Pé-de-Moleque", as de Isabel Gil.

"CantoPoemas" é resultado de contatos e conversas virtuais, pela internet, entre esses autores. Após muitas trocas de ideias e imagens sobre assuntos diversos e, sobretudo, crianças do Brasil, naturalidade de Marcelo Soriano, e de Moçambique, origem de Isabel Gil, cruzam palavras poéticas das quais advém este livro.

Giz a Galope

A senhora professora zanga sempre
e ele rouba e rouba o giz da escola

a senhora professora não sabe
mas quando chega a casa
jaiminho pinta cavalinhos na parede
e brinca com eles

20 Os dados biográficos da autora, neste texto, foram retiradas da contracapa do livro citado.

21 *Mafuna*, palavra de origem bantu, significa *criança*.

no dia seguinte aparece
com o cabelo ainda despenteado
e a senhora professora não imagina
que foi o giz da escola
quem o levou a passear
(GIL, 2010, p. 45)

Os poemas-narrativas de Isabel Gil apresentam perplexidades e questionamentos sobre a vida de "moleques-mafunas", em especial, das crianças pobres e de ambientes em que elas travam, socioeconomicamente, suas relações e buscam modos de viver a sua infância.

O senhor engenheiro

o carrinho ele fez de latas vazias de leite condensado
Cruz Azul
rodas são tampinhas que apanhou na barraca da titia Marta

o passeio ele tem pra carrinho andar
e buzina ele faz com a boca dele mesmo

falta só o semáforo
menino há-de-inventar um
(GIL, 2010, p. 40)

Neles também são compartilhados humanismos, sonhos e esperanças de vozes poéticas mediante o cotidiano das crianças como bem afirma Calane da Silva (2010).

Carreirinho azul

a menina da areia
sempre quis o outro lado do mar

água era estrada, ela sabia,
carreirinho azul
e do outro lado morava
um menino de areia
ela tinha a certeza

um dia fez tranças bonitas
pôs missangas
e enrolou-se
na capulana da mãe

e foi
descalça
porque água não pica os pés

nunca mais soube dela
nunca mais ninguém a viu
só nós dois sabemos que agora
os dois meninos de areia
têm olhos misturados
quando dançam
naquela beirinha do mar
(GIL, 2010, p. 60)

Com um estilo poético, narrativo e também dramático, sobressai nos poemas "[...] a subjetividade linguístico-metafórica, psico-emocional e também estética inerente à fala e à escrita comum e, mais acentuadamente, a palavra artística, igualmente falada ou escrita [...]" (SILVA, 2010, p. 4).

"Tá-se Benz"

não sabe ler a palavra Mercedes
só sabe que gosta muito da estrelinha

aquele estrelinha que brilha tanto
tirou-a do carro do Sr. Joaquim
quando ele foi pró Zambi
e o deixou a guardar

carro não precisa daquela estrelinha
pra andar
(GIL, 2010, p. 49)

Em "CantoPoemas", denota-se, de acordo com Calane da Silva, "[...] inter-relações e mútuas interferência estilístico-poéticas" (SILVA, 2010, p. 4).

Amor XL

olha, olha os barcos
cada vez mais pequeninos
diz a titia

e a boca do menino pergunta
porquê

'tão a ir prá Inhaca
tudo o que se afasta fica assim
mais pequeno
mal se vê
depois desaparece
(é a voz da titia
quem jura)

mentira
'tás a mentir
a minha mãe foi embora
mas

ela é muito grande
mãe da gente nunca encolhe
(é a boca do menino
a ensinar)
(GIL, 2010, p. 56)

Neles também pululam apelos poéticos de acolhimento e inclusão social de crianças no Brasil e em Moçambique.

A loja vermelha

é um vermelho grande
enche a parede toda da loja
e tem letras
dizem coca-cola

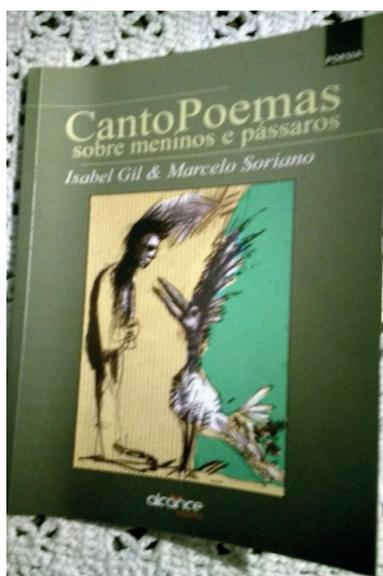
ela tem um medo
que não conta pra ninguém
(menina não pode ter medo de cores
cores não são bicho não mordem
amigas iam rir dela)

mas é um vermelho tão igual
mas tão igual
ao sangue das feridas
que a menina
muda sempre para o outro lado da rua
(GIL, 2010, p. 52)

Referências

SILVA, Calane da. Introdução. In: GIL, Isabel & SORIANO, Marcelo. **CantoPoemas sobre meninos e pássaros**. Maputo: Alcance editores, 2010.

GIL, Isabel & SORIANO, Marcelo. **CantoPoemas sobre meninos e pássaros**. Maputo: Alcance editores, 2010.



Fotografia: Arquivo Pessoal

Lica Sebastião²²: entre silêncios, esperas e saudades poéticas

Lica Sebastião é natural de Maputo, Moçambique, nasceu em 1963. É Licenciada em Ensino de português pelo Instituto Superior Pedagógico. É professora e pintora. É membro do Núcleo de Arte e da Lowveld Arts Association, Nelspruit e do "Núcleo de Arte", em Maputo.

Já participou de diversas exposições coletivas e realizou mostras individuais. Publicou, em coautoria, vários livros didáticos em língua portuguesa. É também autora dos livros "Poemas sem véu" (2011), publicado em Maputo; "Ciclos da minha alma - Cidade, Sol e Vento" (2015), editado pela editora Chiado, em Lisboa, Portugal; e de "terra, vento e fogo" (2015), publicado no Brasil, pela Kapulana editora.

A obra "Poemas sem véu" (2011), prefaciado por Francisco Noa, tem cinquenta e um poemas, tecidos com versos curtos, podendo alguns deles ser reconhecidos - e, quiçá, confundidos - como epígrafes como, por exemplo, em "Sem magia e Último verso", respectivamente.

No busca-que-busca incessante de um clímax.

E o amor esquecido

No bafiento armário da frustração.

(SEBASTIÃO, 2011, p. 10)

Homo sapiens, o que vais fazer quando a catástrofe chegar ao teu planeta;

(SEBASTIÃO, 2011, p. 58)

Os poemas, no entanto, são tão precisos quanto tocantes e densos de sentidos como em, respectivamente, em "Espera" e "Poema Minimalista".

22 As informações sobre a autora, contidas neste ensaio, foram encontradas nas contracapas de seus livros também aqui citados.

Amor,

Embriago-me com os cheiros impuros da cidade
E com o vento do início do estio
E com o sal das lágrimas.

Espero por ti.
(SEBASTIÃO, 2011, p. 16)

Na minha terra,
ninguém se faz ao mar.
Há temores de que o barco
não ancore no seu porto.
(SEBASTIÃO, 2011, p. 52)

Sinestésias, utilizadas de modo astucioso, hibridizam-se com "[...] sensações cromáticas, sonoras e de movimento [...]" como assevera o docente e pesquisador moçambicano Francisco Noa (2011, p. 5), no prefácio, e se contornam, respectivamente, em "Lembrança volátil", "Sonha" e "Receita para colorir".

Há lembranças que irradiam
Aromas e fragrâncias, umas vezes,
E odores estranhos, outras.
Canela, terra, caju, fermento, goiaba...
(SEBASTIÃO, 2011, p. 17)

Os pensamentos sombrios ofuscam a imaginação.

Experimenta temperar
o riso desafiador do teu filho púbere
e a lembrança do cheiro a caju;
castiga-me com silêncios
e liberta-te de um orgasmo impaciente.

Fantasia e renova a inocência que ainda não se perdeu.
Agora, sonha.

(SEBASTIÃO, 2011, p. 45)
Junte-lhe vermelho e preto,
obterá castanhos.
Branco e vermelho;
o cor de rosa.

Agora, reinvente pigmentos, amasse-os
e obterá a cor da terra e da pujança, do mar e da boa crença.
(SEBASTIÃO, 2011, p. 55)

Tais recursos figurativos colaboram, eficazmente, com a exibição de múltiplos lirismos que passeiam pelo livro: nostálgico, apaixonado e inquietante (NOA, 2011).

Tanto por dizer...

Querido,
quando me refiro a ti
socorro-me de aspas,
reticências,
apóstrofes.

Fica tanto por dizer...
(SEBASTIÃO, 2011, p. 46)

Ressaca

Numa incessante busca
compra uma dose, deita-a na prata, queima-a;
Fuma-a.
E é a descida, a adrenalina, a espiral.

Depois o pesadelo,
a prisão.
(SEBASTIÃO, 2011, p. 285)

Saudade, espera, silêncio e ausência são signos que compõem princípios e argumentos das tessituras poéticas que integram o livro. Seu título indica a ousadia da autora nos *jogos*²³ (DERRIDA, 2004) discursivos que realiza com essas e outras palavras. Mas tal audácia se prolonga no modo de desvelar (inventar poeticamente) sentimentos, a si mesma e mundos que lhe circundam.

Saudade

Quando a saudade chegar
a querer fustigar
e mesclar a minha alma com melancolia
como se atravessasse o deserto ventoso,
de mil cores, pastéis-alaranjados, amarelo-violáceos,
vou juntar todos os pedacinhos de ternura
que me deixaste no corpo e na memória
e com eles alimentar o meu coração.
Depois, no sossego do meu ser,
vou adormecer.
(SEBASTIÃO, 2011, p. 9)

O livro "de terra, vento e fogo" (2015), além dos prefácio e posfácio da docente, ensaísta e pesquisadora moçambicana Teresa Manjate, reúne quarenta poemas, curiosamente, enumerados e não nominados. Nele desfilam exposições de alegrias, procuras, temores e angústias de vozes poéticas.

O meu sexo é uma casa com nuvens
e finíssimos cursos de água.
Tu esperas à porta e és o sol.

23 *Jogos* aqui são entendidos conforme o sentido atribuído por Jacques Derrida (2004, p. 61): "[...] podemos denominar jogo a ausência de significado transcendental como limitação do jogo, isto é, como abalamento da onto-teologia e da metafísica da presença [...]".

Atravessas-me e fazes uma dança frenética
e eu deságuo,
grata..

(SEBASTIÃO, 2015, p. 23)

Minha jangada solta, colhe-me um feixe de flores silvestres
nas margens.

Grava o meu curto nome na casca da maior árvore na foz.
Jangada no meu rio, por que navegas para longe?

(SEBASTIÃO, 2015, p. 31)

Monólogos de sal
Cinza, verde ou azul?
Rendas de espuma branca.

Que medo da imensidão...
Que da cor desse amor!
(SEBASTIÃO, 2015, p. 91)

Questionamentos estão presentes, explicitamente, em treze poemas, tal como ocorre em versos de *What am I to you?* (p. 20), "Emprestas-me um beijo" (p. 24), "Retrato do meu amigo" (p. 24), "Filosofando" (p. 36), "O ano passou" (p. 50), de "Poemas sem véu" (2011), demonstrando inquietações que perseguem sujeitos de enunciadores dos poemas.

Neste mundo há gente de olhos encharcados e cheios de desespero.

São os fracos?

Há gigantes com um exército e que se adornam de quase tudo.

São os venturosos?

E há os revoltados.

Incompreendidos?

Há os que amam por amar do fundo do seus ser.

Tolos.

Por que estou eu nesta escala?

(SEBASTIÃO, 2015, p. 45)

Elementos da natureza são recorrentes na poética dessa obra. Do seu total de poesias, em dez, águas desfilam, performaticamente, envoltas a sensações, cheiros e sabores, em seus versos, em formas de lágrimas, oceanos, mares, ondas e rios. Talvez por isso á agua esteja ausente do título que remete a três dos quatro elementos da natureza: terra, ar e fogo. De fato, "[...] a água, de forma sorrateira invade os versos e se impõe", assevera, no prefácio desse livro, Teresa Manjate (2015).

O que aconteceu entre o meu jardim e o teu?

Por que não ouviste a minha música
e não percebi eu a tua partitura?

Parecia que as tuas ondas corriam para o mar.

E que as minhas avolumavam os rios.

Nada mais natural.

Amor cíclico.

Assim se interceptam as raízes mais vivas.

Assim retornam os aromas, o chão enxuto, as hibiscos vermelhos

... em nós.

(SEBASTIÃO, 2015, p. 79)

Além de tais elementos naturais, também, os vegetais, sobretudo as flores (p. 57; 75; 85; 89), como *rosa*, *bungavílias* (p. 85), cravo (p. 33; 47) aparecem em vários versos de "Poemas sem véu" (2011). *Hibiscos vermelhos*, por exemplo, transitam em vários poemas.

Continuo a colher-te hibiscos todos os dias.

Pontuo as nuvem com eles. Não cabem numa só jarra.

Uso sempre um na orelha ou no cabelo. Vermelho, cinco pétalas.
Não, não mudei. São as mesmas emoções.

Às vezes, sou assaltada por pensamentos.
E pensamentos são crus. Nus. Escarpados. Necessários.

Mas, não mudei, meu hibisco matizado!
São as mesmas emoções.
(SEBASTIÃO, 2015, p. 81)

Lembranças e saudades, perfilhadas de subjetividades, constroem lirismos associados a outros signos e significações às experiências, frustrações, decepções e expectativas de eu (s) líricos.

Um canto, um hino, uma ode,
Uma canção que diz promessas.
E o coro confirma,
e afina-se.

Uma canção canta em mim,
escolho as palavras mais puras.
Só tu, amor de sempre,
da adolescência e da curva da idade,
para me fazeres cantar esta muda canção.
(SEBASTIÃO, 2015, p. 37)

Os meus olhos marejados de água
e o nó da saudade persiste.
De dia as lides e o labor disfarçam,
até sorrio ao sol e à brisa rara.
À noite cerram-se as sombras,
então qualquer *love song* me traz lembranças.

É uma realidade doce que dói.
(SEBASTIÃO, 2015, p. 35)

A poesia de Lica Sebastião, portanto, convida a alimentar, com lirismo, a existência, sem ilusões e conjecturas fantasiosas. Ao contrário, instiga a cantar o hodierno, com suas vicissitudes e inerências, reinventando-o e indagando-o, inclusive, poeticamente.

À cabeceira repousa um retrato teu, emoldurado.
Quero falar-te nas madrugadas de insónia branca.
Esqueço-me, por vezes, das tuas feições
e, então, revejo-te mais vivo e verdadeiro, ali,
qual carícia inventada pelas sombras.
(SEBASTIÃO, 2015, p. 25)

Referências

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

MANJATE, Teresa. Prefácio. In: SEBASTIÃO, Lica. **Poemas sem véu**. Maputo: Alcance editores, 2011.

SEBASTIÃO, Lica. **Poemas sem véu**. Maputo: Alcance editores, 2011.

_____, Lica. **Ciclos da minha alma** - Cidade, Sol e Vento. Lisboa: Editora Chiado, 2015.

_____, Lica. **de terra, vento e fogo**. São Paulo: Kapulana editora, 2015.



Fotografia: Arquivo Pessoal



<https://www.google.com.br/search?q=lica+sebasti%C3%A3o&source=lnms&tbm>

Lídia Mussá²⁴: entre ficção e realidade

Lídia Mussá é natural de Moçambique, jornalista e Bacharel em Direito. Publicou o seu primeiro livro "O Lado Oculto"²⁵, em 2015, pela Fundac, em Maputo. Essa obra tem o prefácio do psicólogo Bóia Efraime Júnior e apresentação de Lucílio Manjate e Carlos Paradona; posicionamentos e explicações de estudiosos e religiosos afins à sua abordagem. Essa obra trata dos maridos espirituais em Moçambique, tema tão complexo e imbuído de ambivalências e reúne relatos e histórias de pessoas, sobretudo mulheres, que, de algum modo, conviveram com *maridos espirituais*.

Em um tom fantástico e confessional, inclusive pela própria peculiaridade e inerência do fenômeno demonstrado no livro, a autora apresenta depoimentos de mulheres que já viveram (e de outras que ainda vivem) o drama e o sofrimento de ter *marido espiritual* em Moçambique. Assim "O Lado Oculto" traz à tona experiências dolorosas de mulheres moçambicanas subjugadas e condenadas por sagas provocadas por seus ancestrais.

Quase como uma sina tal situação, ainda hoje, afeta mulheres nas Costas do Oceano Índico, justificada, por vezes, por problemas espirituais ou psicológicos. Os *maridos espirituais*, desse modo, compõem o imaginário de muitas culturas dos povos Bantu, em África, mas também em outras civilizações das Américas, como se confere no prefácio de "O Lado Oculto".

De acordo com os relatos presentes nesse livro, tais *maridos* não se justificam ou se esbarram apenas em fantasias e exercícios de imagi-

24 Informações sobre a autora e a sua obra estão disponíveis, dentre outros, em www.jornaldomingo.co.mz/index.php/.3002-lidia-mussa-desvende-o-lado-oculto; <devezenuandario.blogspot.com/2014//dei-me-tempo-e-organizei-um-al-moco-em.h...>; e <www.verdade.co.mz/cultura/45435-ha-mulheres-condenadas-pelo-lado-oculto-da-vida>.

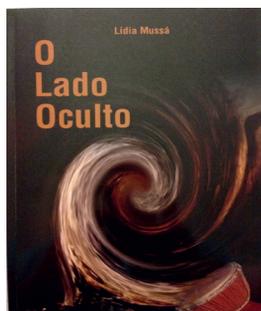
25 Tive acesso a esse livro na biblioteca do Centro Cultural Brasil-Moçambique, em Maputo, em 2016.

nação, uma vez que, de diversos modos, estão inseridos e imersos em muitas realidades e experiências de mulheres moçambicanas. Mais ainda, atribuem-*lhes*, como se denota nas vozes das entrevistadas da obra, possíveis razões de angústias, desespero, sofrimentos, infelicidades, perturbações mentais, dentre outros, males que *lhes* afetam (ou afetaram).

A leitura de "O Lado Oculto", além de aguçar a curiosidade, permite conhecer um pouco dos repertórios culturais de Moçambique, das relações de gênero nesse país e de sofrimentos e transtornos causados pelos *maridos espirituais* em mulheres e famílias moçambicanas.

Referência

MUSSÁ, Lídia. **O Lado Oculto**. Maputo: Fundac, 2015.



<https://www.google.com.br/search?q=lidia+mussa&source>

Lília Momplé²⁶: contista do cotidiano em Moçambique

Lília Maria Clara Carrière Momplé, conhecida como Lília Momplé, nasceu em Nampula, Moçambique, em 19 de março de 1935. Descende de uma família de diversos grupos étnicos, incluindo macua, francês, indiano, chinês e mauriciano. É Licenciada em Serviço Social, pelo Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa, em Portugal.

Já residiu, além de Portugal, no Brasil e na Inglaterra. Regressou a Moçambique em 1981, quando ingressou na Secretaria de Estado da Cultura, em Maputo. Foi diretora do Fundo para o Desenvolvimento Artístico e Cultural de Moçambique. É membro de honra da Associação de Escritores Moçambicanos, onde já exerceu o cargo Presidente e de Secretária-Geral entre os anos 1995-2001.

Representou Moçambique, entre 2001-2005, como membro do Conselho Executivo da UNESCO em Paris. É membro de honra em Literatura *Honorary Fellow in Literature da Universidade de Iowa, USA*. Faz parte do *International Who's Who of Authors and Writers*.

Ganhou o 1º Prêmio de Novelística do 1º Concurso Literário do Centenário de Maputo, com o conto "Caniço". Já o conto "Sonho de Alima" serviu de roteiro do Vídeo-Drama Muhipiti Alima, realizado pela PROMATE, o qual ganhou o Prêmio de Melhor Vídeo-Drama de Moçambique, em 1998. E, em 2012, recebeu o Prêmio Literário de Moçambique Prêmio José Craverinha de Literatura, pela sua dedicação à literatura.

Participou da "Antologia Open Spaces", com o conto "Stress", em 1999. Participou do Caine Prize for African Writing, edição 2001, com o conto *O Baile de Celina*, o qual foi um dos cinco contos selecionados entre os vinte países apresentados por escritores de 28 países.

Publicou "Ninguém matou Suhura. Estórias que ilustram a História" (1985, Contos). Esse foi o seu primeiro livro e contém cinco contos baseados em fatos reais do período colonial de Moçam-

26 Os dados biográficos da autora foram extraídos das contracapas de seus livros.

bique; "Os olhos da cabra verde" (Contos, 1997; 2a edição, 1999); "Neighbours" (Romance, 1996), já está na segunda edição. Essa obra também foi inspirada em fatos verídicos, ocorridos na década de 80; e, em 2013, lançou "Antologia de Contos. Todos os homens nascem iguais - o difícil é recordar disso". Tem obras traduzidas em inglês, alemão, francês, italiano e sueco. Já participou de várias antologias nacionais e internacionais e diversos de seus contos já foram adaptados para peças teatrais.

Suas narrativas revisitam o passado colonial de Moçambique, além de rerepresentarem os dilemas da constituição da identidade nacional e resignificarem a compreensão da realidade pós-colonial moçambicana. O tema educação está presente em distintos contos, talvez pela autora ter trabalhado, por muitos anos, como professora.

"Ninguém matou Suhura. Estórias que ilustram a História" (1985, Contos) já foi adaptado ao teatro por várias vezes e está na quinta edição. O livro reúne os contos "Aconteceu em Saua-Saua"; "Caniço"; "O baile de Celina"; "Ninguém matou Suhura"; e "O último pesadelo". O mais extenso deles, dividido em três seções, é o que intitula o livro e todos se baseiam em fatos reais, embora nem sempre coincidam com a realidade em tempos e locais, segundo a autora (1985).

A partir da cultura, vocabulário e paisagem local, as narrativas se destacam pelas personagens moçambicanas serem denominadas como negras; pelo sofrimento vivido pelas personagens, advindo da exploração do trabalho, nas plantações, do autoritarismo e das relações de poder no período colonial; e pelas personagens femininas, suas labutas e enfrentamentos das práticas de subserviência e de preconceitos.

"Os olhos da cabra verde" é um livro composto por seis contos também baseados, conforme a autora (1997), em fatos verídicos: "O sonho de Alima"; "Os olhos da cobra verde"; "Stress"; "Um canto para morrer"; "Xirove"; e "Era outra guerra". Têm como ambientes em Moçambique, situados entre o período da guerra civil e a segunda metade da década de 70, tempo da independência do país, até a assinatura do Acordo Geral de Paz, em 1995, na Itália. Seus contos retratam

as vicissitudes e atrocidades dos conflitos e guerras entre os grupos Frente de Libertação de Moçambique - FRELIMO e Resistência Nacional de Moçambique - Renamo (ALÓS, 2013), bem como recriam narrativas da independência, permeadas pela tradição cultural local.

"Neighbours" reúne dezesseis contos inéditos, antecedidos pelo texto da escritora "Breve informação sobre o título e a capa deste livro" (1999). As narrativas são distribuídas em cinco seções, curiosamente, intituladas por "19 horas", "21 horas", "23 horas", "1 hora" e "8 horas". Ficcionizam ocorrências "[...] em *três casas* diferentes, desde as 19 horas de um dia de Maio de 1985 até às 8 horas da manhã seguinte [...]" (MOMPLÉ, 1999, p. 5). Retratam práticas do regime Apartheid que afetaram e mataram moçambicanos mediante suas forças poderosas e hostis.

Em "Antologia de Contos. Todos os homens nascem iguais - o difícil é recordar disso", há sete contos já publicados anteriormente e um inédito "Uma bailarina para Sharmilla". Esse conto narra a história de Mark, jovem personagem negra, amarga e melancólica, que, sem muitos sonhos e perspectivas de realização humana e profissional, arrisca, sem sucesso, caminhos de sua sobrevivência e de seus familiares, ao ingressar no exército.

As narrativas de Lília Momplé se sobressaem pela criatividade e historicidade mediante o cotidiano da *Ilha*. Além disso, avultam a ficcionalização do cotidiano e, a um só tempo, de tempos históricos como o colonial e o pós-independência. Retrata dilemas graves da nação moçambicana, bem como de seus processos de desenvolvimento, construção de identidades e da literatura moçambicana.

Apesar disso, é pouco conhecida em circuitos culturais, literários e editoriais brasileiros, bem como em segmentos de estudos e pesquisas sobre literaturas africanas em língua portuguesa no Brasil. Essa é, infelizmente, uma situação ainda recorrente que acomete outras autoras aqui relacionadas e apresentadas.

Referências:

ALÓS, Anselmo Peres. **Os olhos da cabra verde**: Lília Momplé revisita o passado colonialista de Moçambique. ABRIL - Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF. Vol. 5, nº 10, Abril de 2013.

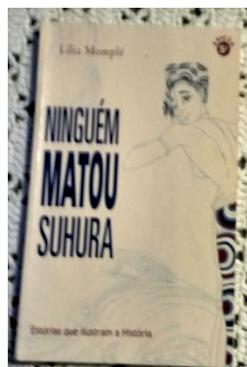
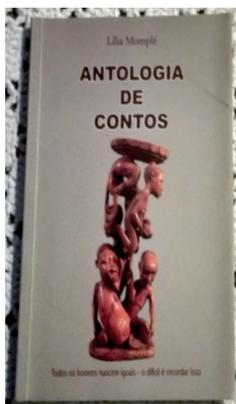
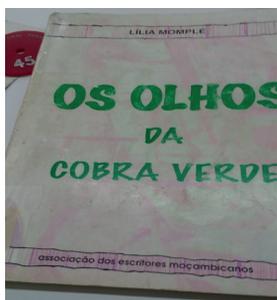
MOMPLÉ, Lília. *Breve informação sobre o título e a capa deste livro*. In: **Neighbours**. 2 ed. Maputo: AEMO, 1999.

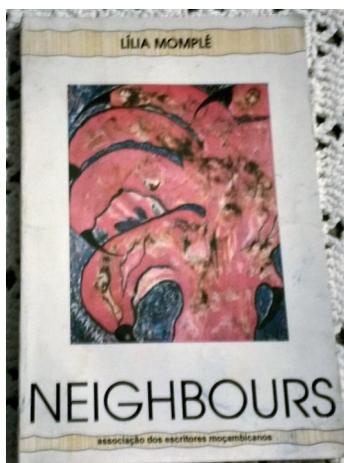
_____, Lília. *Ninguém matou Suhura. Estórias que ilustram a História*. Contos. 2 Ed. Maputo: Edição da autora, 1999.

_____, Lília. **Os olhos da cabra verde**, Contos. 2 ed. Maputo: AEMO, 1999.

_____, Lília. *Neighbours*, Romance. 2 ed. Maputo: AEMO, 1996. Coleção Karinganá, n. 7.

_____, Lília. **Antologia de Contos**. Todos os homens nascem iguais - o difícil é recordar disso. Maputo: AEMO, 2013.





Fotografia: Arquivo Pessoal



<https://www.google.com.br/search?q=l%C3%ADlia+mompl%C3%A9&-biw=1440&bih=783&tbm=>

Lina Magaia²⁷: voz literária militante

Lina Júlia Francisco Magaia nasceu em 1945, em Lourenço Marques, hoje Maputo- Moçambique, e faleceu em 27 de junho de 2011. Conhecida como Lina Magaia, foi Bacharel em Economia, escritora, jornalista e política moçambicana e, sobretudo, uma mulher de múltiplas facetas: de autora a soldado para libertar seu país do jugo colonial.

Fez parte do Núcleo dos Estudantes Secundários Africanos²⁸. Com uma bolsa de estudos, mudou-se para Portugal, em 1974, onde cursou Economia, em 1974, na Universidade de Lisboa. Retornou a Moçambique quando ocorreu a prisão de seu irmão Albino Magaia e se integrou à Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), na Tanzânia, na segunda metade dos anos 60, colaborando com a organização do Destacamento Feminino das Forças Populares de Libertação de Moçambique, na luta pela independência nacional. Foi uma anciã combatente da guerra para a Independência moçambicana.

Como defensora dos Direitos Humanos e do desenvolvimento da agricultura em Moçambique, foi eleita deputada, em 1994. Entre suas pautas, como militante e política, estavam, dentre outras, forjar uma revolução verde; reforma agrária, a produção de alimentos e o combate da criminalidade. Como escritora, publicou jornal "Notícias" e na revista "Tempo" e os seguintes livros: "Dumba-Nengue: Histórias Trágicas do Banditismo" (1987); "Duplo Massacre em Moçambique: Histórias Trágicas do Banditismo II" (1989); "Delehta: Pulos na Vida" (1994); "Recordações da Vovó Marta" (2011).

Nas duas primeiras obras, há narrativas que retrataram as atrocidades da Guerra Civil Moçambicana, entre 1977 e 1992, e as angústias,

27 Consultei as obras de Lina Magaia, em 2017, no Arquivo Municipal e na Universidade Politécnica em Maputo.

28 Dados biográficos da autora foram encontrados em contracapas dos livros e nos sites <https://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=2320>; <www.ikuska.com/Africa/Historia/biografias/m/magaia_lina.htm>; <<http://www.verdade.co.mz/cultura/20540-morreu-a-escritora-solidaria>>; e <<https://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=2320>>. Acesso em 10 de abril de 2017.

a guerra civil, genocídio praticado após a independência. Em "Delehta: Pulos na Vida" (1994) se denota uma narrativa marcada por rastros ficcionais e documentais. Já o seu último livro, "Recordações da Vovó Marta" (2011), com matiz biográfico, Lina Magaia registrou entrevistas realizadas, em tom de conversas informais, que teve com a Sra. Marta Mbocota Guebuza - mãe do Ex-Presidente Armando Emílio Guebuza -, de 99 anos, uma das anciãs mais velhas de Maputo até o período dos registros.

Como é previsível, conforme a trajetória de Lina Magaia e o curso de suas obras, na sua escrita ficção e realidade se apresentam juntas e com nuance de autoficcionalidade. As narrativas não são meros depoimentos, embora imbuídos de certa objetividade e coloquialidade. Ao contrário, se desenham com traços de subjetividades e de um percurso de vida marcado por ideais políticos e sociais, bem como apontar provocações sobre situações em conflitos e tensões de seus pais.

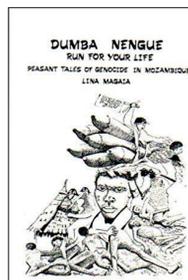
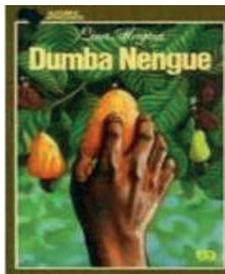
Referências

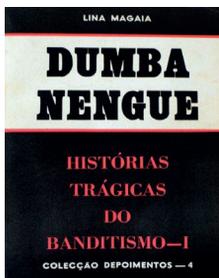
MAGAIA, Lina. **Dumba Nengue: Histórias trágicas do Banditismo**. Maputo, 1987.

_____, Lina. **Duplo Massacre em Moçambique: Histórias trágicas do Banditismo II**. Maputo, 1989.

_____, Lina. **Delehta: Pulos na Vida**. Maputo, 1994.

_____, Lina. **Recordações da Vovó Marta**. Maputo, 2011.





https://www.google.com.br/search?biw=1440&bih=783&ei=h3DTXKD5MO-XB5OUP2oC62Ag&q=lina+magaia&oq=lina+magaia&gs_l=psy-

Maria Bernadete Cipriano Roque²⁹: narradora de tradições

Maria Bernadete Cipriano Roque nasceu em Angônia, província de Tete, Moçambique, em 20 de julho de 1962. É Licenciada em Ensino de Física, pela Universidade Pedagógica, Delegação de Beira. Foi professora da área de eletricidade, entre 1984-2002, nas Escolas e Institutos Industriais de Tete e Beira. Foi Diretora Adjunta Pedagógica do Instituto Industrial e Comercial de Beira, entre 2001 e 2002. É diretora do Instituto Industrial e Comercial de Beira desde 2002.

Publicou, em 2008, em coautoria com Carlos Roque, seu esposo, o livro "Rainha do Bem" e a "Escola de Iniciação - A Identidade", Vol. I e Vol. II³⁰, Coleção Aventuras na Tradição, editado pelo Centro de Estudos de Democracia e Desenvolvimento (CEDE), com apoio da FDC.

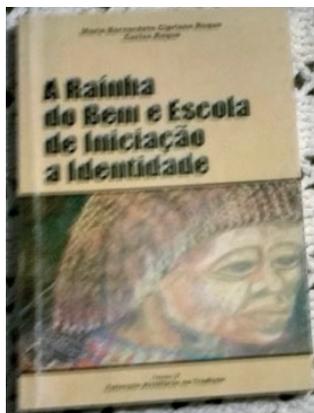
O romance é a continuação da história do livro "Casamento de Gorongosa com feitiço ou Identidade" (p. 7), conforme apresentação do livro. Narra, minuciosamente e com criatividade, processos tradicionais de iniciação de jovens e adolescentes femininas, através da história da cerimônia de casamento, também com costumes, traços e ritos tradicionais, da Donzela escolhida, personagem principal, a Rainha do Bem, até para os maus, a senhora esposa de Bisavô adulto e mãe de avô, filho de Gorongosa e de todas as famílias de Gorongosa, Morrumbala e Mambone (p.5).

Referência

ROQUE, Maria Bernadete Cipriano Roque; ROQUE, Carlos. **Rainha do Bem e a Escola de Iniciação - A Identidade**. Vol II. Maputo: CEDE, 2008. (Coleção Aventuras na Tradição).

29 Os dados biográficos da autora foram encontrados na contracapa de seu livro.

30 É provável que haja o Volume I dessa publicação. Até o momento, porém, não foi por mim encontrado, apesar da procura em bibliotecas, arquivos de Maputo. Presumo que seja o livro "Casamento de Gorongosa com feitiço ou Identidade", citado na p. 7. Só a continuidade da pesquisa confirmará ou não tal possibilidade.



Fotografia: Arquivo Pessoal

Melita Matsinhe³¹: uma poeta de palavras-cantadas

Melita Matsinhe é natural de Inhambane. É Mestre em História e musicóloga de formação. É professora, pianista e cantora, além de gestora de programas de Artes e Cultura e ativista social. Publicou, em 2017, o livro de poemas "Ignição dos Sonhos", pela Fundação Fernando Leite Couto.

Participa da antologia "Negras de lá,, Negras daqui", prosa e poesia, publicada pela editora Afrikanse, em São Paulo, em 20 de abril de 2019. Essa publicação reúne textos de 8 autoras de Moçambique, Brasil e Angola e compõe o projeto "Raízes", que se destaca por promover, incentivar e divulgar a literatura africana e a integração cultural.



(<https://www.google.com.br/search?q=melita+matsinhe&source=lnms&tbnm>)

31 Informações sobre a autora em opais.sapo.mz/algumas-vozes-femininas-na-poesia-mocambicana-do-seculo-xxi-cont-. Acesso em 20.03.2019.



<https://www.google.com.br/search?q=melita+matsinhe&source=lnms&tbm=isch&sa=>

Nilzete Monteiro³²: entre memórias e utopias poéticas

Nilzete Monteiro Gerônimo Cassamo, conhecida como Nilzete Monteiro, na cena literária, nasceu em Nampula, em 14 de outubro de 1972. É Bacharel em Comunicação e Recursos Humanos pela Universidade Católica de Moçambique e Licenciada em Psicologia e Pedagogia pela Universidade Pedagógica. É também graduada em Administração Pública pelo Instituto Superior de Administração Pública.

É funcionária pública, já tendo atuado na Direção Provincial para os assuntos dos Antigos Combatentes, em Nampula. Dirigiu a criação e a implantação do Centro de Capacitação em Administração Pública, Governança Local e Autárquica de Namalita, província de Nampula. Atualmente, trabalha na Secretaria Provincial de Nampula, na Inspeção Administrativa Provincial.

Recebeu o "Prêmio Revelação de Poesia", em 2008 e, em 2010, publicou, em Maputo, o livro "50 poemas da Nilzete", pela Associação de Escritores Moçambicanos, Coleção Início, nº 33.

Imbuídos de saudades, os versos trazem "memórias poéticas"³³ da infância e da vida em família, permeados com cores, sons, cheiros, signos, natureza, linguagens e geografias locais como, no longo poema, "A Palmeira".

Oh Palmeira minha amiga!
Plantei-te na minha terra
com minhas mãos ainda miúdas...
a vida que em ti transborda,
sugas desta terra,
minha terra!

32 Os dados biográficos da autora estão baseados em informações presentes na contracapa do livro.

33 *Memórias Poéticas*, neste texto, referem-se a modos de autoconstituição, atribuídas como *escritas de si*, conforme M. Foucault (1997).

Como o coco teu fruto
desta terra sou filha.
Tuas raízes agora profundas
mostram as minhas impregnadas
nesta terra noss!
Oh Palmeira minha amiga!
Tudo em ti é vida!
Teu tenro lanho feito coco
é leite sagrado para a minha gente
que adormece em teu braço *macumbe*
e se aconchega no calor dos teus *cafurros!*
Tamanho vida que de ti transborda,
quer das tuas folhas feitas *théthe e nhocas*
quer da água, da *muzamwa*
que geras e da deliciosa hoèma que jorras.
Oh Palmeira minha amiga!
Que por vezes cobres o meu
Horizonte, com teu verde tapete
Que de longe contemplo,
Num olhar recuado
Aos palmares da minha terra...
[...]
(MONTEIRO, 2010, p. 5-6)

É uma poética memorialista, pois agrega a literatura autoficcional (autobiografia), segundo Alba Olmi (2006), a qual se estabelece como uma autoficção e uma forma de constituição do sujeito. Assim os versos de Nilzete Monteiro, em alguma medida, de acordo com Luis Costa Lima (1986, p. 244), "[...] são substitutos dos espelhos [...]", uma vez que um eu se confessa, mostrando-se e refletindo imagens do sujeito enunciador por ele mesmo elaboradas. São, por isso mesmo, um dizer de si, uma vez que vozes poéticas relatam e reinventam suas pequenas e grandes narrativas.

Nota-se que *Palmeira*, além do nome do arbusto, no poema, é personificada, por isso a inicial maiúscula em toda recorrência nos versos. É também, neste ínterim, reconhecida como *amiga* da voz poética feminina.

Com o recurso metalinguístico, a poesia, travestida e tecida de palavras e sonoridades, é cantada, recursivamente, no livro.

Exacerbada

Exacerbada
é a minha poesia?!...
Exacerbada
é a minha esperança...
Pois é!
São-na porque
eu anseio o possível
num Mundo,
em que quase tudo
tem a cor da utopia....
Pois é!
A minha musa é exacerbada,
Exacerbada
a altura da sede de amor e carinho,
Pois é!
É exacerbada a minha esperança,
como os medos e anseios
da cor do batom, da maquilhagem
das tranças, das perucas,
mechas, alongamentos
e piercings...
É exacerbada a minha esperança,
como os medos e anseios
da cor das capulanas e lenços

da cor das tatuagens
das missangas do baixo ventre,
do fio dental,
da cor do *mussiro*,
das bijuterias e joias...
Da cor da mandiga
das advinhas
dos curandeiros
e do feitiço da garrafa.
[...]
Exacerbada
É a minha poesia;
Exacerbada:
É a minha esperança...
Pode ser que sim!
Pode ser que pareça ser...
Mas ela é uma esperança lúcida
[...]
(MONTEIRO, 2010, p. 32-33)

Nessa perspectiva, "Palavra" é uma das figuras relevantes para composição de seis títulos, tornando-se repetitiva.

As palavras

são demasiado vazias
para explicar o que vai a alma
(MONTEIRO, 2010, p. 12)

As palavras

são profundamente vazias
para expressar nossos

sentimentos
(MONTEIRO, 2010, p. 13)

As palavras

são demasiado vazias
para expressar
a subtileza de um olhar...
(MONTEIRO, 2010, p. 13)

Algumas vezes, aparece como foco argumentativo para trazer à tona a sua incipiência, os limites e a complexidade constituição de sentidos.

A aranha

Não te percas
Na aridez das palavras;
Se quiseres mesmo entender as palavras,
Pega na sua essência,
E com ela
Ergue o teu tear...
Qual a aranha mestra
Que constrói o seu tear
Com o seu âmago!
(MONTEIRO, 2010, p. 18)

Esperança, utopia, desespero, sonho, solidão, amor, paz, felicidade, conflitos são outros temas que se apresentam nos versos. Parece que a coletânea dos poemas quer "dizer" de um ontem, pessoal e coletivo, mas mais ainda de um hoje que se tece de realidades, sonhos, desejos e de um futuro que, embora utópico, se desenha com ressignificações e experiências, igualmente, individual e coletivamente.

Sonho

Antes,
muito antes,
com Josina, Noémia de Sousa e
todas as outras...
a urgência era a independência,
a emancipação, a liberdade
e a conquista do nacionalismo!

Hoje,
amanhã e sempre
o sonho é
escalar a pico
da pirâmide de Maslow...
E como tal destino
se confunde com utopia
a caminhada perdeu
a urgência
as mantém-se nela
a persistência do sonho...

E o sonho,
é a busca da
afirmação
e identidade feminina
desnuda de preconceitos
sustentada no embondeiro da
afirmação...

[...]

(MONTEIRO, 2010, p. 80-81)

Em diversos poemas, a mulher é (re) citada em títulos e versos. Diretamente, são dedicados a ela cinco títulos e, em versos e como tema, aparece em vários poemas.

Mulher

Tento seguir-te
mas não quero perseguir-te.
Tento alcançar o ideal
mesmo não sabendo se é o ideal!
Mostra-te,
e achei-te certo....
Não sei se serei
qual embondeiro que me viu nascer.
Tenho muito do que é teu,
sugo até da mesma seiva!
Não quero ser você...
Mas quero sim,
Ser igual a você...
(MONTEIRO, 2010, p. 50)

Eu (s) enunciadores, por sinal, quase todos femininos no livro, encenam, reinventando suas histórias, anseios, angústias e peripécias que suas existências lhes apresentam, em tempos, circunstâncias e lugares distintos.

Grito de mulher

Já basta de me torturar!
Deixa desatar
tudo o quanto nos liga,
pois, só o pensar me fatiga...
Preciso me libertar
destas mordanças que me maltratam
e são também partes do meu corpo.
Será que vale a pena!...
Beber dessa água salubre
que a sede não mata

e a minha alma maltrata?
Será que vale a pena!
Viver assim amordaçada?
Deixe-me libertar!
Preciso me libertar!...
(MONTEIRO, 2010, p. 42)

Moçambique e moçambicanidades demarcam territórios identidades de sujeitos poéticos no livro.

Moçambicana

Como negar tua beleza
se teu rosto tatuado
ou simplesmente de *mussiro*
pintado
realça tua natureza.
Como negar tua beleza
se tua pele tostada
ou simplesmente de café pintada
é negra como a lama
no contraste com a tua alma.
Como negar tua beleza
se os adorno de oiro
marfim concha ou pau
em tua pele
branca, vermelha ou negra
tem a mesma beleza.
Como negar tua beleza
se do tradicional, envolta em capulanas
e pele tatuada
ao clássica,
manténs a persistente luminosidade
da moçambicana que quero ter

e me orgulho de ser!
(MONTEIRO, 2010, p. 45)

Seus dramas e dilemas naturais, como seca e tempestades, e socioculturais, tais como poli e monogamia, também se tornam eixos temáticos de alguns poemas.

Um amor mais lindo

Inúmeras vezes
da poligamia
eram milhares de olhos masculinos,
centenas de milhares de olhos femininos!
Outras vezes,
via tristeza,
enorme a tristeza
no olhar de milhares de mulheres,
no olhar de centenas de homens...
E então eu pensava
quem dera poder habitar
tais corações,
p'ra desventrar tal tristeza!
[...]
(MONTEIRO, 2010, p. 63-63)

A tessitura poética de Nilzete Monteiro é tecida por muitos versos, a maioria, aproxima-se de narrativas em versos. Em seus longos e curtos poemas, desfilam vozes que visitam o seu passado, em interação com o presente e, de modo prospectivo, em sintonia com o porvir, no que tange as suas aspirações.

No livro "50 poemas da Nilzete", a pontuação tem marcas significativas. Reiteradamente reticências, pontos de exclamação e de interrogação aludem à incompletude dos versos e dos sentidos atribuídos. Há ainda o que se pensar, dizer e escrever poeticamente. As-

sim como a vida, a palavra poética continua em construção, pode se fazer e refazer a cada tempo, lugar e a cada cena.

Referências

FOUCAULT, M. Escritos de Si. In: **O que é um autor?** Portugal: 3 ed. Trad Antonio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Portugal, Lisboa: Vega, 1997.

LIMA, Luis Costa. **Sociedade e discurso ficcional**. Rio de Janeiro: Guanabara ed, 1986.

MONTEIRO. Nilzete. **50 poemas da Nilzete**. Maputo: AEMO, 2010. Coleção Início, nº 33.

OLMI, Alba. **Memórias e memórias** - Dimensões e perspectivas da literatura memorialista. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.



Fotografia: Arquivo Pessoal

Noémia de Sousa³⁴: a Mãe dos Poetas Moçambicanos³⁵

Carolina Noémia Abranches de Sousa, Noémia de Sousa, como é conhecida, nasceu no Distrito de Catembe, província de Maputo, na casa à beira do Índico, ovacionada por ela em *Shimani*, um de seus poemas, em 20 de setembro de 1926 e faleceu em Cascais, Lisboa, Portugal, em 4 de dezembro de 2002. Até 1951, participou em Moçambique das lutas e organizações em prol da conquista da libertação e independência do jugo colonial.

Entre 1951 e 1964, em decorrência do exílio, residiu em Portugal, atuando, profissionalmente, como tradutora. Na França, trabalhou na Agência Reuter e, de 1964 a 1973, no Consulado de Marrocos. Ao retornar para Portugal, em 1973, onde permaneceu até sua morte, exerceu sua vida profissional na Agência Noticiosa Portuguesa - ANOP. (JONA, 2013, p. 210).

Na década de 80, após trinta e três anos, retornou a sua terra natal. Emocionada, constatou o mito em que se tornara para seus compatriotas, segundo Nelson Saúte (2011), e para outros países africanos. Sua poesia libertária, por exemplo, tornou-se conteúdo programático da escola de formação da FRELIMO e é lida nas escolas moçambicanas, em rodas e eventos de literatura.

Iniciou sua escrita ainda muito jovem, produzindo, segundo a pesquisadora Sara Jona (2013), jornais de parede e colaborando, de acordo com a pesquisadora Fátima Mendonça (2011), com jornais e revistas literárias: "Mensagem" (em Luanda, Angola), "Itinerário, Notícia do Bloqueio" (em Porto), "Moçambique 58", "Vértice, Msaho e Sul". Em 1948, assinando como N.S., ela publicou "Poema ao meu irmão negro".

Atuou no "Jornal Brado Africano", o qual tecia fortes críticas ao Governo da Colônia e reivindicava liberdade de expressão. Nesse jor-

34 As informações sobre a autora estão presentes na contracapa do livro citado.

35 Esse é um dos apelidos da autora, atribuído pelo cantor e compositor português Zeca Alonso.

nal, publicou, ocasionalmente, vários de seus poemas que expressavam seu inconformismo político-social e discorriam sobre temas, dentre outros, como dominação colonial, diversidades racial e cultural moçambicana, emancipação, resistência, nação, identidade (JONA, 2013).

Deixa passar meu povo

Noite morna de Moçambique
e sons longínquos de marimbas chegam até mim
- certos e constantes -
Vindos não sei eu donde.
Em minha casa de madeira e zinco,
abro o rádio e deixo-me embalar...
mas vozes da América remexem-me a alma e os nervos.
E Robeson e Marian cantam para mim
Espirituais negros de Harlém.
"Let my people go"
- oh deixa passar o meu povo,
Deixa passar o meu povo! -
dizem. [...]
(SOUSA, 2011, p. 40-41)

Com os escritores José Craverinha e Dolores Lopez redigiu o Manifesto a favor da Independência de Moçambique (JONA, 2013). Com o pseudônimo de Vera Micaia, também publicou como poeta e jornalista de agências de notícias internacionais, quando viajou por toda a África durante as lutas pela independência de vários países. Diversos de seus poemas, no período colonial, foram divulgados mesmo sem ter sido antes publicados.

Sangue Negro

Ó minha África misteriosa natural,
Minha virgem violentada,

Minha Mãe!
Como eu andava há tanto desterrada,
De ti alheada
Distante e egocêntrica
por estas ruas da cidade!
Engravidades de estrangeiros

Minha Mãe, perdoa!
[...]
(SOUSA, 2011, p. 112-113)

Participou, segundo Saúte (2011), de muitas antologias, tais como "Caderno de poesia negra de expressão portuguesa" (1953), organizada por Francisco José Tenreiro e Mário Pinto de Andrade; "Poesia negra de expressão portuguesa", editada em Paris, em 1958, organizada por Mário Pinto de Andrade; "Poesia em Moçambique" (1964), também por esse editada; "Poesia de Moçambique" (1960 e 1962); "Antologia temática da poesia africana - na noite grávida de punhais", organizada por Mário Pinto de Andrade; "No reino de Caliban III" (1985), organizada por Manuel Rui; "Antologia da Nova Poesia Moçambicana" (1993), organizada por Fátima Mendonça e Nelson Saúte.

Após a insistência e persistência de diversos amigos e confrades como Nelson Saúte, Michel Laban, Manuel Ferreira, Fátima Mendonça, Francisco Noa, Júlio Navarro, Leite de Vasconcelos, Rui Nogar, Gulamo Khan, dentre outros, lançou seu único livro "Sangue Negro", Poesias, em 2001, editado pela Associação de Escritores Moçambicanos. Essa obra permanecera inédita por 50 anos, por ela silenciada, e foi escrita durante três anos, 1948 a 1951 (SAÚTE, 2011, p. 125). Foi reeditada pela Marimbeque, em 2011, em Maputo, com a inclusão de duas seções: uma, "Portfólio", e a outra, "Dispersos", com o acréscimo de três poemas. Além da apresentação do escritor Nelson Saúte, dos Posfácios de Francisco Noa, Nelson Saúte e Fátima Mendonça, atualizados na linguagem, presentes também na primeira edição.

Sua poética *emocionada*, como afirmara Francisco Noa (2011, p.133), mas não menos revolucionária e social, apresenta-se em sintonia com o movimento artístico-cultural e político *Negritude*, de Aime Cesaire e Senghor. Por conta disso, denotam-se, em suas dicções literárias, múltiplas vozes poéticas comprometidas com a afirmação e a valorização de africanidades e do continente africano.

Se quiseres me conhecer

Se me quiseres conhecer,
estuda com olhos de bem ver
esse pedaço de pau preto
que um desconhecido irmão maconde*
de mãos inspiradas
talhou e trabalhou
em terras distantes lá do Norte.
Ah, essa sou eu:
órbitas vazias no desespero de possuir a vida.
boca rasgada em feridas de angústia,
mãos enormes espalmadas,
erguendo-se em jeito de quem implora e ameaça,
corpo tatuado de feridas visíveis e invisíveis
pelos chicotes da escravatura...
Torturada e magnífica.
Altiva e mística.
Africa da cabeça aos pés
- Ah, essa sou eu!

Se quiseres compreender-me
vem debruçar-te sobre minha alma de Africa,
nos gemidos dos negros no cais
nos batuques frenéticos dos muchopes
na rebeldia dos machanganas

na estranha melancolia se evolvendo...
duma canção nativa, noite dentro...

E nada mais me perguntes,
se é que me queres conhecer...
Que eu não sou mais que um búzio de carne
onde a revolta de África congelou
seu grito inchado de esperança.
(SOUSA, 2011, p. 33)

Pensamentos feministas e do feminismo, bem como ideias e princípios da "Renascença Negra" (NOA, 2011), oriundos dos Estados Unidos, surgidos após a abolição da escravatura, entre os meados do século XIX e o início do século XX, também transitam nos versos do lirismo de "Sangue Negro", que se quer marcados por tons recitativos, denunciativos, libertários, imperativos e exortativos no tocante às identidades africanas, ao projeto de nação e à emancipação feminina.

A Billie Holiday, cantora

Era de noite e no quarto aprisionado em escuridão
apenas o luar entrara, sorrateiramente,
e fora derramar-se no chão.
Solidão, Solidão, Solidão.

E então,
Tua voz, minha irmã americana,
Veio do ar, do nada, nascida da própria escuridão...
Estranha, profunda, quente,
Vazada em solidão [¿] escravidão [?]
(SOUSA, 2011, p. 106-107)

Perpassam a sua poética traços culturais e identitários territoriais, musicalidade, figuras de linguagem, como aliteração e anáfora

(JONA, 2013), e a tradição oral (NOA, 2011), com a recorrência de repetições e provérbios. Angústias, liberdade, culturas moçambicanas, lutas, fraternidade, africanidade, alteridade, sonhos, memórias, exploração, amor à África - Terra-mãe, escravidão, tradição literária, diversidades, prostituição, trabalho forçado, sofrimento são algumas das constantes temáticas de *Sangue Negro*.

Seu lirismo oralizado traveste-se de poéticas da voz e do corpo, as quais se inscrevem na palavra e no texto e são inter-relacionados. Escrever, para ela, pressupõe e resulta de emoções experimentadas, física e corporalmente, como se percebe nos poemas "Sangue Negro" (p. 112-113); "Negra" (p. 56); "Deixa passar meu povo" (p. 40-41); e "Solidão" (p. 98-99) etc. Assim, a poesia advém "[...] dessa relação íntima e emocional entre a voz e a música, apelo musical oriundo dos sons "tradicionais", que sensualizando o corpo, o refazem em palavra vocalizada." (LEITE, 2013, p. 81).

Para Nelson Saúte (1998), com seu *lirismo indignado*, Noémia de Sousa marca sua literatura com o grande paradigma da alteridade, pois despromove a uniformidade e a normativa dos modelos. Além disso, para esse escritor, a sua poesia é contaminada pelo vírus da política, uma vez que a literatura, para ela e para outros do seu tempo, é um ato eminentemente político. Encarna as personagens submersas no cotidiano que lhes recusava o direito de existir. Assim a poesia dela, marcada pelo tempo histórico e circunstâncias, é invadida por outras vozes e ela é a voz dos que não a tem.

Identidade e literatura têm relações inextricáveis na poética de Noémia de Sousa. Esse é um aspecto relevante em seus versos e, quicá, em seu projeto literário, ao interrogar possível identidade autora e de seus leitores. Nessa perspectiva, a sua poesia, comprometida com a representação de um ideário, infere a ideia de ação reivindicadora e instituidora de identidades.

Ao cantar a África, sujeitos líricos, assinalados por cor e traços identitários territoriais, através de figuras de linguagem, estabelecem relações com imagens corporais, valorizando, erotizando e humanizando-a, como em *Se quiseres me conhecer* (p. 33). Esses corpos, entretanto, não são individualizados, e sim coletivos e múltiplos.

Poema

A Maria Irene, com admiração

[...]

Mãe:

Queria erguer minha voz doce e trémula
Junto ao corpo seguro, feito de mil clamores físicos,
Do grupo maravilhoso que me passou à porta!
Queria derrubar meu jazigo de alvenaria
Queria descer aos trilhos lamacentos,
Queria sentir o aguilhão da mesma revolta,
Queria sentir esse gosto indefinível de luta,
Queria sofrer e gemer e lutar
Para conquistar a Vida!

Oh Mãe!

Por que me roubaste tudo isso?
(SOUSA, 2011, p. 45-46)

Noémia de Sousa destaca-se no cenário literário africano por cantar a *Mãe-África* (FONSECA, 2015) e pelo seu protagonismo na fundação da poesia moçambicana. Ainda mais, seus versos, relevantemente, para a construção da identidade e da nação moçambicana, utilizando-se da palavra literária como instrumento de resistência cultural, de denúncia e conscientização.

Referências

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literaturas africanas de língua portuguesa**. Mobilidades e trânsitos diaspóricos. Belo Horizonte, MG: Nandyala, 2015.

JONA, Sãra. *Noémia de Sousa - Poetisa do futuro - (1926-2002)*. In: **Entre o Índico e o Atlântico**. Ensaios sobre literatura e outros textos. Maputo: Ndjira, 2013. (Coleção Horizonte da Palavra).

LEITE, Ana Mafalda. Voz, corpo e sonho: a poesia de Noémia de Sousa. In: **Ensaios sobre Literaturas Africanas**. Maputo: Alcance editores, 2013.

MENDONÇA, Fátima. Moçambique, lugar para a poesia: anos cinquenta. In: SOUSA, Nóemia. **Sangue Negro**. Poesias. 2 ed. Maputo: Marimbique, 2011.

MENDONÇA, Fátima. **Literatura moçambicana**. as dobras da escrita. Maputo: Ndjira, 2011. (Colecção Horizonte da Palavra).

NOA, Francisco. Noémia de Sousa: A metafísica do grito. In: SOUSA, Nóemia. **Sangue Negro**. Poesias. 2 ed. Maputo: Marimbique, 2011.

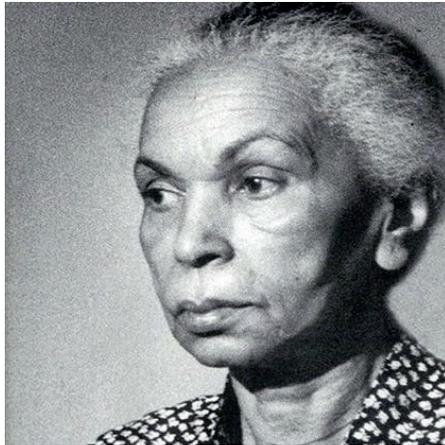
SAÚTE, Nelson. A mãe dos poetas moçambicanos. Introdução à primeira edição. In: SOUSA, Nóemia. **Sangue Negro**. Poesias. 2 ed. Maputo: Marimbique, 2011.

_____, Nelson. Identidades em literatura. Espaço público, literatura e identidade. In: SERRA, Carlos (Org.). **Identidade moçambicanaidade. Moçambicanização**. Maputo: Livraria Universitária; UEM, 1998.

SOUSA, Noémia. **Sangue Negro**. Poesias. 2 ed. Maputo: Marimbique, 2011.



Fotografia: Arquivo Pessoal



<https://www.escritas.org/pt/noemia-de-sousa>

Npaiy³⁶: contadora de casos

Ivone Isabel da Conceição Machado, natural de Moçambique, é nome o completo do pseudônimo Npaiy. Dispõe de uma vasta experiência profissional: foi escriturária do Banco de Moçambique; operadora comercial, o que lhe garantiu o Prêmio de distinção pelo Ministério do Comércio do país; Secretária da Direção bilíngue e correspondente do Ministério do Trabalho, onde cursou monitoria pelos serviços centrais; Monitora do Centro de Formação Profissional para o Setor Terciário; e leciona aulas de inglês para crianças.

Fez, ainda, no Externato Chaves, o Curso para Formadores de Formação no CTT. É cantora. Já gravou dois CD's: *Kuhanha ka Sasseka e Mahulo yo hula Hulekai*, três vídeos clipes.

Lançou, em Maputo, em 2016, o livro "Em Contos", patrocinado pela empresa Motraco, o qual apresenta uma coletânea de histórias, reunidas, segundo a autora, por um longo período, e transformadas em Contos.

São vinte contos que reinventam episódios do cotidiano dos munícipes de Maputo, situados em lugares ordinários e inusitados da cidade. No geral, são finalizados com uma leitura interpretativa, por isso crítica, da voz narradora, acompanhada de possíveis ensinamentos. Tal recurso aproxima, em alguma medida, da forma e talvez de um dos princípios das tradicionais fábulas.

Os contos se aproximam mais do estilo e proposições da crônica. Além disso, neles pouco aparece a criatividade imaginativa no uso das palavras e relatos dos fatos ocorridos em Maputo. Sua leitura, possivelmente, ajudará a conhecer algumas vicissitudes e tramas da vida em Maputo.

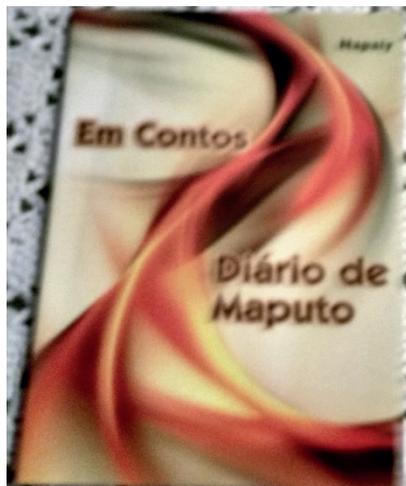
Trabalho, valores humanos, memórias, desenvolvimento, relações, profissão, negócios, vícios são alguns dos temas que dão

36 Dados biográficos da autora foram extraídos da contracapa do livro.

consistência às pequenas narrativas, contadas em uma linguagem coloquial, semelhante àquelas que nutrem os *causos* e encontros informais e, por vezes, até os formais. Por suas tramas são apresentados interesses, problemas, boatos, desencontros e aprendizagens, por vezes, moralizantes, advindos desse convívio.

Referência

NPAIY. **Em Contos**. Maputo: Edição da autora, 2016.



Fotografia: Arquivo Pessoal

Paulina Chiziane³⁷: contadora de histórias e memórias

Paulina Chiziane nasceu em 4 de junho de 1955, em Manjacaze, província de Gaza, em Moçambique, onde se falam as línguas Chope e Ronga. Aprendeu a língua portuguesa na escola de uma missão católica. Cresceu nos subúrbios de Maputo. É filha de uma família protestante, mas não foi batizada em algum segmento religioso do cristianismo. Começou os estudos de Linguística na Universidade Eduardo Mondlane, mas não concluiu o curso.

Foi membro ativo da FRELIMO, através da qual foi militante política durante a juventude. Ao se afastar da vida política, iniciou, em 1984, sua carreira como escritora, publicando contos na imprensa moçambicana.

A autora recebeu o "Prêmio José Craverinha", em 2003, pela obra "Niketche: Uma História de Poligamia". Foi candidata ao Prêmio Nobel da Paz, em 2005, em reconhecimento à sua obra literária comprometida com a justiça e a igualdade. Foi também, nesse ano, nomeada uma das mil mulheres pacíficas do mundo. Tais iniciativas foram promovidas pelo Movimento Internacional de Paz, One Thousand Peace Women.

Participa de eventos artístico-culturais e literários nacionais e internacionais e suas obras são estudadas dentro e fora de seu país. Ela tem textos publicados em diversas antologias e algumas de suas obras já foram editadas no Brasil e Portugal e traduzidas na Alemanha, Cuba, Espanha, Estados Unidos, França, Inglaterra e Itália.

Suas publicações são: "Balada de amor ao vento". Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos, 1990; Lisboa: Caminho, Prosa, 2003; "Ventos do apocalipse". Maputo: 1993; Lisboa: Caminho, Prosa, 1999; 2006; "Niketche: uma história de poligamia". Lisboa: Caminho,

37 Os dados biográficos, aqui citados, foram encontrados em contracapas de seus livros citados neste texto.

Prosa, 2002. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Maputo: Ndjira, 2009, 6ª edição; "O sétimo juramento". Lisboa: Caminho, Prosa, 2000; "O alegre canto da perdiz". Lisboa: Caminho, Prosa, 2008; Maputo: Ndjira, 2010; "As heroínas sem nome - memórias de guerra e paz das mulheres em Angola". Coprodução com a escritora angolana Dya Kassembe. Luanda: Editorial Nzila, 2009; "Quero ser alguém - histórias de crianças soropositivas". 2010; *Mão de Deus*. (Coprodução com Maria do Carmo da Silva, 2012; 2016); *As andorinhas*. Contos. Belo Horizonte: Nandyala, 2013; "Por quem vibram os tambores do além - biografia do curandeiro Rasta Pita". 2013; "Eu, mulher... por uma nova visão do mundo". 2013; "Ngoma Yethu: O curandeiro e o Novo Testamento", 2015, com coautoria de Mariana Martins; "O canto dos escravos". Maputo: Matiko e Arte, Lda, 2017; "O canto dos escravizados". Belo Horizonte: Nandyala, 2018.

Paulina Chiziane é considerada a primeira romancista do país. É uma "contadora de estórias, africana e negra", como ela autodenomina, com maior número de obras publicadas em Moçambique. Seus romances e contos tratam de vivências tradicionais do povo moçambicano, mas que se expandem a outras partes e territórios do continente africano. Retratam a África do passado e do presente, integrando representações e ficcionalizações da oralidade na escrita literária.

Com a tradição oral e suas experiências políticas, ela inventa histórias marcadas pelo passado histórico colonial e pelo tempo pós-colonial. Versa, em suas narrativas, temas conflitantes, tais como mono e poligamia, a situação de dominação de mulheres moçambicanas, sobretudo, as pobres e negras, curandeirismo, mediunidade, práticas espirituais tradicionais em Moçambique e religiosas ocidentais, dentre outros.

"Balada de amor ao vento" (2003), primeira obra da autora, descreve o estatuto do eu feminino em uma sociedade africana patriarcal e poligâmica, localizada em Gaza, no Sul de Moçambique, descortinando horizontes de uma das muitas culturas africanas. A estrutura central desse romance é composta pelos personagens rei

Mambone, Sarnau e Mwando, esses últimos protagonistas da história de amor. Da juventude à idade adulta, constituem-se em um casal amoroso e cumprem seus dias, meses, anos, com encontros e desencontros, separação, desespero, sofrimentos e alegrias.

Uma voz personagem narradora conta, em tons lírico e dramático, com uma linguagem simples e estrutura sintática linear, a história de sua vida, utilizando-se de metáforas entrelaçadas com a cor local e os sentimentos de amor e paixão das personagens. A trama se desenrola na medida em que a poligamia, conflitos culturais e religiosos impedem, apesar do amor e da paixão, que os dois permaneçam juntos.

Ora de modo dramático ora lírico, relações familiares e culturais, relações com a natureza e com a espiritualidade aparecem, permanentemente, interseccionadas. Com isso, a autora aponta possíveis interferências, para o bem e para o mal, do cristianismo, acima de tudo do catolicismo, nos valores culturais, morais e costumes locais, já que *Mwando*, como membro da Igreja Católica, não pode aceitar a poligamia.

A narrativa indica, inclusive, situações de subjugação, a que se submetem mulheres moçambicanas, ao narrar sobre o casamento de *Sarnau* com o rei *Mambone* e as condições de dominação patriarcal em que ela vive. Além disso, aponta que, em Moçambique, ainda persistem, como práticas socioculturais e até religiosas, a poligamia, o lobolo³⁸, a violência contra as mulheres e outras formas de sujeição feminina.

Embora *Sarnau* tenha um perfil corajoso, humilde, determinado, firme, fiel, mesmo em condições adversas ao amor romântico, não consegue evitar o abandono do seu primeiro e único amor. Casa-se com o rei, mas não convive com ele por muito tempo. Foge. Reencontra-se com seu grande amor, contudo, ao ser novamente

38 *Lobolo* é uma prática cultural tradicional, um costume cultivado até hoje no Sul de Moçambique. Segundo essa tradição, a família da noiva recebe dinheiro pela perda que representa o seu casamento e a ida para outra casa. Dinheiro ou conjunto dos bens pagos pelo noivo à família da noiva quando ocorre o pedido de casamento. É uma espécie de dote.

abandonada por ele, por conta de desencontros culturais e espirituais, vê-se obrigada a se submeter à prostituição e à marginalização para adquirir fundos a fim de devolvê-lo o valor referente ao lobolo.

Essa obra possibilita pensar sobre o amor figurado e ficcionalizado por Paulina Chiziane, visto que, no desenrolar da trama, o amor se apresenta longe de características convencionais do amor romântico e imbuído de riscos, disputas, tradições, rupturas e até de desamores.

É possível com a leitura de "Balada de amor ao vento", atravessarmos oceanos e conhecermos um aspecto da tradição oral e histórica de Moçambique, seus costumes e hábitos. É provável também constatarmos uma escrita que se quer com paisagem local e em ruptura com olhares etnocêntricos e falocêntricos e de experiências afetivas uniformes.

Em "Ventos do Apocalipse" (2006), segundo romance da autora, o narrador onisciente, um contador de histórias, recorda um tempo vivido, apresentando histórias que se inter-relacionam e estão imbricadas com suas lembranças. Através delas, inventa histórias e reconta outras, tendo em vista processos de ensino e aprendizagem, peculiares à tradição oral. Embora seja sinalizada sua individualidade, seu perfil é coletivo desde o início da narrativa (FONSECA, 2015).

Karingana wa karingana, era uma vez, é um dos modos de se contar histórias em Moçambique, também presente nas histórias infantis da escritora moçambicana Fátima Langa e em narrativas de diversos autores desse país, como José Craverinha. *Karingana wa karingana* aparece, logo no começo da narrativa, que se divide em três partes, para delimitar o seu contexto cultural, o uso do recurso metalinguístico e acentuar a presença das micronarrativas na estrutura do romance (FONSECA, 2015, p. 152). A repetição, como traço da oralidade, também é nele recorrente.

Esta narrativa expõe o horror da guerra civil (social, religioso e político) entre os partidos FRELIMO e RENAMO - Resistência Nacional Moçambicana -, e as dificuldades enfrentadas pelo sujeito feminino no universo patriarcal, em Moçambique. Recria, ficcionalmente, o cenário

dantesco dessa guerra, agravado pela seca, e desvela a face recrudescida dos povos de Mananga e Macuáca, ambos violentos, vítimas da fome e morte, mas plenos de esperança por dias de paz (OLIVEIRA, 2013).

A obra narra a história de Mananga, que sofre com a seca, a fome e a guerra. Ficcionaliza o período pós-independência, em Moçambique, quando a euforia da libertação é cerceada pela desilusão e disputas políticas e de poder. Assim, o narrador, semelhante à autora, em um tom questionador, encena o desencanto do povo moçambicano em detrimento do desencanto e decepção que o atinge mediante o rumo da nova pátria, sob o ponto de vista daqueles que foram obrigados a migrar em busca de terras mais pacíficas e seguras, promovendo o êxodo, protagonizado pelos sobreviventes de Mananga.

A narrativa evidencia, ainda, o amor, gerador de resistência e força, que o povo moçambicano tem pela vida e liberdade, tornando-se o eixo principal para a conquista de sonhos individuais e coletivos. É construída entre a oralidade do cotidiano e a língua portuguesa e se constitui em um espaço de reescrita da nação e abertura do outro, para que, ao menos na Literatura, haja ventos de mudança (COSTA, 2009).

"Ventos do Apocalipse" não apresenta somente as mazelas da guerra e da pós-independência. É possível identificar, pois, nuance de esperanças diante da situação tão desoladora narrada, acompanhada de reflexões críticas acerca do contexto sociocultural e político de Moçambique. Sinaliza, inclusive, o engajamento da escritora na reconstrução do país, quando atribui importância a aspectos como a história, o papel da mulher, a oralidade e o corpo.

"O sétimo juramento" (2000) retoma, como uma das constantes preocupações e, quiçá, compromisso social de Paulina Chiziane, a encenação do eu feminino (MATA, 2011). A história transcorre em um cenário urbano e tem como foco a narração de um ritual de iniciação masculina. Na trama, entretanto, as personagens femininas transitam entre o objeto de prazer e de troca e o auto-empoderamento. Unidas, revertem a posição de subalternidade (BUTLER, 2008; MINGOLO, 2002; SIPVAK, 2010) de algumas delas, tornando-se sujeitos de seus proces-

sos de emancipação. Neste sentido, o romance, além de se referir às condições de existência e de dominação da mulher no espaço urbano, encena também suas estratégias de sobrevivência e resistência.

Nesse romance, há a descrição de uma sucessão de peripécias, aventuras e desventuras (MATA, 2011) em torno de David, personagem principal, moçambicano, de cultura urbana, com situação econômica estável e consolidada. Ele faz uma viagem para recorrer à prática de feitiçaria para ascender politicamente. Em troca, ele oferece a família ao curandeiro e faz o *sétimo juramento*: a feitiçaria, para alcançar suas ambições e pretensões políticas.

No desenrolar da trama, evidenciam-se mitos, lendas, histórias, próximas do realismo fantástico. Assim o maravilhoso, dramatizado pelo narrador, que se apresenta performático e também onisciente, desponta com descrições minuciosas de mitos, costumes, comportamentos, crenças, diversos rituais, provérbios, superstições etc.

"Niketche³⁹ : uma história de poligamia" (2009) retrata a polêmica e controversa legitimidade da poligamia masculina, a que mulheres eram (e algumas ainda são) subordinadas em várias regiões de Moçambique. O romance tem como referencial a mulher e principal personagem que fez da oralidade um instrumento de aprendizagem.

Há uma síntese ficcional, na narrativa, da vida da mulher moçambicana do sul, centro e norte de Moçambique, em seu cotidiano, principalmente, no matrimônio, relatando infelicidades e lamúrias. *Rami*, a personagem principal e narradora do romance, casada há vinte anos com Tony, alto funcionário da polícia, de quem tem vários filhos, descobre que seu esposo é polígamo. Diante disso, o seu casamento torna-se um irônico drama em que ela é apenas uma das personagens. Em uma procura ansiosa e angustiante, abandonada pelo marido, *Rami* obriga-se a conhecer as outras mulheres.

A narrativa instiga os leitores a pensar sobre a situação e a história das mulheres em Moçambique, uma pátria, oficialmente, mono-

39 O termo *Niketche* refere-se a uma dança tradicional de amor e erotismo do norte do país, onde as mulheres expõem seus sentimentos ou emoções através da dança ou desfile, comumente, no 40º dia, após a morte de um marido (BAHULE, 2013).]

gâmica, a partir dos trânsitos, rumos, experiências e conflitos vividos por Rami, ao rejeitar a poligamia como exercício cultural e os papéis sociais atribuídos à mulher de seu país. Sem visão maniqueísta, ou a monogamia ou a poligamia, o romance nem reitera nem absolve a sua existência. Promove, sim, um debate de seus transcurtos, implicações e consequências, trazendo à tona choques entre repertórios culturais locais e ocidentais.

A autora constrói o seu mosaico narrativo, como ocorre em outras obras, com a (re) contação de histórias orais, relacionadas ao feminino, com lirismo e leveza, mas também determinação, consubstanciada pela reiteração da reflexão sobre a dominação feminina em seu país e pela criticidade mediante a política, culturas e sociedades de sua jovem nação.

"O Alegre Canto da Perdiz" (2010), romance situado no passado colonial, revisita alguns mitos africanos de origem matricial. A narrativa, nesse sentido, retoma a história da África, quase em um tom reivindicativo, a premissa de que o continente africano é o *ventre da humanidade* e alvitra a organização social de algumas sociedades africanas e, mais especificamente, de algumas regiões de Moçambique, em que sua base é a matricialidade e a matrilinearidade. Nessa perspectiva, as personagens, acima de tudo, as femininas, Maria das Dores, Jacinta, Delfina e Serafina, são tecidas em suas descendências e ascendências, tendo como princípio a África como origem do mundo e *útero da humanidade*.

O enredo da obra conta a história de Maria das Dores, desde o relacionamento desarmônico de seus pais; de Delfina, mulher muito bonita e assediada por José dos Montes, até a sua busca pelos seus filhos perdidos durante a Guerra Civil ocorrida na Zambézia. Destaca-se a figura de Maria das Dores no livro, uma vez que demonstra a liberdade feminina usurpada das mulheres pelos homens e o sofrimento de uma mulher negra em uma sociedade organizada desigualmente em relação aos gêneros e à raça.

A sua trama se constrói com o uso de metáforas e metalinguagem, dentre outras figuras de linguagem, tendo como pano de fundo

as diversidades étnicas, culturais e sociais que se articulam e também se hibridizam (HALL, 2000). Além disso, assegura o estudioso Nataniel Ngomane, no pós-fácio, essa obra aventa sobre

[...] perversas relações entre dominados e dominadores, os conflitos intra e extra-éticos, junto com mecanismos asquerosos de sustentação e reprodução, até à repulsa, da dominação, coerção e exploração, movidos, precisamente, por conflitos decorrentes do choque de interesses [...] (NGOMANE, 2013, p. 354)

O livro "As Heroínas sem Nome", organizado juntamente com a escritora angolana Dya Kasembe (2009), e prefaciado por Eunice Inácio, gestora do Programa de Paz e Cidadania, de Angola, é um livro de memórias e reúne pequenas narrativas de mulheres angolanas que sobreviveram à guerra, por elas mesmas contadas. É resultado de um trabalho multidisciplinar e registra entrevistas realizadas com mulheres das províncias de Angola: Bié, Cabinda, Huíla, Kwanza Sul, Luanda e Malanje. São oitenta narrativas que dão voz às mulheres que pertenciam aos dois lados da guerra civil, sem identificar o lado da guerra, do qual as memórias pertencem.

"Na Mão de Deus", organizado em coautoria com Maria do Carmo da Silva, obra patrocinada pelo banco BCI, prefaciado pelo escritor Calane da Silva, na primeira edição (2012), e Hélder Nhamaze, na segunda (2016), aborda, sem preconceitos e temeridades, a realidade mediúnica e relata a experiência de um internamento em uma ala psiquiátrica de um hospital.

É uma narrativa autodiegética em que, Alice, a narradora-personagem principal, descreve seus dramas e sintomas físicos e psíquicos que a levaram ao tratamento psiquiátrico. Conta também sobre o aparecimento de sua mediunidade e das dificuldades por ela enfrentadas, consequências da incompreensão de seus familiares e amigos que o tratavam, com medicamentos, como se fosse uma mera doença mental.

Através do relato rico e minucioso de Alice, como aponta Calane da Silva, no prefácio da primeira edição (2012), a narrativa apresenta

o que aconteceu com a autora Paulina Chiziane, durante a semana em que esteve internada em uma ala psiquiátrica, em 2010, evocando todo o drama que declara ter vivido, desde as perturbações físicas e psíquicas, às "visões e vozes de entidades espirituais que se manifestavam de diferentes formas".

Para Hélder Nhamaze, em seu prefácio, a relevância dessa obra se estabelece, na medida em que expõe a vulnerabilidade a que estamos todos submetidos, visto que ficamos "[...] à deriva e com poucas certezas sobre o rumo a seguir [...]" (NHAMAZE, 2016, p. 7), peculiar às inerências da tradição, da modernidade e também das vicissitudes da contemporaneidade. Assim, o romance convida os (as) leitores (as) a refletir sobre a matriz africana, evocando a ancestralidade e modos de se lidar com ambientes físico e metafísico (NHAMAZE, 2016). E, desse modo, lembra o prefaciador: "[...] quem somos, de onde viemos, onde estão as nossas raízes; e eventualmente nos dará argumentos suficientes para sabermos o caminho a seguir como uma "comunidade de destino"" (NHAMAZE, 2016, 8).

Em "As Andorinhas" (2013), a escritora conta a história de três personalidades, promovendo um debate sobre o passado e o presente em Moçambique. Com a leitura de Chitlango, o Filho do Chefe, de Eduardo Mondlane; também motivada pelas lendas à volta da figura do último rei de Gaza, Ngungunhana; e pela trajetória de Lurdes Mutola, a menina de ouro, como é conhecida, Paulina Chiziane tece as pequenas narrativas da obra. Assim o livro reúne uma trilogia de contos que faz uma abordagem sobre a vida e obra de Eduardo Mondlane, Ngungunhana e Lurdes Mutola, com o intuito, segundo a autora, "[...] de compreender o Moçambique de hoje, em parte, por influências do que aconteceu no passado".

"Por quem vibram os tambores do além? - biografia do curandeiro Rasta Pita" (2013) a autora, em coautoria com o médico tradicional Rasta Pita, dá continuidade a uma discussão, já iniciada no romance "Na Mão de Deus". Para tanto, narram eventos e visões que se originam em uma dimensão sobrenatural e apresentam uma rea-

lidade sobre a qual a sociedade tem vários questionamentos, conduzindo o (a) leitor (a) a refletir sobre práticas e tradições africanas, tais como o curandeirismo e a espiritualidade e seus respectivos conceitos, crenças, sistemas de pensamentos e visões do mundo.

Com o intuito de promover a valorização da africanidade e a libertação espiritual do continente africano, em especial, de Moçambique, nesta obra, os autores, baseando-se em fatos do período colonial, com pouca ficcionalidade, apresentam uma escrita contemplativa e reflexiva.

"Eu, mulher... por uma nova visão do mundo" foi publicado no Brasil, pela editora Nandyala, em 2013. É um ensaio de Paulina Chiziane, de 1992, publicado, inicialmente, em meados de 1994, por iniciativa da UNESCO, no período dos preparativos da "Conferência Internacional sobre a Mulher, Paz e Desenvolvimento", realizada em Pequim, em 1995.

"Ngoma Yethu - O curandeiro e o Novo Testamento" foi produzido em 2015, em coautoria com a curandeira Mariana Martins, publicado com o apoio da Mcel-Moçambique Celular e do Banco de Moçambique, resulta de uma pesquisa social realizada pela romancista, sobre possíveis intercessões entre o curandeirismo e o cristianismo, temas já retratados em suas obras "Na Mão de Deus" (2016) e "Por quem vibram os tambores do além; - biografia do curandeiro Rasta Pita" (2013).

No prefácio, da primeira edição, Rosita Alberto Valoi (2015) considera "Ngoma Yethu" um importante chamado à reflexão sobre o cristianismo europeu e o curandeirismo africano. A narrativa valoriza os saberes de curandeiros e expõe sobre temas caros, controversos e polêmicos, como afirma Nataniel Ngomane (2015), no prefácio, da segunda edição: "[...] as origens da humanidade, do cristianismo, da intelectualidade universal, que os situam no calor do continente africano." (NGOMANE, 2015, p. 14)

"O canto dos escravos" e "O canto dos escravizados", publicados, respectivamente, em 2017, pela editora da autora, Matiko e Arte,

Lda, em Maputo, e, em 2018, no Brasil, pela Nandyala, são narrativas, ou "textos em versos", como denomina a autora. São imbuídas ora por durezas, dores e sofreguidões, por vezes, intragáveis, ora por esperança, fé, leveza, imagens belas e encantadoras e utopias, também, por vezes, alentadoras, ao redor de temas caros como escravidão, colonização, novos modos de colonização, pertencimento africano, resistência, ancestralidade, liberdade, dentre outros.

Composto por 105 "textos em versos", organizados em 07 livros, "O canto dos escravizados", publicado no Brasil, em 2018, pela editora Nandyala, é a décima quarta obra de Paulina Chiziane. Narra, ficcionalizando, percursos de africanos em África e nas Américas no período colonial, subjugados à escravidão, com o intuito de reavivar "a memória coletiva: a "África jamais esquecerá os seus filhos"" (CHIZIANE, p. 7).

A obra é uma retomada, inventada, da existência do africano negro, da dor e da esperança, através de um diálogo, também inventado, entre o passado, o presente e o futuro como descreve a voz africana não escravizada de "Testamento de um escravizado", do I Livro - "Testamento".

Eu sou o teu passado e o teu presente
Através de ti retornei à vida, ó filho de África
Porque trazes no sangue a força de todos os escravos
És tu que vai hastear para sempre a bandeira da liberdade

Escuta a suavidade deste canto de esperança. Serena
Respira o ar puro do alto das montanhas. Reflete
Busca inspiração na memória da África e do mundo
Segura com braços firmes a liberdade que se escapa
(CHIZIANE, 2018, p. 17)

Com esse clamor, no "Canto", transitam o ontem, vivido, imaginado e em memórias ancestrais (a escravidão, o período colonial

em África) e o hoje, igualmente imaginado e vivido (neo-colonialismo, racismo, dominação e transplantação culturais, eurocentrismo, aculturação, práticas de embranquecimento, negação de africanidades etc.) tal qual se apresenta em "Escravidura Abolida", do Livro V - "Canto de Liberdade".

Escravidura abolida. Gritos de euforia
Letras mortas nas cartas de alforria
Fim do assalto ao continente africano
Morte da dor e ressurreição dos fantasmas

Quem vai cultivar as plantações de cana-de-açúcar;
Quem vai lavar a loiça depois da pantagruélica refeição;
Quem? O antigo patrão, ou as suas ociosas senhoras;

Morreu a escravatura ostensiva, oficial, legal
Os traficantes de gente organizam-se novamente
E a escravatura ressurge silenciosa, subtil, invisível
Nos cantos mais sombrios do mundo.

Escravidura abolida;
Escravidura antiga com nova face
Vestido novo em corpo velho!
(CHIZIANE, 2018, p. 116)

"O Canto dos escravizados", narrativa em verso, é um convite ao lamento coletivo e aos cantos de (des) esperança, imbuída ora por durezas, dores e sofreguidões, por vezes, intragáveis, ora por esperança, fé, leveza, imagens belas, encantadoras e utopias, inclusive, por vezes, alentadoras, ao redor de temas complexos como escravidão, colonização, novos modos de colonização, pertencimento africano, resistência, ancestralidade, liberdade, dentre outros. O texto em verso é, como declara a autora em *Versos Escravizados*: "Com estes versos escravizados, remontamos à raiz de todos os conflitos. São

versos livres, tristes, alegres, musicados, para ritmar a dança da história" (CHIZIANE, 2018, p. 10).

Nesse "Canto", as vozes narradoras entoam hinos à África e aos africanos, pondo, em cena e em relevância, memórias de África e do mundo. Assim, a ficcionalização da "estupidez humana", como se refere o prefaciador Dionísio Bahule de "O canto dos escravos" (2017), igualmente da autora, à escravidão, e de novos modos de escravização e colonização forjam memórias que não se esbarram em experiências individuais, mas que se desenham na coletividade, o que faz a África jamais esquecer seus filhos, como assinala a autora na "Dedicatória" do livro.

Passeiam em "O Canto dos escravizados" diversas vozes narradoras cantantes. A voz de africanos escravizados é apenas uma delas. Eis algumas: *um africano escravizado* em diálogo com um filho de África e a Mãe África (p. 19ss); *escravizado narrador* de suas dores e novos modos de escravização "Dor" (p. 40); "Canto de glória" (p. 32); "Amor e ódio" (p. 54); *escravizado na América à Mãe África* "Meu grito" (p. 41.); filhos livres e longe de pais africanos escravizados nas Américas ("Meu grito", p. 41); *afro-americanos (negros nas Américas)*; *africanos nascidos nas Américas* ("Onde estão eles", p. 43); ("Desespero" p. 35); Mãe África ("Grito de mãe", p. 42); *africanos nos porões de navios negreiros* ("Tua voz", p. 33); *um africano velho solitário, ex-escravizado* ("É um filho meu!", p. 44); *um escravizado morto e imortal*, concomitantemente, ("Canção de Amor", p. 31); *uma sereia negra africana* ("Sereia negra", p. 53); *africanos livres em busca dos seus pais nas Américas* ("Cantiga do mar". p. 48; "Descalços seguiremos", p. 52); o mar ("Estrada de dor", p. 46); e até *um colonizador* ("Desvarios de um colono", p. 78).

Ao cantar o continente africano, essas vozes rememoram o mundo sobre a escravidão e os africanos escravizados nas Américas.

América!

América!

És o espaço que faltava para estender-me, florir

Para expandir-me num novo solo e nova pátria
És a dádiva que Deus me deu na mais perfeita dor

América!
És a minha nova África!
Construí-te com a força dos meus braços!
(CHIZIANE, 2018, p. 36)

Os "Cantos", entoados por essas múltiplas vozes, são odes (e alguns até *Oriki*⁴⁰ (em especial, Livro IV - "Transcendência")) de alegrias, dores, sonhos e honrarias à liberdade. Reúnem inúmeras baladas, ritmadas através do som do tambor.

Toca meu tambor de samba

Toca meu tambor de samba
E leva saudades à minha mãe África
Diz-lhe que já não tenho nome, nem terra
Tiraram-me tudo, mas a minha alma não!

Toca mais alto meu tambor de samba
Preenche este vazio em me suspendem
Embala a minha angústia e a minha saudade
Diz à minha mãe que resistirei, e ao lar voltarei!

Até das tangas fui despojado à espada
O calor de missangas foi arrancado à bruta
Diante dos navios da escravatura
Tiraram-me tudo, mas a minha alma não!
(CHIZIANE, 2018, p. 34)

40 Os *Oriki* (do *yorùbá*, *orí* = cabeça, *ki* = saudar) são versos, frases ou poemas que são formados, no Brasil, para saudar o *orixá* referindo-se a sua origem, suas qualidades e sua ancestralidade.

São cantos de lamentos, (re) encontros e resistências, asseguraram-nos os versos narrativos, não lineares. Ressalto e sintetizo alguns: 1. "O canto de (re) encontro e resistência". As crises identitárias, a mundialização, as interculturalidades, as práticas de não pertencimento africano, dentre outras, não escoam tão somente na esfera pessoal, ou na memória individual, mas se dar junto com as tramas sociais, coletivas, midiáticas, acadêmicas etc. O (re) encontro com o existir africano, por exemplo, se destaca no Livro III - "Canto de resistência". "Voltaremos"; "Descalços seguiremos" (p. 52); "Sereia negra" (p. 53); "Escuta-me" (p. 58); "Somos o primeiro mundo" (p. 62); "Silêncio" (p. 63); "Podes viver sem mim?" (p. 64); "Aqui estamos" (p. 57); "Voltaremos" (p. 51), são alguns dos versos-narrativos.

Sereia Negra

Sou sereia negra e renasci das ondas
Morri acorrentada no navio e não fui escrava
Danço eternamente no dorso do oceano
Sou sereia livre cavalgando o mar

O mar, gémeo da lama africana, é a minha morada
Sempre a dançar e a cantar abominando o infortúnio
Sempre a vibrar ao sabor dos ventos e das marés
Sou sereia bela na dança da eternidade

Como uma boa negra, danço em cada instante
Na celebração da vida, seja de dor ou de alegria
Agradeço a Deus e nem lamento a vida que perdi
Antes morta e livre do que viva e escrava

[...]

(CHIZIANE, 2018, p. 53)

2. *O canto à liberdade e à esperança*. No Livro V - "Canto à liberdade", os textos em versos evidenciam a resistência frente aos novos modos

de colonização em África. Esse livro dedica-se à esperança, salientando a África como o futuro do mundo em, dentre outros, "Afro-pessimismo", (p. 56); "Caminha" (p. 60); "Escreve-te" (p. 122).

Aqui estamos!

A nossa existência torna mais sólida a nossa crença:
Deus existe! Sem Ele sucumbiríamos nas mãos dos negreiros
Nem a fome, nem a dor e a tortura, exterminaram a nossa raça
E resistimos à tortura e morte com a força de diamante
Ensina África, ao mundo inteiro
Que Deus existe, pelo milagre de escravos espalhados pelo mundo
Separados, embora nos erguemos num só grito:
Aqui estamos para lutar e vencer
E construir a cantar uma África de liberdade
(CHIZIANE, 1990, p. 57)

3. *O canto à utopia* é uma ode às possibilidades, podendo tornar possível o que é factível. Os cantos inventam possibilidades exequíveis ("Às vezes penso" (p. 39)). Há um apelo à África: reconhecer-se e resistir perante a espoliação e o neo-colonialismo ("Olhar para ti" (p. 38)).

Às vezes penso

[...]
Agora penso que um novo mundo vai nascer
Tanto sofrimento, resisti e resistirei
Às vezes penso que o mundo será melhor
E por ele lutarei por toda a eternidade
(CHIZIANE, 2018, p. 39)

4. *O canto à memória (coletiva) ou de retorno*. Os hinos desafiam ao sinalizar o movimento de retorno: voltar é tomar para si; tomar (tornar)

de novo, para (re) tornar-se (nos), coletivamente, às raízes tradicionais africanas, não para procurar origens, mas para procurar e encontrar sentidos e dimensões africanas no aqui e agora, mas tendo em vista o pertencimento a um mundo negado, como se apresentam os versos de "Canto de glória" (p. 32, Livro II - "Canto de dor e desespero").

Canto de glória

Canto ao amor à minha amada Pátria

O vibrar dos tambores de África desperta-me para a liberdade
A dança de sobrevivência afasta, por momentos, a dor de ser escravo
E faz-me enfrentar o abismo com força diamante

[...]

(CHIZIANE, 2018, p. 32)

5. *Canto de esperança e amor à África*. Não é um canto de lamentações, mas de libertação em que construções discursivas e narrativas forjam (inventam) probabilidades de (re) tornar-se africano (a), de reiteração da importância histórica e atual de Áfricas, tal como se desenha no Livro II - "Canto de dor e desespero". (América (nova África), p.36); "África!" (p.37); "Olha para ti" (p. 38).

África!

[...]

Maltrataram-te, mas não alcançaram a tua essência
Desperta, que a tua energia vibra em cada grão de areia
Terminou o tempo de dor, és a estrela da nova era
Celebra e canta o porvir, porque és o futuro

(CHIZIANE, 2018, p. 37)

Esses árias e vozes coadunam, intrinsecamente, com nossas vivências, lutas e resistências históricas em nossa diáspora. Aqui e lá

estamos em busca da liberdade que escapa e de um dizer de si (nós) para além do passado de escravização e da dominação colonial. Aqui e lá lutamos por tomar nas mãos nossa própria existência, a história (o passado), a busca da liberdade, o porvir, a coragem, a luta, a esperança, a reconstrução da África. Aqui e lá, também entoando baladas, reivindicamos o curso da história e o poder de transitar com dignidade, autonomia, altruísmo e liberdade em África e nas Américas, semelhantes às vozes dos textos-narrativos em versos.

Além de tantas vozes narradoras cantantes, outro aspecto que se sobressai em "O canto dos escravizados" é o MAR, como morada e guardador de memórias coletivas.

Estrada de dor

[...]

Resido na memória dos meus descendentes
No silêncio dos céus e na vibração das ondas
Resido no ventre do mar e no azul do horizonte
Onde navega a paz do meu espírito

É belo viver, mesmo depois de morto
Mais belo ainda é sorrir depois do grande choro
Imortal eu sou, perdi o corpo escravo e mudei de mundo
Deram-me a morte à bala, mas ganhei a liberdade dos ventos.

(CHIZIANE, 2018, p. 46)

Ao mar é dedicado parte do II livro (p. 45-48), mas ele, ao longo do livro, estampa em vários versos narrativos. É figurado e relacionado com imagens, por vezes, duras de imaginar, porém inevitáveis: poderoso; há de tudo; conhece tudo; maior cemitério de África.

Estrada sem rasto

[...]

Mar, estrada sem rasto
Como irei reencontrar os meus ancestrais

Se apagaste as pegadas de toda a gente?
Mar medonho, quantos negros afundaste?
Quantos negros morreram nas tuas águas?
Mar meu, és o mais tenebroso dos túmulos
 És o maior cemitério de África
(CHIZIANE, 2018, p. 47)

Nele reside a dor de escravizados e de filhos de escravizados. É uma estrada de pavor e dor.

Estrada de dor

Mar: azul horizonte, azul infinito
A África inteira baila no dorso das tuas ondas
 O teu sal, ó mar, são lágrimas de dor
Derramadas pelos cativos em todas as travessias
 Mar, estrada de pavor
Engoliste tantas naus, que até perdeste a conta
Mar medonho, matas tudo: marinheiros, navios, escravos
 Mar, és um eterno cantador como escravo no porão
 És eterno viajante, sempre flutuante, sem território fixo
 És mesmo um escravo, que busca a paz entre as marés
 Para fixar a âncora e repousar o cansaço da existência
(CHIZIANE, 2018, p. 46)

Desfila o mar também como companhia dos escravizados e aparece, inclusive, como caminho para chegar à América de sofrimento e luta.

Perdido para sempre

Juntei minha voz ao marulhar das ondas
Gritei, chorei e chamei por ti, meu Deus

Para que viesses socorrer da tortura
E me livrar da escravatura

As ondas bailaram e cantaram só para mim
As gaivotas executaram a dança dos céus
[...]

Inveja tenho dos que morreram na travessia do mar
Jamais conhecerão a dor das grilhetas e das correntes
Invejo os que ficaram em África, apesar de colonizados
Porque eu na América me sinto perdido para sempre
(CHIZIANE, 2018, p. 45)

O mar transita em versos narrativos não tão somente como metáfora ou lugar em que se viveu e se guardam fatos, lembranças, atrocidades e mortes, decorrentes da escravidão e do passado colonial. Apresenta-se também como um lócus significativo de invenções de memórias de Áfricas e do mundo, além de voz narradora. Suas ondas são companhia na travessia, mediante a solidão, e, ao mesmo tempo, consolo, para os escravizados.

Cantiga do mar

Nas ondas mansas, nas ondas bravas
No azul celeste, no azul intenso
Na cor do céu e do horizonte
Reside a dor da minha alma

Mas, ó mar, estrada do pavor
Mar, ó mar, consola a minha dor
[...]

(CHIZIANE, 2018, p. 48)

O mar percorre o imaginário de Paulina Chiziane, em "O Canto dos Escravizados", arquivando histórias em que habitam heranças his-

tóricas e ancestrais que ligam africanos (as) e afro-descendentes nas diásporas aos antepassados (as) africanos (as) escravizados (as), possibilitando-os (as) reescrever e ficcionalizar histórias e memórias individuais e coletivas. Nesse sentido, o mar aparece como moradas de memórias, mas também como um baú seguro e quase sagrado, onde residem corpos, lembranças e vozes navegantes, naufragas, memoriais e encantadas, com suas grandezas e mistérios, sedentas de liberdade.

O mar, o mar! Além de morada de recordações e histórias, sitia versos narrativos de "O Canto"!

A maioria dos romances de Paulina Chiziane, principalmente, "O sétimo juramento" (2000) e "Niketche, uma história de poligamia" (2002), assevera a estudiosa portuguesa Ana Mafalda Leite: "[...] têm em comum uma crítica incisiva à hipocrisia dos comportamentos da burguesia urbana moçambicana e desvendam os tortuosos procedimentos de uma sociedade, eminentemente, patriarcal" (LEITE, 2013, p. 179). Neste sentido, em nuance reivindicativa e expositiva, sua obra aguça o debate sobre a valorização da cultura local; possíveis choques culturais; a importância do continente africano para o surgimento e desenvolvimento da humanidade; patriarcalismo; papéis socioculturais atribuídos à mulher, a poligamia etc. Como se percebe, são recorrentes a reiteração e repetição temática na sua obra, tornando a escrita quase exaustiva, mas nem por isso, menos criativa, atual, importante, emergente, emergencial e necessária.

Avulta, inclusive, pelo projeto autoral de contação de histórias, que se consolida por, dentre outros objetivos, provocar reflexões sobre a (re) invenção de identidades moçambicanas, concomitantemente, com a construção da nação que se quer, simultaneamente, africanizada, cosmopolita e intercultural. Além de instigar o enfrentamento de dilemas, quase inevitáveis, provocados por choques culturais, políticos e religiosos entre Moçambique e a cultura ocidental; e apontar a necessidade de se repensar relações de gênero no país e na literatura, principalmente, a dominação masculina que permeia a situação das mulheres em várias partes do país.

Como memórias, por vezes (ou quase sempre) autobiográficas, como em "Na Mão de Deus" (2016), suas narrativas, recontam contos orais tradicionais, anteriores ao período colonial, ora pouco valorizadas ora retomadas no pós-guerra e pós-independência, ou ficcionalizam experiências pessoais que não se esbarram em intimismo, mas se entrecruzam com vivências de outros (as) e (ou) se desdobram em ocorrências sociais e coletivas. Algumas, ainda, se tecem a partir de fatos políticos ou históricos do país como em "Ventos do apocalipse" (2006).

Por e com toda essa gama de motivos, acrescentam-se ainda inquietações, criatividade e aspirações da autora que, através e com suas histórias e memórias, reitera vivências e repertórios culturais das vidas urbana e rural e retroalimenta sua escritura que se apresenta marcada pela reiteração temática e de argumentos. A recorrência, por exemplo, de temas como curandeirismo, espiritualidade e mediunidade em Áfricas, no que tange ao enredo da trama.

Neste sentido, há de se pontuar o sagrado presente na obra de Paulina Chiziane, não se apercebe, contudo, uma literatura sobre Deus ou teologia, mas, conforme afirma Bahule (2013, p. 19), ela

[...] torna a sua literatura sagrada a partir do instante que narra, através de factos existências, o caminho que a mulher deve trilhar para se libertar e se depurar na sua existência feminina. Paulina Chiziane faz uma cisão com a antiga visão metafísica que põe o masculino em primeiro lugar e a mulher no último plano. De forma simplista, podemos assegurar o seguinte: < o que> Paulina Chiziane faz é uma literatura de cisão, de incisão umbilical, <para que> possa libertar a mulher das correntes masculinizantes que infernam o universo feminino [...]

Despontam, inclusive, temas como choques culturais, africanidades etc. no bojo de sua obra. Sobressai, em especial, o papel social da mulher em Moçambique. Assim a literatura de Paulina Chiziane, segundo o estudioso Cremildo Bahule (2013, p. 18), rompe

[...] com o vulgar misógino e se tenha se determinado a cultivar uma narrativa marcada pela equação do problema sagrado, olhando com o fim último a purificação do gênero feminino através das inquietações situacionais e vitais que impregnam o ambiente cultural de Moçambique e do círculo literário moçambicano [...]

Paulina Chiziane é, indubitavelmente, a escritora moçambicana, atualmente, não só com maior número de obras publicadas, em prosa, no seu país e no exterior, mas também é a romancista que mais se destaca no tocante ao projeto literário arrojado, que se funda e se sustenta em bases culturais, em ondas de Moçambique e do Índico, mas que se alarga por outras águas e se intersecciona por outras fronteiras e territórios identitários e geográficos. Sem matiz autoritário, tensiona a dominação cultural ocidental e as faces do eurocentrismo em Moçambique, mesmo após a independência, apesar dos focos narrativos mostrarem-se indignados e questionadores com traços culturais que ameaçam a dignidade humana, bem como com a clandestinidade e condenação de práticas culturais e religiosas de Moçambique.

Referências

BAHULE, Cremildo. **Literatura feminina, literatura de purificação.**

O processo de ascese da mulher na trilogia de Paulina Chiziane. Maputo: Ndjira, 2013. Coleção Horizonte da Palavra.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Trad Renato Aguiar. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CHIZIANE, Paulina. **Balada de amor ao vento.** Lisboa: Caminho, Prosa, 2003.

_____, Paulina. **Ventos do apocalipse.** Lisboa: Caminho, Prosa, 2006.

_____, Paulina. **O sétimo juramento.** Lisboa: Caminho, Prosa, 2000.

_____, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____, Paulina. **O alegre canto da perdiz**. Maputo: Ndjira, 2010.

_____, Paulina; KASSEMBE, Dya. **As heroínas sem nome** - memórias de guerra e paz das mulheres em Angola. Luanda: Editorial Nzila, 2009.

_____, Paulina; SILVA, Maria do Carmo da. **Mão de Deus**. Maputo: Matiko Editora, 2016.

_____, Paulina. **As andorinhas**. Contos. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

_____, Paulina. **Por quem vibram os tambores do além?** - biografia do curandeiro Rasta Pita. 2013.

_____, Paulina. **Eu, mulher... por uma nova visão do mundo**. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

_____, Paulina; MARTINS, Mariana. 2 ed. **Ngoma Yethu: O curandeiro e o Novo Testamento**. Maputo: Matiko Editora, 2015.

_____, Paulina. **O Canto dos Escravos**. Maputo: Matiko e Arte, Lda, 2017.

_____, Paulina. **O Canto dos Escravizados**. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.

COSTA, Rosilene Silva da. **Ventos do apocalipse**: ventos de mudança em tempos de pós. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. 2009.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literaturas africanas de língua portuguesa**. Mobilidades e trânsitos diaspóricos. Belo Horizonte: Nandyala, 2015.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

JONA, Sara. **Entre o Índico e o Atlântico**. Ensaios sobre literatura e outros textos. Maputo: Ndjira, 2013.

LEITE, Ana Mafalda Leite. Paulina Chiziane: romance de costumes,

histórias morais. In: **Ensaio sobre Literaturas Africanas**. Maputo: Alcance editores, 2013. Ensaio.

_____, Ana Mafalda. **Ensaio sobre literaturas africanas**. Maputo: Alcance editores, 2013.

MATA, Inocência. **O sétimo juramento de Paulina Chiziane** - Uma alegoria sobre o preço do poder. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 4, pp. 187-191. 1º sem. 2001.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais**. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

NGOMANE, Nataniel. Posfácio. In: **O Alegre Canto da Perdiz**. 2 ed. Maputo: Ndjira, 2013. Coleção Ondas do Índico.

_____, Nataniel. Prefácio da I Edição. In: CHIZIANE, Paulina; MARTINS, Mariana. 2 ed. **Ngoma Yethu: O curandeiro e o Novo Testamento**. Maputo: Matiko Editora, 2015.

NHAMAZE, Hélder. Prefácio da II Edição. In: CHIZIANE, Paulina; MARTINS, Mariana. 2 ed. **Ngoma Yethu: O curandeiro e o Novo Testamento**. Maputo: Matiko Editora, 2015.

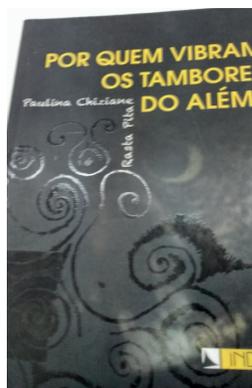
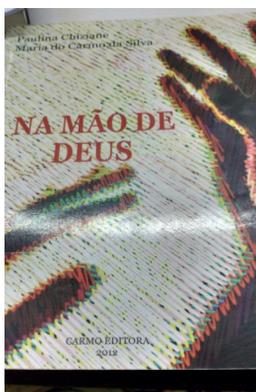
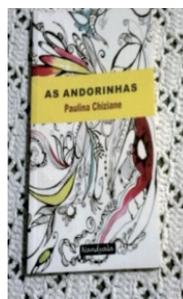
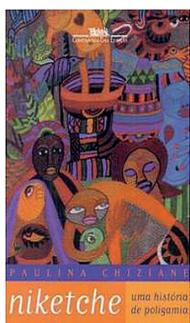
NOA, Francisco. **A escrita infinita**. (Ensaio sobre literatura moçambicana). Maputo: Livraria Universitária-UEM, 1998.

OLIVEIRA, Adriana Souza de Oliveira. **Ventos do Apocalipse**: Mensagens de esperança em tempos de cólera. Mulemba. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 1, n. 8, pp. 16-28. Jan-Jul, 2013.

SILVA, Calane. Prefácio da I Edição. In: CHIZIANE, Paulina; SILVA, Maria do Carmo da. **Mão de Deus**. Maputo: Matiko Editora, 2016.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

VALOI, Rosita Alberto. Prefácio da I Edição. In: CHIZIANE, Paulina; MARTINS, Mariana. 2 ed. **Ngoma Yethu: O curandeiro e o Novo Testamento**. Maputo: Matiko Editora, 2015.



Fotografia: Arquivo Pessoal



https://www.huffpostbrasil.com/luciana-brito/paulina-chiziane-e-a-escrita-como-teimosia-e-simbolo-politico_a_21699205/

Rinkel: mais uma poeta feminina e feminista

Rinkel é o pseudônimo de Márcia dos Santos. Ela nasceu em 10 de maio de 1977, em Inhambane. É membro da AEMO. Já participou de várias antologias em Moçambique, Portugal e no Brasil. Representou seu país no Festival de Poesia de Havana, Cuba, em 2007. Publicou três livros de poemas: "Almas Gêmeas" (AEMO, 1998); "Revelações" (AEMO, 2006); e "Emoções e Abstracções" (Edições Fundac, 2011).

Com uma escritura confessional, em um tom denunciativo, segundo a pesquisadora Ana Mafalda Leite⁴¹, aborda temas relacionados às injustiças e desigualdades sociais, sobretudo as raciais, e a infância daqueles nascidos em meio à violência da guerra civil e ao abandono, a maternidade, escravidão feminina, dentre outros.

CORRUPTA DEMOCRACIA

No lixo tem um bicho
O bicho gosta de lixo
O lixo alimenta o bicho
E o bicho cresce a cada dia

O bicho, o lixo gosta
Gosta do lixo, o bicho
E faz do povo o seu luxo

UM DESASTRE ACONTECEU

Justo agora...
Mas justo agora mesmo
É que tinha que acontecer.
Mas porquê?
Já houve prenúncios
Muitas premonições
Até na bola de cristal foi previsto

41 As informações sobre a autora e suas obras constam em opais.sapo.mz/algumas-vozes-femininas-na-poesia-mocambicana-do-seculo-xxi-. Acesso em 27.04.2018.

Rosa Isabel Maiópué (Apuna)⁴²: narradora de crônica-conto

Rosa Isabel Maiópué, Apuna, nasceu em 18 de janeiro de 1955, em Mutuáli, distrito de Malema, província de Nampula, onde reside atualmente. Frequentou o curso de professores primários, na ex-escola de Habilitação de Professores Primários do Posto Escolar de S. Pedro, em Nampula, atual Universidade Pedagógica.

Foi professora do ensino primário e diretora das escolas primárias 7 de Abril e Parque Popular (1978-1990), na cidade de Nampula. É Licenciada no ensino de língua portuguesa, pela Universidade Pedagógica, em Maputo. Foi deputada eleita da Assembleia da República, pela bancada da FRELIMO, Círculo Eleitoral da Nampula, para os mandatos de 2004-2004 e 2005-2009.

É cronista e contista. Publicou, em 2007, o livro "Ela chamou ao cão. Omuyiye Alotche (Deixa Falar)", o qual foi prefaciado pelo escritor e professor Calane da Silva. São 12 crônicas, publicadas, anteriormente, em jornais. Algumas delas parecem contos, já que se assemelham no estilo, linguagem, narratividade e conteúdo. Assim aparecem no livro as *crônicas-contos* como aquelas que intitulam o livro: "Primo Cunhamire morreu como um cão" e "A mentira tem pernas curtas". E tem dois contos "Afinal, nada acontece por acaso" e "Digressão de Eustáqui: Vovó Quiqui" (SILVA, 2007, p. 8).

As narrativas, em um tom didático, pedagógico e até moralizante, ficcionalizam fatos ocorridos na província de Nampula ou em Maputo, relacionados a comportamentos sociais e às relações conjugais, étnicas e sociais. Retratam, assim, temas como conflitos, possíveis valorações e hierarquizações a elas atribuídas, limitando-se às constatações de tais ocorrências.

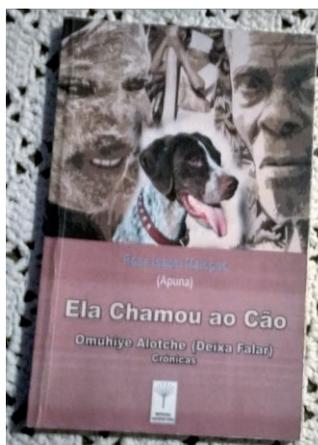
Vozes narradoras e personagens moçambicanas, com um vocabulário bantu, o macua, em específico, apresentam paisagens lo-

42 Dados biográficos da autora foram encontrados na contracapa do livro.

cais, sobretudo do norte do país, onde está localizada a província de Nampula e também repertórios culturais. São histórias pertinentes para conhecer costumes culturais e cenas do cotidiano da província de Nampula e ao redor da capital do país, por vezes, com o intuito de coibir preconceitos e favorecer a alteridade, inferindo o direito à diferença e à diversidade.

Referência

MAIÓPUÉ, Rosa Isabel (Apuna). **Ela chamou ao cão**. Omuyiye Alotche (Deixa Falar). Maputo: Imprensa Universitária, 2007.



Fotografia: Arquivo Pessoal

Rosa Langa⁴³: viajante do jornalismo cultural e imaginários

Rosa Langa é natural do distrito de Chibuto, província de Gaza, Moçambique. É jornalista cultural e trabalha há muitos anos na Rádio Moçambique. Em decorrência de seu trabalho profissional, fez muitas viagens pelo interior do país, quando gravou e recolheu inúmeras histórias. Recebeu o prêmio de Melhor Repórter Cultural, em 2003, pela Revista TvZine.

Em 2006, publicou, sob sua própria chancela, seu primeiro livro "Moçambique, Mulheres e Vida", prefaciado pelo jornalista Frederico Jamisse, em coautoria de Teodósio Langa, seu irmão, com quem viajou, muitas vezes, para realizar entrevistas, e do seu filho Pedro Langa. Nessa obra, já na segunda edição, há o registro de fatos vividos por várias mulheres do cenário sociocultural de Moçambique. São narrativas que envolvem intimidades, vivências, sonhos, conquistas, frustrações e desejos de toda ordem.

Os trinta depoimentos, que constam nesse livro, são relatados em primeira pessoa de resistentes mulheres como Melina Nicuta (mulher responsável pelos Ritos de Iniciação em um povoado no distrito de Chiúre, em Cabo Delgado); Graça Neves, Estrela Felizarda (a mulher que lhe foram tomados todos os bens sob acusação de que ela foi a mentora da morte do seu marido); artistas como Reinata Sadimba, Zaida Lhongo (a única mulher piloto de Moçambique), a campeã olímpica Lurdes Mutola, uma profissional do sexo da Rua

43 As informações sobre a autora e suas obras foram encontradas no Centro Cultural Brasil-Moçambique, em 1º de outubro de 2016 e nos sites <<https://noticias.sapo.mz/actualidade/artigos/rosa-langa-apresenta-mocambique-mulheres-e-vida>>; <<https://lifestyle.sapo.mz/glamour/celebridades/artigos/rosa-langa-jornalista-e-escritora>>; <<https://noticias.sapo.mz/actualidade/.../rosa-langa-apresenta-mocambique-mulheres-e-...>>; <macua.blogs.com/moambique_para_todos/2008/08/jornalista-rosa.html>; <<https://www.caicc.org.mz/.../289-jornalista-e-escritora-rosa-langa-lanca-seu-segundo-li...>>; e <mozindico.blogspot.com/2009/11/mocambique-mulheres-e-vida-de-rosa.html>. Acesso em 20.09.2017.

Araújo, a Primeira-Ministra Luísa Diogo, a locutora Glória Muianga, a centenária Teresa Santos, Janet Mondlane e Graça Machel.

Em 2008, patrocinado pela Cooperação Suíça, publicou "As Inconfidências dos Homens - Entrevistas", por ela mesma editado. Dessa vez, vinte e sete figuras masculinas da sociedade moçambicana foram protagonistas dos relatos - *inconfidências* - que abordam as suas trajetórias e de alguns estrangeiros em busca de dignidade e outros expõem seus sonhos, utopias e frustrações. Além disso, temas como sexualidade, aventuras amorosas e sexuais, prevenção e saúde sexual, circuncisão, rituais de iniciação, virgindade, doenças sexualmente transmissíveis, em especial, HIV/AIDS, dentre outros.

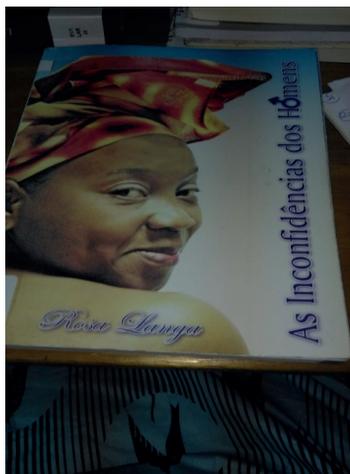
Nessa obra, há relatos, em forma de entrevistas, dos artistas Marcelino dos Santos (poeta Kalungano e político), José Craveirinha (poeta), Gito Baloi (músico), Bonga (músico angolano), Noel Langa (artista plástico), Ricardo Rangel (decano de fotografia), Gilberto Mendes (actor e encenador teatral), Xidiminguana (músico), Moreira Chonguiça (músico), Stewart Sukuma (músico), Isaú Menezes (músico e político), Justino Chemane (maestro e autor do primeiro Hino Nacional), Wazimbo (músico), Mualimo Issufo (músico e líder religioso), Rui Veloso (músico português), Carlos Hlongo (músico), Chico da Conceição (músico), entre outros.

Todas as entrevistas foram radiodifundidas em partes em alguns programas da estação radiofónica onde a autora trabalha. Esse título integra a antologia "América do Sul e África: um olhar próprio, livros para conhecer os dois continentes" (2009), o qual reúne livros de escritores (as) da África e da América do Sul.

Referências

LANGA, Rosa. **Moçambique, Mulheres e Vida**. Maputo: edição da autora, 2006.

_____, Rosa. **As Inconfidências dos Homens** - Entrevistas. Maputo: edição da autora, 2008.



Fotografia: Arquivo Pessoal



<https://noticias.sapo.mz/actualidade/artigos/rosa-linga-apresenta-mocambique-mulheres-e-vida>

Sara Rosário: contadora de histórias infantis

Sara Rosário reside em Nampula, em Moçambique. Lançou o seu primeiro livro de literatura infantil em 2017, durante a III Feira do Livro de Maputo que se realizou entre os dias 5 e 7 de outubro, pela Alcance Editores.

"A Sementinha que Veio do Saco de Sementes" tem edição bilingue (português e em echwabo, uma das línguas de Moçambique). Na história, um vegetal, ainda semente, é personificado, tornando-se uma narradora-personagem. Como protagonista, ela conta, com bastante emoção, suas experiências e sentimentos de ter sido e se tornado uma semente sem ter a consciência de sê-la. Feliz com as outras sementes, ela descobre que a sua vida passará por um processo, por intervenção humana, e, juntamente com outras sementes, será metamorfoseada, de grão se transformará em um arbusto, outra fase de sua existência.

Referência

ROSÁRIO, Sara. **A Sementinha que Veio do Saco de Sementes**. Maputo: Alcance Editores, 2017.



Sónia Sultuane⁴⁴: artista da palavra, imagens e corpo

Sónia Abdul Jabar Sultuane nasceu em Maputo, em 4 de março de 1971, mas viveu em Nacala Velha, província de Nampula até os oito anos de idade. Ao retornar a Maputo, em 1979, continuou os seus estudos na educação fundamental. Já atuou, profissionalmente, nos ramos financeiro e administrativo. Atualmente, é gestora de Comunicação e Imagem e Assistente Executiva em uma empresa de Advogados e Consultores.

É membro da Associação de Escritores Moçambicanos (AEMO), onde já ocupou o cargo de secretária da assembleia geral; da MUVART - Movimento de Arte Contemporânea de Moçambique -; e do Núcleo de Arte.

Como artista plástica, participou de exposições individuais e coletivas: em 2007, "Cape África 07" - com o trabalho "De dentro para fora" (RSA - Cape Town); Exposição coletiva de arte contemporânea "Hora O", "A cerâmica contemporânea", com o trabalho "5º Elemento" (Escultura e Poesia) (Museu Nacional de Arte, Maputo, Moçambique); e "Exposição Coletiva Muvart - Nuova África", com os trabalhos "Sou poesia", "Cofre dos sentimentos e Viagem espiritual" (Piancenza - Itália); em 2008, "Exposição coletiva *Artisti Friendship 2008 Del Club D'Ars* (Milão - Itália); workshop internacional, organizado pelo Ministério de Educação e Cultura e o Muyehelekete - Triangle. Foi uma das artistas convidadas e um dos membros da organização (Maputo - Moçambique); e "1ª Exposição Individual", "Palavras que andam" (Maputo e Beira, Moçambique).

Já publicou as seguintes obras: "Sonhos". Poesias. (AEMO, 2001); "Imaginar o poetizado". Poesias. (Ndjira, 2006); "No colo da lua" (2009) Poesias; "A lua de N'weti" (2014), Literatura Infantil; e "Roda das encantações". Poesias (Maputo, Ed. Fernando Couto, 2016;

44 Os dados biográficos da autora foram encontrados nas contracapas dos livros citados ao longo do texto.

Brasil, Ed. Kapulana, 2017); e "Celeste, a boneca com olhos cor de esperança" (Portugal, 2017). Já participou de várias antologias, tais como *Poesia sempre*, publicada pelo Ministério de Educação e Cultura (2006); "Nunca mais é sábado - Antologia de poesia moçambicana", 2003, organizada pelo escritor Nelson Saúte, publicada pela editora Dom Quixote, em Portugal.

Participa de vários eventos artístico-culturais e literários nacionais e internacionais. Em 2006, declamou o poema de sua autoria "Sou vida, sou dança por inteiro", na cerimônia de abertura no "Festival Internacional de Dança Contemporânea" e fez a abertura da solenidade de encerramento do *Miss Bikini*, com o poema também de sua autoria, *Nogat*. Ainda, nesse ano, seu poema "Africana" foi publicado no "Moçambique Fashion Catálogo", lançado pela VODACOM; compôs o poema *Beijo Negro* e declamou nas Escadarias do Conselho Municipal de Maputo; participou da fusão "Música/Poesia/Pintura da Warner Putigam's Multidisciplinar Performance Triptchon #14" (Áustria-Moçambique), apresentado no Centro Cultural Franco-Moçambicano.

Em 2005, integrou o elenco do espetáculo de dança contemporânea "Dentro e Fora", do Centro da Pesquisa Coreográfica, apresentado no Teatro Avenida. Fez o texto de apresentação do "Catálogo de Exposição de pintura e escultura dos artistas Noel Langa, Victor Sousa Neto e Ndlozy" e compôs o poema "Humano para a Exposição de Arte Contemporânea", do mesmo título dos artistas Gemuce e Jorge Dias, apresentada no Museu Nacional de Arte, em Maputo.

Seu poema "Saudades és o meu mistério", de "Sonhos", compôs a programação de abertura do espetáculo "Trans.Movie/interludes", projeto de intercâmbio cultural, produzido pela Wener Puntigam, com uma bolsa de estudos do Departamento Cultural da Cidade de Lins (Áustria).

"Sonhos" compõe a Coleção Início nº 16 da AEMO. Essa coletânea reúne 36 poemas; foi prefaciado pelo escritor Eduardo White e tem o posfácio da escritora e pesquisadora portuguesa Ana Mafalda

Leite. Sem títulos, no corpo do livro, os poemas, no índice, são apresentados por seu primeiro verso.

Entre saudades e dores, escreve, assevera Ana Mafalda Leite, no posfácio, "[...] como quem reflecte ou inflecte no interior exterior do que é sentir e ser sentido [...] não confessa, não exprime. Conta, como quem sussurra, esses lugares da emoção, que se tornam irizados de muitas cores, ora mais esbatidas, ora mais fortes e vivas" (LEITE, 2001, p. i).

Tenho as entranhas em dor,
a alma oprimida, dilacerada,
o pensamento em quase tudo perdido,
como estou?
será que estou?
estranho!
As entranhas convulsam,
na dor que tenho, essa onde será mesmo que está?
onde será mesmo, que dói?
o pensamento longe, o coração a simular-se, desligado de mim,
a alma quer partir,
quer alcançar algo,
só ela é que sabe o quê e o porquê,
chamo-a mas ela é mais forte, quer partir,
ao encontro de algo perdido,
paro o pensamento, mas já o tenho bem longe,
estranho...
será que volta?
(SULTUANE, 2001, p. 12)

Assim vozes poéticas entoam cânticos, com sensações e sentimentos múltiplos, que se reportam ao conhecimento e busca de si mesmo e, por conseguinte, à construção e negociação (BHABHA, 2003) de identidades e de signos de identificação (HALL, 2003) que se mostram sempre fluidos (SILVA, 2000).

Quem sou? quem serei?
 não sei!
divido-me em várias partes, jovem, mulher, criança,
 mas em nenhuma me defino,
serei eu aquele ser forte que aparento!
 inatingível às vezes como mostro ser?
 ou serei aquela criança,
que atingida por algo que se refugia, se esconde?
 ou serei quem ama, e procura receber também?
 não sei!...
será que me identifico com alguma destas personagens?
 ou serei a união de todas, numa só!
 que me faz tão complicada e incompleta,
diz-me tu ó mundo que me observas, e me deixas tão vazia,
diz-me tu quem sou, o que sou e o porquê, de ser assim.
(SULTUANE, 2001, p. 14)

Os versos compõem memórias poéticas que visitam e transitam entre a infância, adolescência, juventude e vida adulta de eu (s) enunciadore(s). Sonhos não realizados, no percurso da existência, transmutam-se em pesadelos e fantasias.

Sonho quebrado ainda em menina,
 pesadelo vivido já em adolescente,
 fantasia presente em mulher,
estes todos estados vividos numa só vida,
 o sonho quebrou,
 o castelo em vidro desabou,
tantos estilhaços cravados em meu corpo,
 como foi possível?
meu corpo deformado, meu rosto desfigurado,
 restou minha alma,
meus sonhos de criança, em meu pesadelo e na minha fantasia.
(SULTUANE, 2001, p. 11)

Exaustão, desejo e frustração perpassam suas tessituras poéticas que se entrecruzam com questionamentos que são recorrentes nos poemas de "Sonhos".

Já tão cansada desta vida pergunto-me como será a outra?
mais tranquila, mais segura?
dormente a minha parece estar,
olho à volta onde estou?
que mundo será este?
se não tivesse vivido o que vivi e o que sofri,
quem seria eu?
onde iria buscar toda esta vontade de correr,
os meus dedos que querem escrever, e tanto,
sou louca o infantil?
ou por momentos deixo correr o meu pensamento,
e mostro ao mundo, o que me consome aos poucos,
a muitos aflige aos que dizem ser eu criança, insegura, imatura!
o que tanto escrevo?
deprimo-me,
deixem-me...
deixem-me viver no meu mundo,
tornar falas todas as palavras,
deixem-me no meu mundo doce e infantil, mas meu.
(SULTUANE, 2001, p. 13)

Também entre ilusões e realidades, vozes poéticas femininas desvelam sonhos e desejos impregnados de sensações, sensualidades, imaginação e criatividade.

Amar-te é viver, sentir, rir,
ter compaixão e perdão,
amar-te é algo sem dimensão ou justificação,
é viver sempre na imaginação,

dar mais que uma razão,
estar sempre a sonhar,
pedir-te mais do que uma explicação,
para tanto amor,
o que por muito amor tenho para te dar
(SULTUANE, 2001, p. 28)

Vozes líricas apresentam-se autoras que se quer femininas, pouco (ou não) temerosas, livres e, por isso, sem compromissos com ditames da poesia perfeita, do cânone ou da tradição literária, pois, como afirma o escritor Eduardo White (2001, p. 1), no prefácio, "[...] antes e se fazer sentir, a poesia tem que ser sentida e doída, tocada e investigada e só depois amada, e só depois libertada [...]".

Lentamente vou escrevendo,
o que me passa no pensamento,
sem pressa, sem sentido,
para aliviar a minha alma,
vou perdendo-me em mim mesma,
batendo as teclas,
vou escrevendo tudo o que me chega, ao pensamento,
sem regras, sem medos,
sendo de escrever, mas de o ler,
para não me descobrir em tormento,
escrevendo, escrevendo,
entregando-me a mim mesma sem pressa,
para que a minha boca, não minta nem omita,
o que sinto,
e o que me vai no pensamento
(SULTUANE, 2001, p. 28)

Com encanto, o primeiro livro de Sónia Sultuane exhibe um mosaico poético tecido por diversos sentimentos, sonhos, desejos, vozes

e indagações, proporcionando reflexividade e formulações de perguntas sobre seus versos e vozes inventados. Instiga, também, com lirismo, a autocrítica e possíveis tensionamentos sobre eu (s) construídos e tornados.

"Imaginar o poetizado" (Maputo, 2006) é composto por 31 poemas e é prefaciado por Ana Mafalda Leite. Semelhante a "Sonhos", porém de modo mais intenso e recursivo, nessa obra, a sensualidade se traveste de linguagens e signos, associada ao erotismo e sensações.

Enquanto em "Sonhos" perfilham-se odes à vida, imbuídas de questionamentos sobre a existência que se inicia no passado e dele se retroalimenta o presente e se inventa o futuro, sem ser angustiantes, mas provocativas, em "Imaginar o poetizado", além da recorrência temática Identidades, como em "Africana" (p. 15), por exemplo, desfila cantos ao amor e ao prazer corporal.

Beijo Negro

Beija-me profundamente com o teu gosto,
dá-me o teu gosto,
faz-me renascer,
para que no meu despertar sinta a fresca melodia dos
[pássaros,
e a brisa me traga esse incenso místico... terra...
que os rios e mares quentes,
me lavem a consciência e me aqueçam a alma,
o meu dia seja uma caça felina... a minha presa... a
[vida...
e esses tambores ao anoitecer, me embalem em sons
[embriagantes,
o fogo dos corpos mais forte que as chamas das fogueiras,
os gestos dos corpos suados,
uma dança feiticeira de beijo negro,
a minha entrega inteira, beija-me profundamente com esse gosto,

porque só tu me beijas assim.
(SULTUANE, 2006, p. 9)

Os poemas, encharcados de emoções, sentidos, cheiros, sensações, ardências, sabores e sonoridades, apresentam-se, por um lado, como "fragmentos confessionais amorosos" (LEITE, 2006, p.5), de um tempo vivido e presentificado, por outro, cantam o amor de pele que se sente a qualquer tempo.

Esta noite

Esta noite dormi perdida, entregue nos teus braços,
saciada e exausta,
deitei-me de ventre para baixo, nua,
deitada por cima de ti,
embriagada pelo teu cheiro, o calor do teu corpo,
as tuas entranhas, o teu abdómen,
as tuas mãos, nas minhas costas,
o teu abraço guardando-me profundamente,
para que não fugisse,
para não quebrasse o nosso laço de cumplicidade,
adormecido estavas entregue a mim,
longe de tudo e de todos,
queria chamar-te para me possuísses novamente,
mas o teu sono era tão profundo,
em paz, que fiquei ali,
somente a contemplar-te como podias ser meu,
sem estares ali, mas mesmo assim,
fazendo parte deste meu sonho disperso.
(SULTUANE, 2006, p. 11)

Mesmo que em sonho, o protagonismo e o empoderamento da mulher também se dão nas relações afetivas. Além de saciada e

exausta, a voz enunciadora feminina reverte posições e entregas do ato sexual heterossexual. Assim, para Ana Mafalda Leite (2006, p. 6),

O corpo está cravado em cada um dos poemas pelo seu sentir e, cada um deles se evola ou solta um aroma, uma forma de tacto, de paladar, de som, de imagem, Os cinco sentidos são insuficientes para a captação integral do sentir amoroso, corporiamente inebriado.

Destacam-se, nos versos de "Imaginar o poetizado", igualmente a "Sonhos", a predominância de vozes líricas femininas. São elas que, na contramão dos ditos e postulados patriarcais, cantam seus amores físicos, emoções e sentimentos, exaltando o prazer, a sensualidade e o erotismo inerente também às mulheres, mas, historicamente, aprisionado e negado às mulheres.

Nogat

Nessa noite quente suada de sabor a África,
corri-te docemente, encontrei em ti o gosto de amen-
[doim,
adocicado em açúcar,
"Nogat"
o sabor de criança inocente à porta da escola,
lembras-te?
deixavas-me trincar o teu doce,
e a cada mordidela
sentia os teus lábios de mansinho,
como posia esquecer-me desse sabor,
a torrado, de cor de canela,
cor desses teus lábios adocicados,
onde hoje trinco e mordo,
à procura desse néctar,
com o mesmo gosto a "Nogat"

da nossa adolescência!
(SULTUANE, 2006, p. 13)

Nesta perspectiva, os hinos ao amor feito carne, deste livro, estendem-se aos corpos femininos que, em alguma medida, se libertam de subalternidades e, principalmente, de práticas de apagamentos de sensorialidades, prazeres, emoções e afetos.

Negro

Como o sangue que me alimenta, este desespero negro,
negro como o meu pensamento,
que me leva a desejos levianos,
à vontade carnal,
onde corre o negro dos delírios, das sufocações,
dos gritos profundos,
e esta carne que me palpita, ferve,
que me queima dentro do ventre,
e este corpo que já não me deixa ser meu,
queima...queima...profundamente queima.
(SULTUANE, 2006, p. 23)

O corpo feminino, desse modo, em simbiose com a palavra, transmuta-se escrita e sentidos, tornando a palavra concreta, sensível, poética e erotizada. Assim, os poemas desenham e exibem corpos ardentes, plenos de vida e anseios encarnados, que falam, cantam, sentem e realizam, por vezes, pela linguagem, desejos amorosos e afetivos.

Palavras

As palavras que te dou
são o que sou,

são o que sinto,
e como me sinto,
essas são as minhas palavras: EU.
(SULTUANE, 2006, p. 29)

Os versos, deste livro, não só poetizam o imaginado, como também erotizam corpos femininos e a palavra que se faz carne e escrita. Neste sentido, seus poemas, em tons reivindicativos e subversivos, são transgressores e libertários, pois aguçam reversões e não só os sentidos; suscitam afloramentos, sem escrúpulos, de desejos, sensações afetivo-sexuais; e incentivam a livre expressão e exaltação feminina de experiências de toques, afagos e prazeres corporais e emocionais.

O livro "No colo da lua" (Maputo, 2009), com uma escrita mais amadurecida, diferente de "Sonhos", que parece mais experimental, nos instiga, desde o seu título, ao nos convidar a imaginar, poeticamente, a lua como uma grande figura feminina. Personificada, a lua acolhe e abriga em seu colo vozes poéticas, igualmente femininas, com suas dores, desejos, sentimentos, medos e sensações.

No colo da lua

Quero olhar o céu
e contemplar a sua sombra dançando
na cadência do meu coração,

mergulhar no seu infinito,
no reflexo do azul esverdeado profundo.,
sentir o cheiro do mundo percorrer-me as entranhas,
falar às estrelas prateadas,
sentar-me no colo da Lua amando a imensidão do universo,
saboreando cachos de uvas pretas adocicadas,
para poder entregar-me a todos os sabores exóticos,
cantando e suspirando pela vida.
(SULTUANE, 2009, p. 23)

Corpo, afeto, prazer, saudades, mortes, desejos, solidão, memórias, liberdade, amor são alguns temas caros a essa obra. Reaparece o amor carnal de "Imaginar o poetizado", novamente sem vulgaridades e minimalismos. Ao contrário, a beleza, com que se entoam cantos de exaltação do amor de pele, impulsiona à contemplação e ao encantamento do prazer como uma experiência sublime, ao mesmo tempo, do corpo e da alma, da fala e da escrita, do sonho e da realidade, do cheiro e do gosto, do sentir e do imaginar.

Manjares exóticos

Saboreias no meu corpo o gosto do amor,
nos meus mamilos dou-te o gosto do morango carnudo,
no meu ventre o gosto do abacaxi,
nas minhas coxas, nessas, dou-te mangas verdes,
vens buscar na minha boca o açúcar,
para aprisionares e mordiscares a tua fruta,
nesse banquete inesquecível.
(SULTUANE, 2009, p. 17)

A escrita poética, em um exercício de metalinguagem, também desponta como foco argumentativo do livro. Salienta que o ato de escrever está envolto ao sentir e comprometido com sensações advindas de múltiplos sabores.

Nasci poeta

Embragaram-me os poetas invisíveis e imaginários
que me habitam quando durmo,

levito na sala do pensamento amassado,
as palavras dançam apressadas,
bebo o gosto dos versos adocicados,

nos meus lábios ainda guardo o gosto
da café amargo o último trago do cachimbo
do poeta desconhecido que me embalou,

na escuridão encontra a luz do arco-íris
para desenhar os poemas partilhados pelo cordão umbilical.
(SULTUANE, 2009, p.7)

Corpos despídos, juntamente com desnudamentos de sentimentos, aromas, desejos, sonhos e sensações, desvelam-se nos poemas.

Dançando misterioso

Arrebata-me o teu corpo contorcido
as tuas mãos suadas passeando pela minha perna desnuda,

colo-me ao teu ventre veludo,
os teus dedos percorrem a pele
que me cobre o corpo ávido de desejo,

o teu cheiro desperta em mim sensações inesperadas,
a tua cara mascarada dança em mim
a música dos sentimentos,

ouço-te suspirar palavras mudas, eróticas,
escorre-me por dentro o mel dos desejos perpétuos
nos meus lábios guardados de sonhos, entrego-me,

danço o desejo embriagado em ti,
danço o tango das emoções únicas.
(SULTUANE, 2009, p.9)

A noite, tempo e companheira da lua poética de Sónia Sultuane, é testemunha de encantos e encontros surpreendentes e até inesquecíveis de eu (s) poéticos femininos sedentos de afeto e prazer.

Noites de prazer

Cantas às minhas entranhas
a dor do teu desassossego,
oiço a tua alma silenciosamente chamar-me,
sinto o sorriso do teu desejo a embriagar-me,
tuas mãos aconchegam-me para dentro de ti,
encontro nos teus olhos cravadas
as minhas tatuagens de sentimentos,
encontro o deserto dos prazeres em ti,
mil e uma noites perfumadas de jasmim.
(SULTUANE, 2009, p. 27)

A *lua* é a grande mulher poética do livro que resguarda, vigia, alumia e acolhe corpos nus sedentos de prazer e emoções. Sua exuberância resplandecente aconchega e encoraja vozes enunciadoras femininas a *dizer* das suas paixões, amor e volições de deleites sexuais e sensoriais. Além de animá-las para enfrentar a saudade, a ausência provocada pela morte e a solidão advinda de sonhos amorosos não realizados.

Tanto em "No colo da lua" (Maputo, 2009) quanto em "Imaginar o poetizado" (Maputo, 2006), as palavras, associadas às imagens, desfilam, performaticamente, como uma cena cinematográfica. Com a imaginação, dá para acompanhar e, quiçá, compartilhar o ver, sentir e falar de sujeitos poéticos femininos.

"A lua de N'weti" (Lisboa, 2014) é um conto infantil, com caráter didático e pedagógico. A narrativa conta a história de uma menina moçambicana que vivia em Mapulanguene, na província de Maputo. A trama se desenvolve a partir da impossibilidade dessa personagem que, à noite, gostava muito de olhar o céu em tempos de lua cheia.

Em "Roda das encantações". Poesias (Maputo, 2016; Brasil, 2017), Sónia Sultuane tensiona, com lirismo, sentidos da existência individual de vozes poéticas que, em muito, se avizinham da voz au-

toral. Além disso, desfila, em seus versos, palavras poéticas empregnadas de misticismos e sensações, mas, sabiamente, sem pragmatismos religiosos, dogmáticos ou doutrinários.

"Celeste, a boneca com olhos cor de esperança" (Lisboa, 2017), a segunda obra de literatura infantil da autora, conta a história de Joana, uma criança que guarda sua boneca, que lhe foi oferecida pela avó e já crescida decide dar a boneca a um padre para que a levasse às crianças necessitadas de África. Já mulher e médica oftalmologista, Joana vai trabalhar em Moçambique e, inesperadamente, encontra a boneca nas mãos de outra criança.

Na dicção literária Sónia Sultuane encontram-se vozes poéticas femininas à procura de amores e prazer, mas também de si mesmas e significações para a existência. Neste sentido, compreende-se o sagrado multifacetário, que não é religioso nem doutrinário, por isso diverso, adorna alguns versos de misticismos e espiritualidades.

Chave sagrada

Todos os saberes milenares, quero poder bebê-los

Quero poder alimentar-me da água cristalina,
Ser o ar puro, a luz dos sol, a Lua reflectindo o céu,
Quero poder encontrar a minha chave sagrada

Para poder abrir todos os meus "chacras"
Para ver pelo olho do Pai
Quem sou eu afinal
(SULTUANE, 2009, p. 43)

A obra poética de Sónia Sultuane surpreende pelos seus versos e poemas curtos, mas também pelas metáforas, sonoridades, movimentos e sinestésias. Encanta, ainda, pelo modo sublime e digno com que retrata potencialidades afetivo-sexuais femininas, sonhos e

memórias poéticas. Sem alardes e euforias, sua poesia nos seduz, arrebatando-nos ao deleite dos seus aromas, sabores, cores, prazeres, movimentos dançantes, sons e pensamentos poéticos.

Referências

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. 2. Impr. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Gaucira Lopes Louro. 7 ed. São Paulo: DP&A editora, 2003.

LEITE, Ana Mafalda. Amor é viver sempre na imaginação. In: SULTUANE, Sónia. **Sonhos**. Maputo: AEMO, 2001.

_____, Ana Mafalda Leite. Prefácio. A voz feminina do poema. In: SULTUANE, Sónia. **Imaginar o poetizado**. Maputo: Ndjira, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SULTUANE, Sónia. **Sonhos**. Maputo: AEMO, 2001.

_____, Sónia. **Imaginar o poetizado**. Maputo: Ndjira, 2006.

_____, Sónia. **No colo da lua**. África do Sul: Edições da Autora, 2009.

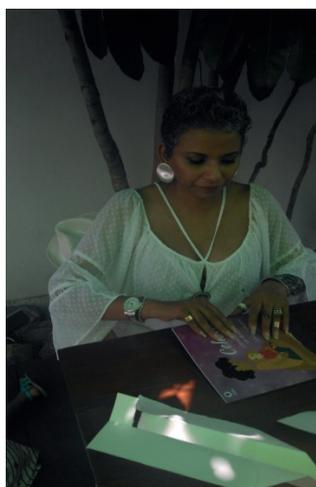
_____, Sónia. **A lua de N'weti**. Lisboa: Editorial Novembro, 2014.

_____, Sónia. **Roda das encarnações**. Maputo: Fundação Fernando Leite Couto, 2016.

_____, Sónia. **Celeste, a boneca com olhos cor de esperança**. Lisboa: EDITORA, 2017.

_____, Sónia. **Roda das encarnações**. São Paulo: Editora Kapulana, 2017.

WHITE, Eduardo. Poéticas. In: SULTUANE, Sónia. **Sonhos**. Maputo: AEMO, 2001.



Tânia Tomé: artista da diversidade

Tânia Teresa Tomé⁴⁵ nasceu em 11 de Novembro de 1981, em Maputo, Moçambique. É Licenciada em Economia e Gestão pela Universidade Católica do Porto, em Portugal, e é Pós-graduada em Auditoria e Controle de Gestão também pela mesma Universidade. Além de cantora, compositora, declamadora, poeta e empresária, atua, profissionalmente, como Analista de Risco de Crédito no Banco.

Ingressou na vida artística aos 7 anos, ao vencer o prêmio de melhor voz no Concurso de Música, organizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em Moçambique. Aos 13 anos, participou do seu primeiro sarau, quando cantou, declamou e tocou ao piano poemas de José Craveirinha, em espetáculo que incluiu a presença do homenageado.

É Membro da Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO), da Associação dos Músicos Moçambicanos, dos Poetas del Mundo e membro correspondente da Academia Rio-Grandina de Letras do Brasil.

Fez parte de uma antologia da PALOP, para além de participações em alguns boletins e jornais. Integra o "Movimento Cultural 100 Crítica", composto por artistas que promovem recitais de poesia e música tradicional e acústica em Moçambique. Participou do *Festival Internacional Poetry África na África do Sul*. Faz parte do *Poetry África*, em Maputo, representando Moçambique,

Integrou a antologia *World Poetry Almanac 2009* (Com 190 poetas oriundos de 100 países). Participou do primeiro ano de comemoração de "Celebração da língua e Cultura Portuguesa da CPLP em Moçambique", ao lado de Mia Couto e Calane da Silva. Fez parte do livro *The bilingual anthology on african poetry* (China).

Participou de alguns projetos de poesia e de declamação como "Dentro de mim outra ilha de Júlio Carrilho", com Jaime Santos, e da

45 Informações da autora disponíveis em <http://www.poetasdelmundo.com/verInfo_africa.asp?ID=1740>. Acesso em 15.02.2017.

"Feira da Voz" no Franco-Moçambicano como Júri de Declamação e atuação com o poeta moçambicano Eduardo White.

Em 2002, aderiu ao Movimento Humanista e fez algumas atuações em Portugal para angariar fundos para crianças empobrecidas de Moçambique. Em 2003, recebeu o "Prêmio de Mérito da Fundação Mario Soares de Portugal" pelo bom desempenho acadêmico e por conciliar estudos e atividades artístico-sociais.

Em 2004, integrou a antologia "Um abraço quente da Lusofonia", com outros jovens poetas representantes de cada país da CPLP. Nesse mesmo ano, fez parte do CD intitulado "Encontro (Iniciativa dos Leigos da Boa Nova)", cuja renda adquirida destinou-se a apoiar os projetos em favor das crianças e jovens de Angola e Moçambique. Regressou a Moçambique, nesse ano, e contribuiu para diversos movimentos artísticos e culturais, a destacar, "Movimento 100 crítica", *Clave de Soul* e "Amigos do Livro".

Em 2006, produziu e apresentou, ao lado do músico Júlio Silva, um programa cultural na Televisão de Moçambique (TVM). Em 2008, realizou e produziu o espetáculo "Poesia em Moçambique", em tributo a José Craveirinha, onde todas as artes interagiram para tornar vivo o poema. E, em 2009, lançou o primeiro DVD de poesia em Moçambique, com base no espetáculo "Poesia em Moçambique".

Foi selecionada pela USA Gov & Embassy para Ges, 2015, lançado pelo Presidente Barack Obama. Recebeu os prêmios da Presidência "Certificação do Vencedor do Mérito", em 2014; "Jovem Líder Executivo de Negócios" pela *Global Banking and Finance*, em 2015; *Women Leadership Award 2014* (Programa IVLP) vencedora pelos EUA; vencedora do "Prêmio Econômico Africano", 2003, pelo Presidente de Portugal; Música Soundcity Vencedora do Prêmio Africano, 2010; Vencedora do "Prêmio Nacional de Poesia 2005", por BIM; Nomeada para o "Festival de Música Africana de Museke", em 2011; Portugal Telecom, "Poesia Brasil Nomeada do Prêmio 2011" (Brasil); *African Award Winner*, 1988, pela OMS.

É membro da *Pan-African Humanitarian Awards*. Já recebeu três prêmios pelo seu trabalho social através dessa organização. É a

atual Diretora de um programa para o empoderamento de jovens e mulheres na promoção do empreendedorismo.

Ela introduziu o conceito de "Showesia" (neologismo criado por ela) em Moçambique, com o qual faz espetáculo de poesia com uma banda de músicos, havendo teatro da poesia, música, dança da poesia, entre outros. Atualmente preside a associação "Showesia" com objetivo de ressignificar o patrimônio cultural através de uma plataforma de interação entre o tradicional e o tecnológico/ocidental e de uma *network* cultural mundial.

Já participou de antologias poéticas em diversos países como Angola, Brasil, Moçambique, África do Sul, Colômbia, China, Espanha, Argentina dentre outros. Tem três livros de poemas publicados: "Conversas com a sombra" (Showesia, 2011); "Agarra-me o sol por trás e conversas com a sombra"; e "Agarra-me o sol por trás (e outros escritos e melodias)". Esse último, lançado em 2010, foi editado em Maputo, pela CIEDIMA, e em São Paulo, Brasil, pela Editora Escrituras. Coleção Ponte Velha. Foi organizado e prefaciado por Floriano Martins e reúne 34 poemas.

Além da originalidade provocadora do nome da obra - "Agarra-me o sol por trás (e outros escritos e melodias)" -, saltam aos olhos os títulos dos poemas e sua posição no corpo do livro – ao final e não no início como comumente aparecem –. Além de curtos, tais quais os poemas, eles já demarcam a criatividade que perpassa todo o livro.

Outro destaque, no tocante aos títulos, refere-se aos neologismos e composições. As palavras, efetivamente, se metamorfoseiam; geram outras e lhes atribuem novos significados. Neste sentido, do total deles, 16 chamam a atenção: "Sonhamando", "Showesia - Poema vivo", "A-Mar-Me-Te", "Selvame", "Amortradoxo", "Dá-Me-Te", "Trocanto", "Sermente", "Coco-ra-ra-cao", "Cantoema 1", "Cantoema 2", "Solidade", "Peomim", "Reflesou", "Nascimento" e "Encatoema". Esses trocadilhos e neologismo mostram possibilidades de se proporcionar e viver na e com as diversidades.

E se Paul Celan
me entrasse
aqui, no futuro verso
eu seria a flor
tu serias a morte
e não te escreveria
neste desejo
incerto
de morrer-te
como murcha a flor
para ser semente.
(TOMÉ, 2010, p. 35)

Sermente

Mais um aspecto relevante da obra é a relação intrínseca com outras artes, principalmente, com a música e o teatro. Disso advém tanta sonoridade nos versos, o que torna os poemas, indubitavelmente, "Palavras (En) Cantadas".

Pois ha urna verdade,
é a verdade do poema.
Urna verdade que não existe
e que não importa.
O que importa és tu
e és tu que existes
no peixe que sonhas.
(TOMÉ, 2010, p. 35)

Encantoema

Os poemas também são marcados pela sensibilidade e beleza, através dos quais vozes poéticas compartilham sensações, experiên-

cias e modos de ser. Isso denota, de acordo com Floriano Martins (2010), no Prólogo, o desejo da autora de se comunicar com o mundo.

Se o meu pescador me pescasse
pelo arpão me agarrasse os versos
um a um, sem pressa
a melhor palavra do mar...
Mas em que lugar da asa
a palavra poderia ser mais bela?
Com que cheiro? Com que sabor?
Onde seria o lugar do sol
Com que cor? Com que brilho?
E sei que hei de escolher
depressa mas devagar
a palavra mais carnuda para comer
E vou comer intensamente
Com toda força dos meus (d)entes
na ponta dos dedos
as palavras que não me calo
E um peixe com asas
Há de nascer
E há de pescar-me no alto
o pescador
Espero
(TOMÉ, 2010, p. 49)
Se o meu pescador pescasse

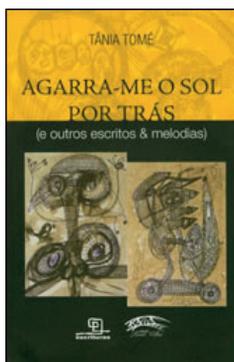
"Agarra-me o sol por trás" é uma coletânea de cantos à vida e suas múltiplas possibilidades de concretizá-la e reinventá-la. É, principalmente, um canto à África, a Moçambique, ao amor, às artes, sobretudo à poesia que, hibridizada com a música e o teatro, "[...] pode encarnar todos os tempos em um único verso [...]" (MARTINS, 2010, p. 7).

Referências

MARTINS, Floriano. Prólogo. In: TOMÉ. Tânia. **Agarra-me o sol por trás**. Maputo: CIEDIMA, 2010.

TOMÉ. Tânia. **Agarra-me o sol por trás**. Maputo: CIEDIMA, 2010.

TOMÉ. Tânia. **Agarra-me o sol por trás**. São Paulo: Editora Escrituras, 2010. (Coleção Ponte Velha).



Fotografia: Arquivo Pessoal



Tereza Xavier Coito⁴⁶: uma narradora de si na diáspora

Tereza Xavier Coito nasceu em 1983, em Moçambique e reside, atualmente, em Portugal. É membro do CEMD. Participou no Festival Internacional de Poesia "Grito de Mulher 2016". É membro associado do Círculo de Escritores Moçambicanos na Diáspora. Publicou o livro "Em Busca das Origens - Os benefícios da mudança" (2015; 2018). Participou de diversas antologias e revistas do Círculo de Escritores Moçambicanos na Diáspora e publicou poemas na Antologia "De Corpo Inteiro", do 6.º Festival Internacional de Poesia «Grito de Mulher» (2016) e na Revista Cultural Licungo nº 4 (2016).



https://www.facebook.com/134841596849542/photos/a.134842633516105/1004949289838764/?type=3&_xts_%5B0%5D=68.ARARFktu9loZvMRS8NIw94dF7DVZOZmI0j5zRupuu5k6t6a91PbhWEw_H5wwwwa836LMSHAotqpEu7dOqEK6SLBUgX7KINu-uG2u7ekd9fUaO77d2r-5qPG1zXv_umxtSW0NLbUi0wK2qiTSAoWjLx9r9pK9yJSSw-DY0Xss8Z0dxBs0SxX1lB4w_IM-jTb7J2sfem9qg6Vks-w48c_rgvbGjbe--Uo5JZPTxvCe_82BtWpv0F5rkoehJTJl_hon_PyYe5S-9qVtBv0aowveDnYpfiMVHp7ejQ2Nmo&_tn_=HH-R



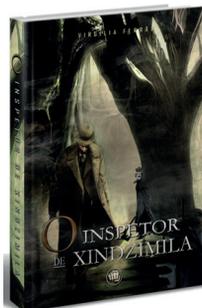
cemd.orgfree.com/crbst_17.html

46 As informações da autora foram encontradas em cemd.orgfree.com/crbst_17.html; e <https://www.wook.pt/autor/teresa-xavier-coito/3537129>. Acesso em 21 de abril de 2018.]

Virgília Ferrão⁴⁷: uma contadora de histórias

Virgília Leonilde Ferrão é natural de Maputo e nasceu em 3 de outubro de 1986. Estudou o curso de Direito no Instituto Superior de Ciências e Tecnologia de Moçambique (ISCTEM). É Mestre em Ambiente pela University of Melbourne, na Austrália, e atualmente trabalha como consultora jurídica em Maputo.

É autora dos romances "O Inspetor de Xindizimila" (2019), publicado pela Editora Selo Jovem, do Brasil, e "Romeu é Xincondo e a Julieta é Machangana" (2005), em Moçambique, com o pseudônimo Awaji Malunga, pela Imprensa Universitária de Maputo.



<https://www.facebook.com/FernandoLeiteCouto/photos/pob.1109801436/1287208231448710/?type=3&theater>

47 <https://2.bp.blogspot.com/-mqrnvzsfkNw/coisasdediane.blogspot.com/2016/06/parceria-virgillia-ferrao.html>; <https://cartamz.com/index.php/cartaz/item/1122-conversa-virgilia-ferrao>. Acesso em 30.03.2019.

Capítulo II

**ALGUMAS ESCRITORAS LUSO
MOÇAMBICANAS**

Ana Mafalda Leite: entre a poesia e a pesquisa

Ana Mafalda Leite é natural de Portugal. Cresceu em Moçambique, onde permaneceu até o início de sua juventude. Iniciou seus estudos de Ensino Superior na Universidade Eduardo Mondlane em Maputo e, ao retornar a sua terra natal, licenciou-se em Filologia Românica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Especializou-se em Literaturas Africanas. Em 1985, concluiu o Mestrado em Literaturas Brasileiras e Africanas em Língua Portuguesa e, em 1989, o Doutorado na mesma área.

Além de ensaísta e poeta, ela é pesquisadora e professora associada com agregação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Ela atua na área de literaturas em língua portuguesa, em especial, africanas, e da história da literatura.

Publicou vários livros de ensaios, tais como "A poética de José Craverinha" (1991), "A modalização épica nas literaturas africanas" (1995), "Oralidade & escritas nas literaturas africanas" (1998) e co-autora de *The postcolonial literature of lusophone África* (1996). Em 2003, "Literaturas africanas e formulações pós-coloniais; Ensaio sobre Literaturas Africanas" (Maputo: Alcance editores, 2013. Ensaio); "Ensaio sobre literaturas africanas" (Maputo: Alcance editores, 2013).

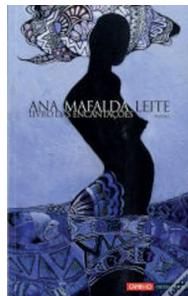
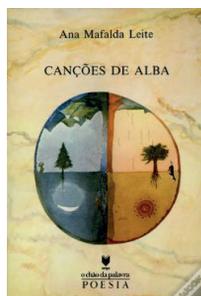
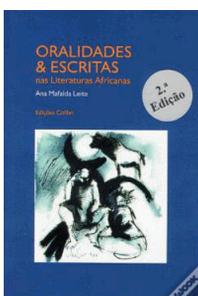
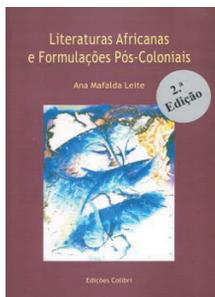
Como poeta já publicou diversos livros, dentre eles, "Em sombra acesa" (Lisboa: Ed. Vega, Poesia, 1984), "Canções de Alba" (Lisboa: Ed. Vega, Poesia, 1989), "Passaporte do coração" (Lisboa: Quetzal editores, 2002), "Livro das encantações - Antologia" (Lisboa: Caminho, Outras Margens Séries, 44, 2005), "Livro de encantações e outros poemas" (Maputo: Alcance editores, 2010) e "O amor essa forma de desconhecimento" (Maputo: Alcance editores, 2010).

As obras e estudos de Ana Mafalda Leite circulam, razoavelmente bem em ambientes acadêmicos e culturais de Moçambique, sobretudo, em Maputo. Ela, frequentemente, participa de atividades artístico-culturais e acadêmicas em Moçambique. O seu interesse

científico sobre a literatura produzida nesse país, além do seu prestígio entre literatos, favorece bastante a divulgação de suas pesquisas.

Referências

- LEITE, Ana Mafalda. **Em sombra acesa**. Lisboa: Ed. Vega, 1984.
- _____, Ana Mafalda. **Canções de Alba**. Lisboa: Ed. Vega, 1989
- _____, Ana Mafalda. **A poética de José Craveirinha**. Lisboa: Vega, 1991.
- _____, Ana Mafalda. **A modalização épica nas literaturas africanas**. Lisboa: Vega, 1995.
- _____, Ana Mafalda. **Passaporte do coração**. Lisboa: Quetzal editores, 2002.
- _____, Ana Mafalda. **Literaturas africanas e formulações pós-coloniais**. Lisboa: Colibri, 2003.
- _____, Ana Mafalda. **Livro das encantações**. Antologia. (1984-2005). Lisboa: Caminho, "Outras Margens Series", 44, 2005.
- _____, Ana Mafalda. Livro de encantacões e outros poemas. Maputo: Alcance editores, 2010.
- _____, Ana Mafalda. O amor essa forma de desconhecimento. Maputo: Alcance editores, 2010.
- _____, Ana Mafalda. **Oralidades & escritas nas literaturas africanas**. 1998.
- _____, Ana Mafalda. **Ensaaios sobre Literaturas Africanas**. Maputo: Alcance editores, 2013.
- _____, Ana Mafalda. **Ensaaios sobre literaturas africanas**. Maputo: Alcance editores, 2013.



Maria dos Anjos Martins: memórias literárias de Moçambique

Maria dos Anjos Martins nasceu em Portugal, em 1938, e, aos seis anos, mudou-se com sua família para o norte de Moçambique, em Pemba, província de Cabo Delgado, onde viveu até aos vinte e oito anos, quando retornou, definitivamente, para Portugal, de acordo com Fernando Couto (2004). Apesar do tempo em que permaneceu em Moçambique e do seu amor por esse País-Ilha, sua naturalidade continuou portuguesa.

Publicou, em 2004, pela Ndjira, em Maputo, "Pemba e outros contos". O livro é prefaciado por Fernando Couto, o pai do escritor moçambicano Mia Couto. São 25 contos-memórias tecidos de fios e fiapos de lembranças da infância, adolescência e vida adulta da autora-narradora. Ela ficcionaliza tempos vividos, sobretudo, em Moçambique, terra de suas memórias históricas e afetivas; lugar especial ao seu coração e no qual estivera, por várias vezes, para reencontrar pessoas e retornar aos ambientes que guardam recordações, afetos e sentimentos que lhe são caros, segundo a autora na "Apresentação" (MARTINS, 2010, p. 7-8).

Os lugares de memórias no livro são bem vastos e diferenciados daqueles considerados hegemônicos. Memoriais, livros parques, bibliotecas, museus e arquivos, convencional e historicamente, são lugares nos quais se guardam o vivido, histórias e eventos. São considerados, na maioria das vezes, como únicos e exclusivos espaços de arquivamento de recordações e lembranças.

Jacques Le Goff (1996), ao fazer uma abordagem sobre memória e suas relações com a história, entretanto, apresenta outras e discute suas múltiplas possibilidades: memória individual/coletiva; memória como narrativa, identidade; memória como conteúdo psíquico; memória social, memória étnica; funções da oralidade e da escrita na construção da memória, dentre outras. Além de ampliar

as modalidades de memórias e suas concepções, o historiador redimensiona os espaços de memórias que deixam de ser tão somente lugares já legitimados.

São, por conseguinte, também instâncias de memórias cheiros, paladares, sons, objetos, sentimentos, símbolos, cores, formas, datas comemorativas, eventos, dentre outros (POLLAK, 1989; 1992). Prédios, ruas, casas, praças, jardins, cemitérios, prédios públicos e privados, ambientes naturais, dentre outros, inclusive, são lócus efetivos de conservação de histórias e memórias (NORA, 1992).

Esses vários locais de preservação de histórias pessoais e sociais, certamente, favorecem a criação de memórias individuais e coletivas, tornando os sujeitos imortais e memoráveis. Com elas, ainda, enunciam-se feitos (extra) ordinários e heroicos. Por elas, podemos voltar ao passado, revivê-lo, reinventando-o e, concomitantemente, torná-lo presente para a coletividade.

Além de tais espaços, necessário se faz apontar as *peessoas-memórias*, das sociedades de tradição oral, arquivistas, por exemplo, haja vista que se constituem como outros relevantes lugares e segmentos de construção de memórias. Pertinente, neste ínterim, trazer à tona os Arquivos vivos, ou seja, aquelas pessoas que Hampaté Bâ (1997) designou de *Memória/Tradição viva*, bem como grupos que recriam e constroem memórias através da tradição oral.

Esses territórios e figuras podem abrigar recordações, criar e contestar memórias, pois os lugares de memórias não são apenas os documentos, mas também os espaços materiais e imateriais, individuais, familiares e comunitários, em que o eu e o nós entrecruzam-se. Neste sentido, relevante se faz entender as memórias não tão somente como um produto pessoal, mas como um legado de caráter familiar, grupal e social, a que se refere Ecléa Bosi (1994), já que são compostas por acontecimentos, diversos espaços, sentimentos, simbologias, personagens, pessoas e imaginários que transitam entre o passado e o presente e entre o individual e o coletivo.

Postas essas considerações sobre lugares de memórias, salientamos que a autora-narradora de "Pemba e outros contos" apropria-

-se dos vários espaços e campos pelos quais teceram sua existência e guardam suas recordações para inventar suas memórias. Além da cidade, o mar de Pemba e do Ibo, o nascer e o pôr do sol, a noite iluminada pela lua cheia, os aromas e cores, as pessoas são, legítima e efetivamente, moradas de memórias da autora narradora. Para se pensar nas memórias literárias de "Pemba e outros contos" talvez se torne oportuno compreender tal multiplicidade de lugares de memórias, associando-os aos seus variados campos (psicológico; sociológico; histórico; pessoal e auto-referencial).

A obra, neste sentido, resulta de intensa e permanente saudade da Ilha a que sempre acomete a autora. Assim as pequenas narrativas rememoram lugares e situações vividas com criança, jovem e mãe. Nelas constata-se discursividades que se configuram como um contar/cantar sobre si (nós).

Sempre embevecida, a narradora exalta lugares e momentos, quase de modo exagerado, mediante tantos adjetivos e repetições. Em certa medida, é uma narrativa autobiográfica e quase uma catarse, visto que é uma prosa em que se evidenciam afetividades, emoções e sensibilidade. Neste sentido, a escrita do texto faz-se necessária, pois poderá ser uma possibilidade de atenuar a saudade e a distância do país do coração e, ao mesmo tempo, depurar sentimentos e angústias, como bem afirma Fernando Couto (2004, p. 9-10), no prefácio.

Referências

BÂ, Hampate A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (org). **História geral da África**. Metodologia e pré-história na África. Volume 1. São Carlos, 1997.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** - Lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

COUTO, FERNANDO. Prefácio. In: MARTINS, Maria dos Anjos. **Pemba e outros contos**. Maputo: Ndjira, 2004.

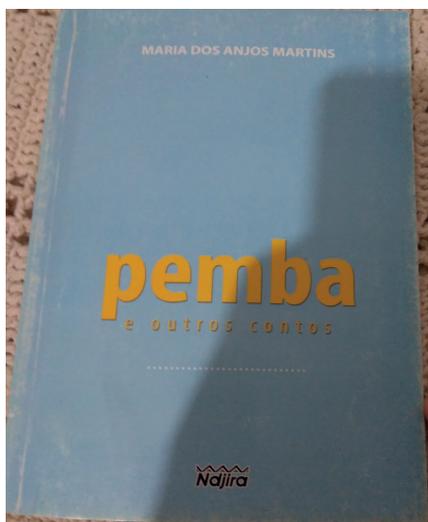
LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

MARTINS, Maria dos Anjos. **Pemba e outros contos**. Maputo: Ndjira, 2004.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo: Departamento de História de Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC-SP, n.10, 1997.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n 3, 1989.

_____, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n 10, 1992.



Fotografia: Arquivo Pessoal

Glória Sant'Anna⁴⁸ : entre tempos e silêncios

Maria da Glória de Sá de Lemos d'Almeida e Figueredo da Fonseca Sant'Anna Andrade Pais, conhecida como poeta por Maria da Glória Sant'Anna, nasceu em Portugal, em 1925, segundo Nelson Saúte e António Sopa (1992), e faleceu em 2 de junho de 2009. Radicou-se em Moçambique a partir de 1951. Em 1953, passou a residir em Pemba, província de Cabo Delgado, onde se tornou docente da educação básica.

Publicou as seguintes obras: "Distância". Poesia (Lisboa: Edição da autora, 1951). "Música Ausente" (Santa Maria de Lamas, Portugal: Edição da autora, 1954).

"Livro de Agua" (Poesia. Lourenço Marques, Moçambique: Edição da autora, 1961).

"Poemas do Tempo Agreste" (Poesia. Beira, Moçambique: Notícias da Beira, 1964). Coleção Poetas de Moçambique. "Um denso azul silêncio" (Poesia. Lourenço Marques: Moçambique 65, 1965). "Desde que o Mundo anda - 32 Poemas de Intervalo" (Poesia. Lourenço Marques, Moçambique: COOP, 1972).

"Do tempo inútil". Ensaio (Lourenço Marques, Moçambique: Acadêmica, 1975). Coleção O Som e o Sentido). "Amaranto". Poesia (Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1988). "Zum-Zum" (Lisboa: Ed. Dinossauro, 1995. Literatura Infantil).

Poemas desta autora circulam, com frequência, em antologias e em ambientes acadêmicos e artístico-culturais de Maputo, tal como na coletânea "A ilha de Moçambique pela voz dos poetas", organizada, em 1992, por Nelson Saúte e António Sopa, que reúne textos literários de catorze escritores e duas autoras, Maria da Glória Sant'Anna e Lília Momplé.

48 Informações foram encontradas em <https://gloriadesantanna.wordpress.com/about/>. Acesso em 30 de junho de 2017.

Maria da Glória Sant'Anna é, indubitavelmente, após a autora Ana Mafalda Leite, com seus ensaios, a poeta portuguesa mais presente em antologias consultadas, no limiar da pesquisa em Maputo, e mais citada em textos de crítica literária e acadêmicos.

Referências

SANT'ANNA, Glória. **Distância**. Lisboa: Edição da autora, 1951. (Poesia).

_____, Glória. **Música Ausente**. Santa Maria de Lamas, Portugal: Edição da autora, 1954.

_____, Glória. **Livro de Agua**. Lourenço Marques: Edição da autora, 1961.

_____, Glória. **Poemas do Tempo Agreste**. Coleção Poetas de Moçambique, 3. Beira: Notícias da Beira, 1964.

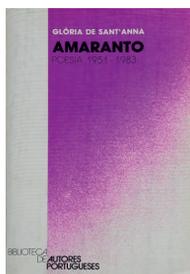
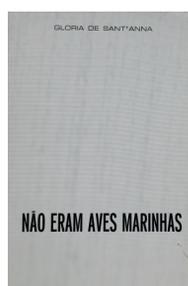
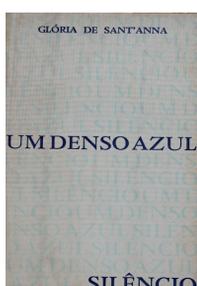
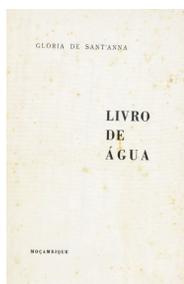
_____, Glória. **Um denso azul silêncio**. Lourenço Marques: Moçambique 65, 1965.

_____, Glória. **Desde que o Mundo e 12 Poemas de Intervalo**. Lourenço Marques: COOP, 1972.

_____, Glória. ... **do tempo inútil**. Coleção O Som e o Sentido. Lourenço Marques: Académica, 1975.

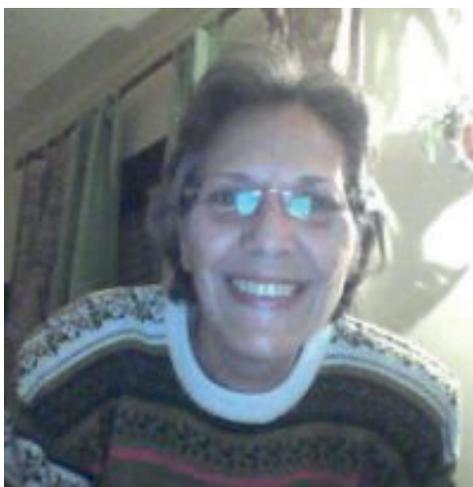
_____, Glória. **Amaranto**. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1988.

SOPA, António; SAÚTE, Nelson (Org.). **A ilha de Moçambique pela voz dos poetas**. Lisboa: Edições 70, Lda; Maputo: AEMO, 1992.



Ana Oliveira Dias⁴⁹

Ana Maria de Oliveira Dias é natural de Moçambique e nasceu em 1952. Mudou-se para Portugal onde cursou a sua Licenciatura em Filologia Germânica. É professora do terceiro ciclo secundário em Portugal. Já participou de várias antologias nacionais e internacionais. Tem vários livros publicados, desde Contos Infanto-Juvenis e outros, crítica literária, poesia, prosa-poética.



http://cemd.orgfree.com/crbst_46.html

49 Dados da autora constam em cemd.orgfree.com/crbst_89.html. <https://www.divulgaescritor.com/products/ana-maria-de-oliveira-dias-entrevistada/>. Acesso em 29.01.2018.]

Ana Margarida Cristo⁵⁰

Nasceu em 25 de junho de 1973, natural de Lourenço Marques, Moçambique, reside atualmente em Carcavelos. É licenciada em filosofia, escreve poesia desde os 9 anos e é também pintora.



http://cemd.orgfree.com/crbst_74.html

50 Dados da autora estão disponíveis em cemd.orgfree.com/crbst_74.html). Acesso em 9.01.2018.

Elsa de Noronha⁵¹

Elsa de Noronha nasceu em 22 de Agosto de 1934, em Moçambique, mas vive em Lisboa, Portugal. É filha do poeta moçambicano Rui de Noronha, é declamadora e também ela autora de poesia. Atua, profissionalmente, como contadora. Em 2007, lançou o seu livro "África, Surge Et Ambula", sobre a obra de seu pai, a qual é considerada precursora da moderna poesia moçambicana.



http://cemd.orgfree.com/crbst_78.html

⁵¹ As informações da autora foram retiradas em cemd.orgfree.com/crbst_78.html. Acesso em 15.01.2018.

Giselia Gracias Ramos Rosa⁵²

Gisela Maria Gracias Ramos Rosa nasceu em 1964, em Maputo. É perita no Laboratório de Polícia Científica da Polícia Judiciária em Lisboa. Licenciou-se em Relações Internacionais e é Mestre em Relações Interculturais, tendo desenvolvido um trabalho em antropologia visual sobre as imagens e a diferença, ligadas a grupos desfavorecidos em sociedade.

"Vasos Comunicantes" (2006) foi o seu primeiro livro de poemas, um diálogo poético com António Ramos Rosa. Já participou de várias Antologias inter/nacionais e Revistas de poesia, tais como as revistas Mealibra, Saudade, Sulscrito, Cultura Entre Culturas e Pena Ventosa.

Colaborou na organização de três exposições de desenhos de António Ramos Rosa que ocorreram 2011, na Câmara Municipal de Faro, na Universidade do Algarve e no ICS-Universidade de Lisboa.

Participou na organização do caderno de poesia da Revista Cultura Entre Culturas nº 4, Outubro de 2011, dedicado a António Ramos Rosa, na qual participou e colaborou com trabalhos fotográficos e escritos sobre o poeta. Desde 2012, que coordena a coleção de poesia Meia Lua, da editora Lua de Marfim.



http://cemd.orgfree.com/crbst_80.html

52 Dados sobre a autora constam em cemd.orgfree.com/crbst_80.html. Aceso em 31.03.2018.

Maria Helena Duarte⁵³

Maria Helena Duarte, sob o pseudônimo de Sibila Aguiar, nasceu em Lourenço Marques, hoje cidade de Maputo, reside em Lisboa, desde 1956, para onde veio estudar Psicologia. Iniciou a atividade artística ainda nos tempos de liceu. Colaborou com contos e poemas em vários jornais, nomeadamente Diário de Lisboa Juvenil, jornal da Amadora e Jornal o "Brado Africano".



http://cemd.orgfree.com/crbst_102.html

⁵³ Informações da autora foram encontradas em cemd.orgfree.com/crbst_102.html. Acesso em 20.09.2018.

Natália Constâncio⁵⁴

Natália Constâncio, que tem o pseudônimo Dulcinéia, é natural de Moçambique, mas cresceu em Freixo de Espada-à-Cinta. É doutora em Estudos Portugueses. É pesquisadora do Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (F.C.S.H. - Universidade Nova de Lisboa) e membro do Círculo de Escritores Moçambicanos na Diáspora. É autora das obras "O Homem que vivia dentro dos sonhos" (2016), "Inês, a Fada-Boneca", "O Roubo das Letras e das Cores do Arco-Íris" (2015) e "A Súplica de D. Pedro" (2014). Tem publicado poemas em diversas antologias. e professora nos ensinos básico e secundário.



http://cemd.orgfree.com/crbst_56.html

⁵⁴ Informações da autora estão disponíveis em cemd.orgfree.com/crbst_56.html. Acesso em 18.06.2018.

Nora Vilar⁵⁵

Milly Barreiros que, há 40 mais de 40 anos, é conhecida como Nora Vilar, nasceu em 22 de Julho de 1948, na Covilhã. Aos 14 anos, mudou-se para Moçambique. Regressou para Portugal, já casada, com dois filhos. Lá, fez rádio, colaborou regularmente no jornal "A Voz de Moçambique" por algum tempo, e foi chefe de redação, revisora, angariadora de publicidade e ardina do jornal "O Encontro" da Escola do Magistério Primário Cardeal Gouveia, de Lourenço Marques - atual Maputo. É declamadora.

Tem uma rubrica de "Momentos Poéticos" na Rádio Bonfim de Almeirim; "Dá Voz" pela Biblioteca Municipal de Alpiarça; pertence ao grupo de teatro da UTIS-Santarém. Colabora nos "Cadernos Moçambicanos Manguana" desde o nº2 e na "Viola Delta" nº XLI e XLII.



http://cemd.orgfree.com/crbst_94.html

⁵⁵ Dados da autora constam em cemd.orgfree.com/crbst_94.html. Acesso em 30.07.2018.

Capítulo III

A LITERATURA DE AUTORIA AFRO- FEMININA EM MOÇAMBIQUE

Uma pesquisa em múltiplos tempos e trânsitos

A pesquisa "A Literatura de Autoria Afro-feminina em Moçambique e na Bahia-Brasil", desenvolvida no pós-doutoramento (2016-2017), integrou o projeto de pesquisa "A Literatura Afro-feminina em Trânsito: África Portuguesa e Bahia - Brasil", vinculado ao Grupo de Pesquisa "Linguagens, Literaturas e Diversidades" (CNPQ-UFRB), do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Resultou de pesquisas realizadas no Curso de Doutorado em Letras, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Universidade Federal da Bahia, do qual advêm a tese "Vozes Literárias de Escritoras Negras Baianas: Identidades, Escrita, Cuidado e Memórias de Si/Nós em Cena" (2010) e o livro "Vozes Literárias Negras" (EDUFRB, 2012).

A pesquisa, derivada do pós-doutorado, teve como finalidades principais a realização de um mapeamento de nomes e produções literárias de escritoras moçambicanas e da Bahia e leituras comparativo-interpretativas de suas trajetórias e escritas, tendo em vista a divulgação de suas obras e a formação de público leitor em África e no Brasil. Teve como objetivos: apresentar leituras descritivo-interpretativas de dados biográficos, obras e fortuna crítica de escritoras negras da Bahia-Brasil e de Moçambique-África; compreender trânsitos, intercessões e temáticas recorrentes em produções literárias de escritoras da Bahia-Brasil e de Moçambique-África; organizar e publicar um Catálogo Digital; colaborar com a divulgação das tessituras literárias de escritoras negras contemporâneas da Bahia e de Moçambique; produzir artigos científicos e ensaios, apresentando resultados da pesquisa; e realizar o I Encontro de escritoras negras da Bahia.

A concretização do estudo adquiriu relevância, na medida em que, através de pesquisas sobre Gênero, Literatura e Autoria, constatou-se que torna imprescindível evidenciar alguns caminhos significativos que escritoras na Bahia e na África, em países africanos de idioma oficial a

língua portuguesa, têm percorrido para banir práticas de apagamento de sua escritura e promover representações e discursos literários antipatriarcais e antidiscriminatórios. Isso garantiu a sua relevância bem como a sua justificativa por possibilitar estratégias de (re) conhecimento de obras de escritoras negras da Bahia e de Moçambique-África, compreendendo o prazer estético literário, não tão somente pela sua tradição, mas também pelos múltiplos movimentos pulsantes e (des) contínuos de rupturas, descolonização e ressignificações da arte da palavra.

Além de *Escrita de si* (FOUCAULT, 1985; 1992; 1997; 2006) outras categorias conceituais como *Gênero* (ANDRADE, 2005; BUTTLER, 2008; LOURO, 1997; SPIVAK, 2010 etc.), *Pós-colonialidade* (GROSFOGUEL, 2007; 2008; MALDONADO-TORRES, 2007; 2010; MINGOLO, 2002; QUIJANO, 1989 etc.); *Autoria* (SANTIAGO, 2010; 2012 etc.); *Memória* (POLAK, 1992; LE GOFF, 1994; HALBWACHS, 2006; ANTONACCI, 2015 etc.); *Identidade* (BAUMAN, 2004; 2007; HALL, 2006; LABAN, 1998 etc.) compuseram o referencial teórico deste estudo. Além dessas, associaram-se *Estudos Culturais e da Crítica Cultural* (AFOLABI, 2007; SOUZA, 2002 etc.); *Literatura Afro-brasileira* (SILVA, 2011; DUARTE, 2005; GOMES, 2008; SANTIAGO, 2010; 2012; DUKE, 2016; REMÉDIOS. SILVEIRA, 2009 etc.); *Literaturas Africanas em Língua Portuguesa* (LEÃO, 2003; CHAVES; MACEDO; SECCO, 2006; PADILHA, 2007; SILVEIRA, 2009; SECCO, 2008; FONSECA, 2002; AUGEL, 2007).

Destaco, ainda, a bibliografia adquirida ao longo da pesquisa sobre *Literatura Moçambicana* (LEITE (2013); JONA (2012); MENDONÇA (2011); FONSECA, 2015; BAHULE, 2013; SERRA, 1998) e o encontro, durante o período em que estive em estágio pós-doutoral em Paris, na Université René Descartes - Paris III, Sorbonne, em 2017, com algumas obras do filósofo francês Alain Badiou, dentre elas, *Éloge de l'Amour* (2009); *La vraie vie* (2016), principalmente, *Que pense le poème* (2016) e *Identités et cultures 2 - Politiques des différences*, de Stuart Hall (2013).

O ato de pesquisar pressupõe um problema, que não se pretende entender ou atribuir respostas e significações na sua abrangência e totalidade, mas, a partir da delimitação de um de seus aspectos e de

uma determinada porção do saber, a que se compromete pensar, elaborar proposições e dialogar com outros estudos e segmentos afins. Assim, fixou-se a procura escritoras moçambicanas e de suas publicações, no intuito de entender suas escritas, memórias e identidades e de torná-las conhecidas, como o principal enfoque do estudo.

Em uma perspectiva de multi-referencialidade, a efetivação da pesquisa se deu através do entrecruzamento de conhecimentos das Ciências Humanas e Sociais, tais como Artes, História, Antropologia, Estudos da Crítica Cultural, Literários, Culturais e Pós-Coloniais, Sociologia, Psicologia Social e Literatura Comparada. Desenvolveu-se a partir dos pressupostos de uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, da crítica-biográfica e dos estudos comparativos.

Quem são, atualmente, as autoras de Moçambique ainda não (ou pouco) (re) conhecidas? Como vivências, representações e construções identitárias são (re) criadas em suas produções literárias? Como auto-interpretam? Quais suas memórias e escritas de si/nós? Como ficcionalizam suas lembranças? Quais as suas obras? O quê, quando e onde já publicaram? Como divulgam e circulam suas obras? Tais indagações, associadas aos princípios epistemológicos e procedimentos metodológicos, nutriram o percurso do estudo, que consistiu na realização de leituras críticas, através de uma "descrição interpretativa" da escritura literária e das trajetórias das referidas escritoras.

O estudo foi desenvolvido, neste íterim, através do empenho por uma *interpretação dos significados*, segundo Clifford Geertz (1989), o qual assegura que o trabalho de pesquisa de cunho etnográfico se desenha como uma prática, não de imputação de significados às vivências e traços culturais, mas de *descrição densa e interpretação* de sentidos que os sujeitos aplicam a suas realidades e práticas culturais. Para Adam Kuper (2002), o valor das postulações de Geertz e da pesquisa etnográfica consiste na atenção investigativa e deve voltar-se para o significado daquilo que as pessoas realizam e para as interpretações que fazem das ações umas das outras, e não apenas para o que elas executam.

Assim, foi interesse do estudo a *interpretação de significados* que as autoras, em destaque, dão as suas estratégias de escrita, editoração e divulgação de suas obras. Neste sentido, a análise da importância da textualidade literária para elas foi um dos desafios do estudo, porque o (a) pesquisador (a) empenha-se em explicar as explicações, já que nos segmentos sociais já circulam suas próprias interpretações sobre o vivido. Tal entendimento efetiva-se através da *interpretação de interpretações*, como sugere Geertz (1989), ou seja, de explicações de construções que os sujeitos da pesquisa fazem acerca de si e de seus textos literários.

Para desenvolver o estudo, foi necessária também a leitura crítica-biográfica, associada à descritiva e interpretativa, para compreender a escrita dos sujeitos da pesquisa, uma vez que, na literatura, por elas produzidas, confluem histórias pessoais e coletivas e temas sociais e transparecem mundos, desejos, sofrimentos, culturas, percalços, experiências, cotidianos, tradições, memórias e sonhos. A leitura crítica-biográfica, como explica Eneida Maria de Souza (2002), oportuniza ler os textos considerando o eu autoral e o eu ficcional.

A pesquisa, pois, constituiu de um trabalho de promoção de diálogos e criação de possibilidades de análise crítica de textos e de informações coletadas, correlacionadas com aportes teóricos sobre dados biográficos e das obras das autoras. Foi uma ação dialógica, como evidenciam Marli André e Menga Lüdke (1986). Assim, se procedeu para realizar o levantamento (bio) bibliográfico e os encontros formais e informais com algumas escritoras. Já a sua interpretação foi balizada pelos pressupostos epistemológicos da análise comparativa, da pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, e da crítica biográfica.

O estudo foi organizado por módulos e realizado em vários tempos e espaços: primeiro, em Salvador, Bahia-Brasil, de abril a dezembro de 2016 e de maio a setembro de 2017; segundo, em Moçambique-África, em setembro e outubro de 2016 e 2017; e, em Paris-França, entre os meses de janeiro e abril de 2017, quando cumprir

o estágio pós-doutoral, na Université René Descartes - Paris III, Sorbonne; e, terceiro, na Bahia, de 2017 até 2019.

Em Salvador, se procedera, em 2016, em sites, blogs, além das bibliotecas da Universidade Federal da Bahia e do Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAO), dessa universidade, a elaboração de um levantamento geral sobre a obra literária de mulheres em Moçambique, do qual derivou um mapeamento, ainda incompleto, mas significativo, com 84 nomes de autoras moçambicanas e ou em Moçambique.

Em Moçambique, entre os dias 26 de setembro e 10 de outubro de 2016, nesse mapa, outros nomes de autoras e obras foram acrescentados, através da aquisição de livros em livrarias e sebos da cidade, bem como do encontro com várias autoras moçambicanas, tais como Tânia Tomé, Sónia Sultuane, Fátima Langa, Paulina Chiziane e das pesquisas realizadas no Centro Cultural Camões - Portugal - Moçambique, na Universidade Eduardo Mondlane, na Universidade Pedagógica, no Centro Cultural Moçambique - Brasil, e na II Feira do Livro de Maputo.

Graças à metodologia utilizada para execução da pesquisa, qualitativa, de cunho etnográfico, foi possível transitar por outros espaços, tais como feiras, Associação de Escritores Moçambicanos (AEMO), livrarias, ter acesso e adquirir obras de autoras moçambicanas. Graças à abordagem e pressupostos dessa metodologia, pois, foi oportuno e possível, construir outros caminhos e momentos de encontros com escritoras e suas obras de Moçambique.

Fiz uma varredura, por vários dias, em suas prateleiras, nas quais, infelizmente, prevalecem obras de autores moçambicanos. Além deles, encontrei alguns títulos e ou informações de Noémia de Sousa, Paulina Chiziane, Fátima Langa, Felismina Velho, Lina Magaia, Lília Momplé, Sónia Sultuane, Tânia Tomé e outras que publicaram suas primeiras obras literárias mais recentemente, tais como Amilca Isamel, Carla Soeiro, Clarisse Machanguana Maria Bernadete Cipriano Roque, Dama do Bling, Eunice Matavele, Isabel Ferrão, Isabel Gil, Lica Sebastião, Lídia Mussa, Nilzete Monteiro, Npaiy, dentre outras. Esse período de investigação em Moçambique foi também muito provi-

dencial e importante para a perquirição e aquisição de estudos publicados sobre literatura africana.

Com essa pesquisa, fora possível constatar que alguns nomes de autoras do mapeamento inicial, realizado em Salvador, Bahia-Brasil, eram de escritoras portuguesas, que viveram sua infância ou juventude em Moçambique no período colonial. Outros nomes também foram suprimidos desse mapa por se tratar de pseudônimos de algumas autoras portuguesas ou de algum autor também dos tempos da colonização.

Tal exclusão ocorrera porque o foco e público-alvo da pesquisa foram autoras nascidas em Moçambique e não presentes ou ex-residentes de Moçambique; segundo, porque o recorte temporal da pesquisa foi a partir da Independência de Moçambique do jugo colonial, pós-independência até e contemporaneidade, ou seja, a partir da segunda metade da década de 70 do século XX até os nossos dias.

Esse foi um elemento importante da coleta de dados em Moçambique em 2016. Ana Céu Coelho, por exemplo, teve como pseudônimo, Maria Pacóvia, ao publicar crônicas, em jornais, em Lourenço Marques, hoje Maputo, na década de 50. Já, em 1963, publicou o livro *O Último Batuque*, como Maria do Céu Coelho.



Fotografia: Arquivo Pessoal

Esse é um livro de crônicas, em que ela relata as aventuras e o trabalho de caça a jacarés e crocodilos para comercialização, realizados com seu esposo em áreas rurais de Moçambique. Tais informações e o acesso ao referido livro foram possíveis durante os dias de pesquisa no Centro Cultural Português - Moçambique, Instituto Camões, da Embaixada de Portugal em Moçambique, onde, por três dias consecutivos, estive a realizar leituras e pesquisas de obras de autoras moçambicanas como Lília Momplé, Isabel Ferrão, Paulina Chiziane, dentre outras.

O segundo dado relevante foi a informação adquirida no Arquivo Histórico de Maputo de que algumas escritoras que constavam no mapeamento inicial não eram moçambicanas e sim portuguesas. Eram filhas ou esposas de portugueses colonizadores que residiram em Moçambique durante a colonização. Elas publicaram, possivelmente, em jornais e revistas, que circularam em Moçambique, ou até em livros, e, após a independência, retornaram com seus familiares para Portugal. Maria do Céu Coelho, por exemplo, ainda não encontrei dados biográficos suficientes para assegurar a sua naturalidade moçambicana.

A Associação de Escritores Moçambicanos (AEMO) foi a segunda instituição de visita e pesquisa, onde permaneci por dois dias. Lá tive acesso ao seu catálogo, às obras publicadas por autores (as) moçambicanas e, especialmente, à primeira edição de "Sangue Negro", de Noémia de Souza. Através dessa Associação, adquiri vários livros de autoras contemporâneas que publicaram por essa instituição, tais como Sónia Sultuane, Fátima Langa etc.



(Fotografia: Arquivo Pessoal)

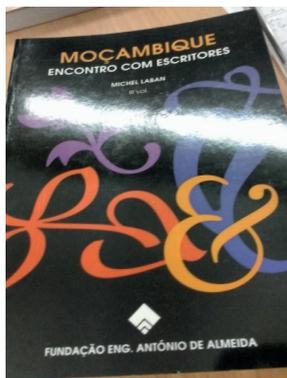
Em Moçambique, há quase 50 instituições de ensino superior, mas com centros de pesquisas, já consolidados, são apenas a Universidade Eduardo Mondlane (UEM) e a Universidade Pedagógica (UP). Por dois dias consecutivos, frequentei a Biblioteca Central e a do Centro de Línguas da UP. Nesses espaços, consultei algumas obras de Lília Momplé e Paulina Chiziane, porém me dediquei mais à leitura e pesquisa de Antologias de poetas e escritores africanos, organizadas por pesquisadores ou escritores portugueses ou africanos. Mais uma vez, constatei a predominância de textos de autores africanos de obras em língua portuguesa em detrimento da presença quase insignificante das autoras.

Em "50 Poetas Africanos. Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe" (1997), Antologia Poética, organizada por Manuel Ferreira, encontrei apenas poemas de Noémia de Souza (Moçambique) e Alda Lara do Espírito Santo (São Tomé e Príncipe). O organizador declara ser uma antologia incompleta, por isso cita alguns nomes ausentes. Apresenta 34 autores de Angola: desses, só há as escritoras Alda Lara e Deolinda Rodrigues; 28 de Cabo Verde, mas apenas duas autoras Yolanda Morazzo e Gertrudes Ferreira Lima; 19 de Moçambique, mas sem indicação de nomes femininos; 06 de São Tomé e Príncipe, com a indicação somente de Nhana e Maria Manuela Margarido.



Fotografia: Arquivo Pessoal

Na antologia "Moçambique - Encontro com escritores", III Vol, organizada por Michel Laban, há poemas de 15 escritores, mas desses, só há texto da autora Paulina Chiziane.



Fotografia: Arquivo Pessoal

E, diferentemente das demais, a antologia "A Arqueologia da Palavra e a Anatomia da Língua. Antologia Poética" (2013), organizada pelo poeta moçambicano Amosse Mucavele, reúne poemas de 85 escritores de países que têm a língua portuguesa como oficial: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor Leste, Macau e Moçambique. Desse total, 25 são autoras: 05 brasileiras, 03 moçambicanas, 08 portuguesas, 05 cabo-verdianas, 01 do Timor Leste e 01 de São Tomé e Príncipe.

Durante a pesquisa em universidades, bibliotecas e instituições artístico-culturais e literárias, em Maputo, em outubro de 2016, encontrei, com mais frequência e mais facilidade, obras literárias, teóricas e indicações bibliográficas da estudiosa e poeta portuguesa Ana Mafalda Leite. Na Universidade Eduardo Mondlane, por exemplo, quase não encontrei obras literárias de autoras locais e internacionais. Havia, no sistema da biblioteca central da universidade, o registro do livro de contos "Os olhos da cobra verde" (1999), de Lília Momplé, mas não fora encontrado um exemplar em seu acervo. Entretanto, sem aqui desmerecer o mérito das publicações da pesquisadora portuguesa, havia

vários de seus títulos disponíveis no sistema e no acervo, e referência alguma à *Mãe dos poetas* de Moçambique, a autora Noémia de Sousa.

Diferentemente das autoras moçambicanas, com exceção de Paulina Chiziane, suas obras circulam mais em diversos ambientes acadêmicos e culturais de Maputo. Seus livros são, com mais facilidade, encontrados em livrarias e, por vezes, em bibliotecas. Seus textos de crítica literária também passeiam por vários prefácios e apresentações, elaborados por ela, em livros de autores (as) moçambicanos (as). Seu pensamento literário aparece, igualmente, em vários estudos e críticas literárias de pesquisadores (as) moçambicanos (as).

Interessa aqui, mais do que estabelecer constatações, compreender tais recorrências, as quais não se apresentam, certamente, sem razões. Há de se considerar distintas e desiguais condições de escrita, edição, principalmente, publicação e divulgação de suas obras em relação àquelas das autoras de Moçambique. Além disso, que, por si só, já favorece uma chave de leitura, entendimento e interpretação dessa realidade, há de se levar em conta, inclusive, as práticas de interdição e de invisibilidade da cultura, artistas e literatura locais.

Outras ações importantes para a pesquisa foram os encontros, em Maputo, Moçambique, com escritoras Sónia Sultuane, Fátima Langa, Tania Tomé e Paulina Chiziane em Moçambique, em 2016.



Fotografia: Arquivo Pessoal



Fotografia: Arquivo Pessoal



Fotografia: Arquivo Pessoal



Fotografia: Arquivo Pessoal

A participação na II Feira do Livro de Maputo, em 2016, também integrou as atividades de pesquisa. Foi a última ação da pesquisa nesse ano. Além da aquisição de livros, de encontros com autores (as), pesquisadores (as) e docentes de literaturas moçambicanas, a participação em uma mesa-redonda e um encontro com estudantes da Universidade Pedagógica, o evento foi ímpar no tocante ao contato e conhecimento de repertórios culturais de Moçambique.



Fotografia: Arquivo Pessoal

Além do mapeamento inicial, realizado em 2016, em Salvador, foi realizado o "Projeto Odun: Encontro com Escritoras Negras". Tal projeto foi desenvolvido em parceria com a Katuka Africanidades, em Salvador, em três edições e teve como tema "Modos de Produção, Publicação e Circulação: Desafios e Perspectivas". Em cada edição, teve, em média, 60 participantes. Além do registro fotográfico, foram produzidos *teasers* de cada encontro, os quais se encontram disponíveis no YouTube.

No primeiro, em 21 de outubro, na Katuka Africanidades, participaram as autoras negras Ana Célia Silva, Ana Fátima dos Santos, Urânia Munzanzu e Júlia Couto. Já, em 26 de novembro, o projeto se realizou no Museu de Arte Moderna da Bahia - MAM, na Av. Contorno, integrando a programação do mês de novembro desse Museu. Estiveram presentes as escritoras Jovina de Souza, Hildalia Tavares, Jocelia Fonseca, Lita Passos e Lilian Almeida. Em 16 de dezembro, aconteceu na Katuka Africanidades a terceira edição do *Odun*, Dessa vez, contou com a presença das seguintes escritoras: Lívia Natália, Rita Santana, Marília de Souza, Aline Negríndia Soares e Cidinha da Silva.



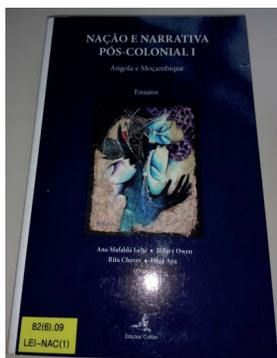
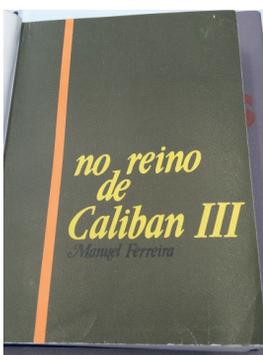


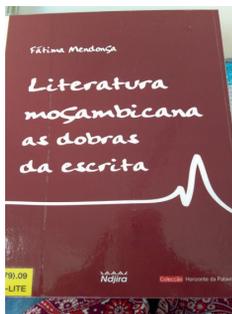
Em 2017, a pesquisa prosseguiu o seu curso com o estágio pós-doutoral, já mencionado, na França, além do o retorno a Moçambique, entre os meses de setembro e outubro, quando participei, como convidada, das atividades da III Feira do Livro de Maputo. Nessa oportunidade, além do encontro com a autora de literatura infantil, Sara Rosário, merecem destaques o contato com autores, com docentes da Universidade Pedagógica, as atividades artístico-culturais, conferências e mesas-redondas. Além da Feira, a continuidade da pesquisa nas bibliotecas das Universidades Politécnica e Pedagógica, no Arquivo Municipal de Maputo e na Biblioteca Nacional de Moçambique; a participação em lançamentos de livros, eventos culturais e musicais ampliaram as informações para o estudo.

Igualmente relevantes foram as pesquisas realizadas na biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian, em 2017 e 2018, em Paris, onde encontrei grande parte da bibliografia consultada. Nela há um acervo pertinente e raro sobre os países lusófonos, em especial, literaturas africanas em língua portuguesa, alvo do interesse das pesquisas, em curso, "A Literatura de Autoria Afro-feminina em Moçambique e na Bahia-Brasil" e "A Literatura Afro-feminina em Trânsito: África Portuguesa e Bahia - Brasil". Foram consultadas diversas antologias publicadas, nos últimos 40 anos, com textos literários de autores (as) africanos (as) de Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde, obras de autores (as) e o vasto acervo sobre estudos da literatura nesses países.



Com a pesquisa realizada na biblioteca dessa Fundação se desenhara outro mapeamento. Dessa vez, 40 nomes de autoras de e em Moçambique, que se situam entre as primeiras décadas do século XX aos anos iniciais do século XX, foram encontradas em antologias e publicações sobre a literatura na África lusófona. Evidentemente que necessário se fez uma varredura e um trabalho arqueológico no sentido atribuído por Michel Foucault, em "A Arqueologia do Saber" (2012), conforme a marca temporal do estudo: a partir da década de 70 do século XX (pós-independência) e a sua naturalidade: interessou ao estudo autoras de origem africana moçambicana. Assim, desse total encontrado, apenas 04 autoras (Noémia de Sousa, Paulina Chiziane, Lília Momplé e Josina Machel) integram o mapeamento elaborado.





Em 2018, o retorno à França, em janeiro-fevereiro, abril-maio-junho, possibilitou continuar a pesquisa sobre literaturas africanas em língua portuguesa na Foundation Calouste Gulbekian e a concluir, temporariamente, a coleta de dados sobre literatura de autoria feminina em Moçambique.

Além da divulgação de 44 nomes das autoras e seus títulos literários, afins essa pesquisa, destacam-se como resultados o trabalho textual, as publicações e a minha integração, como pesquisadora talento, à pesquisa *L'amour: réflexions et coïncidences/dissidences*, através do desenvolvimento da pesquisa "(Des) Amores na Literatura de Autoras Negras da Bahia-Brasil e de Países Africanos de Língua Portuguesa" (2018-2020), no quadro do *Semináire Franco Brésilien*, da Université Paris Descartes - Paris V - Sorbonne, França, sob a coordenação da Profa. Ana Maria Peçanha, vinculada ao *Laboratoire d'Ethique Médicale et de Médecine Légale* - EA 4569 - Centre Universitaire des Saints-Pères - Rue des Saint Péres - 75006 Paris, França, dirigido pelo professor Dr. Christian Hervé.

Os propósitos da pesquisa "A Literatura de Autoria Afro-feminina em Moçambique e na Bahia-Brasil" foram, em sua maioria, alcançados e reiterados, conforme seus objetivos já mencionados. Outros se fizeram no percurso da pesquisa. Há de se ressaltar, entretanto, que o trabalho realizado e as informações adquiridas, através da pes-

quisa e dos encontros, formais e informais, com as autoras, extrapolaram os resultados esperados.

Como já se sabe, tais constatações são peculiares à pesquisa qualitativa e de cunho etnográfico. Nesse caso, constaram pistas, metas, indagações e possibilidades teóricas e metodológicas, mas, efetivamente, foi o percurso e o fazer da pesquisa, os encontros, casuais ou não, e as informações contraídas que indicaram outros caminhos e produtos da pesquisa. Mais ainda, provocaram outros questionamentos, sentidos e proposições do estudo.

O material bibliográfico coletado e os resultados do estudo apontaram ainda outros fluxos e temas de pesquisa. Além disso, mostraram que o mapeamento de autoras negras baianas e africanas moçambicanas e de suas escrituras se fez necessário, porém urge dar continuidade, pois seus processos e legados autorais, poéticos e ficcionais ainda são iniciantes, para muitas, em construção, para outras, e consolidadas, para poucas. Desse modo, é oportuno o seu prosseguimento, bem como da pesquisa, já citada, "A Literatura Afro-feminina em Trânsito: África Portuguesa e Bahia - Brasil" e da elaboração e publicação de suas *Cartografias Literárias*.

Referências

AFOLABI, Niyi; BARBOSA, Márcio; RIBEIRO, Márcio (org.). **A mente afro-brasileira**. Crítica literária e cultural afro-brasileira Contemporânea. EUA: África World Press, Inc, 2007.

ANDRADE, Ximena; CASIMIRO, Isabel Maria. *Investigação sobre Mulher e Gênero Centro de Estudos Africanos*. Revista **Estudos Moçambicanos**. Maputo-Moçambique: Universidade Eduardo Mondlane, 2005.

ANDRÉ, Marli E. D. A. e LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias ancoradas em corpos negros**. 2 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Educ, 2015.

AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escomburo**. Nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BADIOU, Alain; TRUONG Nicolas. **Éloge l'Amour**. Paris: Flammarion, 2009. Champs essais.

_____, Alain. Que pense le poème. Paris : NOUSm 2016. Antiphilosophique Collection.

_____, Alain. La vraie vie. Paris: Librairie Arthème Fayard, 2016.

BAHULE, Cremildo. Literatura feminina, literatura de purificação. O processo de Ascese da Mulher na Trilogia de Paulina Chiziane. Maputo: Ndjira, 2013. Coleção Horizonte da Palavra.

BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi. Trad Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2004.

_____, Zygmunt. Tempos líquidos. Trad Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2007.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade; Trad. Renato Aguiar. - 2 ed. - Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2008.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas**. 4. ed. 1 reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Ensaio latino-americanos, 1).

CHAVES, Rita; SECCO, Carmen; MACÊDO, Tania (Org.). **Brasil África**. Como se o mar fosse mentira. São Paulo: Editora UNESP; Luanda, Angola: Chá de Caxinde, 2006.

COELHO, Maria do Céu (Maria Pacóvia). **Último batuque**. 2 ed. Lourenço Marques: sem ed, 1963.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura, Política, Identidades**. Ensaio. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2008.

DUKE, Dawn (Org.) **A escritora afro-brasileira**. Ativismo e arte literária. Cristiane Sobral, Mel Adún, Conceição Evaristo, Débora Almeida, Esmeralda Ribeiro, Miriam Alves. Belo Horizonte: Nandyala, 2016.

FERREIRA, Manuel. **50 poetas africanos**. 2 ed. Portugal: Platano editora, 1997.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literaturas africanas de língua portuguesa**. Mobilidades e trânsitos diaspóricos. Belo Horizonte: Nandyala, 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. O cuidado de si. 7. ed. Trad M^ª Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____, Michel. **O que é um autor?** 3. ed. Trad Antonio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Vega, 1992.

_____, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France**. Trad Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Trad Márcio Alves da Fonseca; Salma Tannus Muchail. São Paulo: Marins Fontes, 2006.

_____, Michel. **A arqueologia do saber**. 8 ed. São Paulo: Forense Universitária, 2012..

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GOMES, Simone Caputo. **Cabo Verde**. Literatura em Chão de Cultura. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008.

GROSGOUEL, Ramón. *Descolonizando universalismos occidentales: el pluri-versalismo transmoderno decolonial desde Aimé Césaire hasta los zapatistas*. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago & GROSGOUEL, Ramon (org.) **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistêmica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

_____, Ramon. *Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global*. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p.464-478, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. Trad Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Gaucira Lopes Louro. 7 ed. São Paulo: DP&A editora, 2003.

_____, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília; Representação da UNESCO no Brasil, 2006.

_____, Stuart. **Identités et Cultures 2**. Politiques des différences. Ouvrage dirigé par Maxime Cervulle. Traduction d'Aurélien Blanchard et Florian Voros. Paris: Editions Amsterdam. 2013.

KUPER, Adam. **Cultura** - A visão dos antropólogos. Pinheiros - Bauru, SP: EDUSC, 2002.

JONA, Sara. **Entre o índico e o atlântico**. Ensaio sobre literatura e outros textos. Maputo: Ndjira, 2013. Coleção Horizonte da Palavra.

LABAN, Michel. **Moçambique** - Encontro com escritores. III Vol. Porto, Portugal: Ed. Fundação Eng. Antonio, 1998.

LEÃO, Ângela Vaz. **Contatos e ressonâncias**. Literaturas africanas de língua portuguesa. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LEITE, Ana Mafalda. **Ensaio sobre Literaturas Africanas**. Maputo: Alcance editores, 2013.

LOURO, Guacira Louro. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista -. Petrópolis, RJ: Vozes 1997.

MALDONADO-TORRES, Nelson. *Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto*. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago & GROSFUGUEL, Ramon (Org.) **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

_____. *A Topologia do Ser e a Geopolítica dos conhecimentos: modernidade, império e colonialidade*. In: SANTOS, B. S.; MENEZES, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina. 2010. 337-382.

MENDONÇA, Fátima. **Literatura moçambicana** as dobras da escrita. Maputo: Ndjira, 2011. Coleção Horizonte da Palavra.

MIGNOLO, Walter. **The geopolitics of knowledge and the colonial différence**. *The South Atlantic Quarterly*, 2002.

_____. **Historias locales/disenos globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo**. Madrid: Ediciones Akal, 2003.

_____. *El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto*. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago & GROSFUGUET, Ramon. **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

_____. *La opción de-colonial: desprendimiento y apertura. Um manifiesto y un caso*. **Revista Tabula Rasa**, Bogotá, Colombia, n.8, 2008.

_____. Walter. **Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Argentina: Ediciones del signo, 2010.

_____. Postoccidentalismo: el argumento desde América Latina", em CASTRO-GÓMEZ, Santiago & MENDIETA, Eduardo (Orgs.). **Teorías sin disciplina: latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate**. México: Miguel Ángel Porrúa, 1998.

_____. **Local Histories/Global Designs: Essays on the Coloniality of Power, Subaltern Knowledges and Border Thinking**. Princeton: Princeton University Press, 2000.

MUCAVELE, Amosse (Org.). **A arqueologia da palavra e a anatomia da língua**. Antologia poética. Maputo: Ed. Revista Literatas; Revista de Literatura Moçambicana e Lusófona, 2013.

PADILHA, Laura Cavalcanti. **Entre voz e Letra**. O lugar da ancestra-

lidade na ficção angolana do século XX. 2 ed. Niterói: EDUFF, Rio de Janeiro: Pallas Ed. 2007.

PALOP. *Escritores africanas de língua portuguesa*. Disponível em <<http://www.palop.org>>. Acesso em 10 de abril de 2016.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n 3, 1989.

_____, Michael. *Memória e identidade social*. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n 10, 1992.

QUIJANO, Aníbal & WALLERSTEIN, Immanuel. *Americanity as a concept, or the Americas in the modern world-system*. **International Social Science Journal**, v. 44, n. 4, 1992. p. 549 - 557.

SANTIAGO, Ana Rita. *Memórias Literárias e a Escrita de Si/Nós de Autoria Feminina Negra*. **Revista PROPP. Revista da Pesquisa & Pós-Graduação**. Ouro Preto/MG: UFOP, 2010.

_____, Ana Rita. *Literatura de autoria feminina negra: (des) silenciamentos e ressignificações*. **Fólio - Revista de Letras**. Vitória da Conquista-BA, UESB, v.2, n.1, jan/jun/2010.

_____, Ana Rita. *A literatura de escritoras negras: uma (des) silenciadora e emancipatória*. **Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura**. Aracaju/SE: UFS, Vol.10, 2010. p. 175-188. Disponível em: <www.200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/.../INTER11_15.pdf>.

_____, Ana Rita. *Da Literatura Negra à Literatura Afro-feminina*. *Revista Via Atlântica*. São Paulo: USP. Vol.1, 2010. p. 91 - 102. Disponível em: <www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50743>.

_____, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras. Cruz das Almas/BA: EDUFRB, 2012.**

SANTOS, Juana Elbein dos Santos. **Os nagô e a morte. pàde, àsèsè e o culto egun na Bahia**. 4ed, Petrópolis: Vozes, 1986.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. **A Magia das Letras Africanas: Ensaios sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros Diálogos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

SERRA, Carlos (Org.). **Identidade moçambicanidade. Moçambicanização.** Maputo: Livraria universitária, UEM, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença.** A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVEIRA, Regina da Costa; REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel (Org.). **Redes & Capulanas** - identidade, cultura e história nas literaturas lusófonas. Porto Alegre: Ed. UniRitter, 2009. (Coleção novos conhecimentos).

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica cult.** Belo Horizonte: UFMG, 2002.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

Um mapeamento⁵⁶ (in) acabado

O mapeamento, composto por nomes e obras de autoras em e de Moçambique, foi realizado em vários momentos e lugares. Inicialmente, através de pesquisas realizadas em sites afins e em bibliotecas universitárias de Salvador-Bahia, Brasil, quando, em 2016, foram reunidos 83 nomes, nem sempre acompanhados de obras. Ainda nesse ano, no contínuo da pesquisa, em Moçambique, em bibliotecas universitárias e de centros culturais, arquivos, dentre outros espaços acadêmico-artístico-culturais, livrarias, feiras, mercados e de encontros com algumas autoras e intelectuais de Moçambique, foi possível tornar ciente, inicialmente, e constatar, posteriormente, que, na lista inicial,

a. havia repetições de referências a algumas escritoras, ou seja, algumas estavam na relação com o seus referidos nomes e com seus pseudônimos como se fossem duas autoras. Exemplo: Rosa Isabel Maiòpué e Apuna (seu pseudônimo); Noémia de Sousa e Vera Micaia (seu pseudônimo) constavam como escritoras diferentes;

b. não havia distinção entre escritoras naturais de Moçambique e aquelas que, como filhas, esposas ou netas de homens portugueses, em um determinado período, no colonial, sobretudo, viveram ou estiveram nesse país. Muitas delas, após a independência de Moçambique, em 1974, retornaram a Portugal, seu país de origem. No mapeamento de 2016, constavam nomes de autoras portuguesas que, em algum momento de suas vidas, residiram em Moçambique;

c. não havia nomes de diversas autoras de Moçambique mais contemporâneas, devido às condições insuficientes de edição e circulação de suas publicações. Além da pequena tiragem, normalmente, seus títulos, quando existem, não estão visivelmente, expostos, tor-

56 Além da bibliografia consultada e dos sites indicados em notas de rodapé, ao longo do texto, para elaboração desse mapeamento, destacam-se as informações disponíveis no site <<http://aflit.arts.uwa.edu.au/FEMECalireLU.html>>. Acesso em 20 de julho de 2016.

nando difícil o seu acesso. Acrescente-se a isso constatar que a sua divulgação limita-se, muitas vezes, ao período do lançamento e ao empenho individual das autoras. Para ter acesso as suas obras, diante disso, se fez necessário busca constante em livrarias, prateleiras de bibliotecas, balcões de arquivos e, a ação contínua, no corpo a corpo, nesses ambientes, com as próprias autoras e outras pessoas encontradas nos percursos, lugares e períodos da pesquisa.

Tais informações, acrescidas daquelas obtidas através de obras das autoras, do acervo da biblioteca da Fundação Calouste Guilbekian, em 2017 e 2018, em Paris, França, e, em Moçambique, em 2017, resultaram a classificação, sistematização, análise (leituras interpretativas) da coleta de dados adquirida e, por conseguinte, o mapeamento, a seguir, o qual está assim organizado: 1. Algumas Informações sobre as Autoras Moçambicanas; 2. Escritoras de Moçambique (Com acesso às obras); 3. Escritoras de Moçambique (Sem acesso às obras).

Indubitavelmente, é uma cartografia inacabada, haja vista que há lacunas de dados como, por exemplo, títulos de obras, principalmente, de autoras portuguesas em Moçambique. Em muitas fontes de consulta, tais como antologias, ensaios, teses, textos jornalísticos constam tão somente a menção aos seus nomes. Há, igualmente, ausência de outros nomes e autoras de Moçambique, dados que interessam, relevantemente, a esse estudo.

Algumas Informações sobre as Autoras Moçambicanas				
Nome	Data de Nascimento	Provincia	Nível de Escolaridade	Obras ²⁰³
1. Amélia Margari da Matavele	08.12.1991	Maputo	Superior	<i>Xitshuketa</i> (2015)
2. Almica Ismael	25.06.1963	Maputo	Superior	<i>La casa di ricordi</i> (2009) <i>Casa de recordações</i> (2010) <i>Il racconto di Nadia</i> (2010) <i>Effimera Libertà</i> (2014) <i>Efêmera Liberdade</i> (2014)
3. Carla Soeiro		Cabo Delgado		<i>Entre Prosa e Poesia, Apenas Escrevia...</i> (2016)
4. Celina Sheila Macome		Maputo	Superior	Publicações em antologias
5. Clarisse Machanguana	1973	Maputo	Superior	<i>A Estrela, Luz da minha Alma</i> (2013)
6. Cláudia Constance	15.03	Maputo		<i>Uma Viagem na Asa da Poesia</i> (2005)
7. Cri Essencia	24.11	Maputo	Superior	<i>In Search of An Accepting Sea: the worst case scenario is my bes friend</i> (2016) <i>Em busca do mar certo</i> (2018)
8. Dama do Bling	25.10.1979	Maputo	Superior	<i>Diário de UMA Irreverente</i> (2008) <i>Melissa e o arco-íris.</i> (2011)
9. Donia Tembe	19.03. 1989	Maputo	Superior	<i>Antologia Poética Sonhos, Caminhos & Lutas</i> (2015)
10. Eliana Nzualo	15.04.1991	Maputo	Superior	<i>Antologia Poética Negras de Aqui, Negras de Lá</i> (2019)
11. Emília Alexandre	11.02.1993	Inhambane	Educação Básica	<i>Antologia Poética Negras de Aqui, Negras de Lá</i> (2019)

12. Emmy Xyx	1958	Tete	Superior	Espelho (2011) Contar ser gregos (2012) de Sol acções a Sol unções (2013) Escritas na mão do mar à ria (2015) Cada ver em vez de viver (2016)
13. Énia Lipanga	4.04.1977	Maputo		Publica nas redes sociais e em antologias
14. Eunice Matavele	3.09.1977	Maputo	Superior	Retalhos de uma vida (2013)
15. Fátima Langa	24.06.1953 + 24.06.2017	Gaza	Superior	Uma Jibóia no Congelador (2004) Vhembeleti e outros (2006) O rapaz e a raposa (2012) O coelho e a água (2012) O leão, a mulher e a criança (2014) O leão, a mulher e a criança (2015) A gazela, o cameiro e o coelho (2015) Ndinema e o final de ano (2015) Memórias de uma enfermeira (2016)
16. Felismina Velho	13.04.1965	Nampula	Superior	A menina de barro (2000) O professor gato e os seus alunos (2000) O galho e o mulharfe (2000) O cágado e o pombo (2000) Mocho Comi!!! Chilendela Maconde foi riscada do mapa
17. Henriqueta Macuácuá	29.09.1988	Maputo	Superior	Antologia Poética Sonhos, Caminhos & Lutas (2015)
18. Hironcina Joshua	31.05.1987	Maputo	Superior	Os Angulos da Casa (2016; 2017) Vácuos.
19. Isabel Ferrão		Nampula	Superior	Amar sobre um Leito de Preconceitos (2004)

20. Isabel Santos Gil	15.05.1964	Maputo	Superior	CantoPoemas sobre meninos e pássaros (2010)
21. Lica Sebastião	1963	Maputo	Superior	Poemas sem véu (2011) Ciclos da minha alma - Cidade, Sol e Vento (2015) terra, vento e fogo (2015)
22. Lídia Mussá			Superior	O Lado Oculto (2015)
23. Lília Momplé	19.03.1935	Nampula	Superior	Ninguém matou Suhura. Estórias que ilustram a História. (2009). Os olhos da cabra verde (1997) Neighbours (1999) Antologia de Contos. (2013)
24. Lina Magaia	1945 + 27.06.2011	Maputo	Superior	Dumba-Nengue: Histórias Trágicas do Banditismo (1987) Duplo Massacre em Moçambique: Histórias Trágicas do Banditismo II (1989) Delehta: Pulos na Vida (1994) Recordações da Vovó Marta (2011).
25. Maria Bernadete Cipriano Roque	20.07.1962	Tete	Superior	Rainha do Bem e a Escola de Iniciação - A Identidade (2008)
26. Melita Matsinhe	15.09	Inhambane	Superior	Ignição dos Sonhos (2017)
27. Nilzete Monteiro	14.10.1972	Nampula	Superior	50 poemas da Nilzete (2010)
28. Npaiy		Maputo		Em Contos (2016)
29. Noémia de Sousa	20.09.1926 +4.12.2002	Maputo	Educação Básica	Sangue Negro (2000; 2001)

30. Paulina Chiziane	04.06.1955	Gaza	Educação Básica	Balada de amor ao vento (1990; 2003) Ventos do apocalipse (1993; 1999; 2006) Niketche: uma história de poligamia (2002; 2004; 2009) O sétimo juramento (2000) O alegre canto da perdiz (2008; 2010) As heroínas sem nome - memórias de guerra e paz das mulheres em Angola. Coprodução com a escritora angolana Dya Kasembe. (2009) Quero ser alguém - histórias de crianças soropositivas (2010) Mão de Deus. (Coprodução com Maria do Carmo da Silva, 2012; 2016) As andorinhas (2013) Por quem vibram os tambores do além - biografia do curandeiro Rasta Pita (2013) Eu, mulher... por uma nova visão do mundo (2013) Ngoma Yethu: O curandeiro e o Novo Testamento (2015, em coautoria de Mariana Martins) O canto dos escravos (2017) O canto dos escravizados (2018)
31. Rinkel	1977	Inhambane	Ensino Superior	Almas Gêmeas (1998) Revelações (2006) Emoções e Abstracções (2011)
32. Rosa Isabel Maiôpué (Apuna)	18.01.1955	Nampula	Ensino Superior	Ela chamou ao cão. Omuyiye Alotche (Deixa Falar) (2007)
33. Rosa Langa		Gaza	Ensino Superior	Moçambique, Mulheres e Vida (2006) As Inconfidências dos Homens - Entrevistas (2008)
34. Sara Rosário		Nampula	Ensino Superior	A Sementinha que Veio do Saco de Sementes (2017)

36. Sónia Sultuane	04.03.1971	Maputo	Educação Básica	Sonhos (2001) Imaginar o poetizado (2006) No colo da lua (2009) A lua de N'weti (2014) Roda das encantações 2016; (2017) Celeste, a boneca com olhos cor de esperança (2017)
37. Tânia Teresa Tomé	11.11.1981	Maputo	Ensino Superior	Conversas com a sombra (2011) Agarra-me o sol por trás e conversas com a sombra (2010) Agarra-me o sol por trás (e outros escritos e melodias) (2010)
38. Tereza Xavier Coito	1983			Em Busca das Origens - Os benefícios da mudança (2015; 2018)
39. Virgília Ferrão	3.10.1986	Maputo	Ensino Superior	O Inspector de Xindizimila (2019) Romeu é Xincondo e a Julieta é Machangana (2005)

NOME	PUBLICAÇÕES
1. Amílca Ismael	La casa di ricordi. Roma, 2009. (Romance, Prosa). Casa de recordações. Maputo: Ndjira, 2010. (Coleção Ondas do Índico). (Romance, Prosa). Il racconto di Nadia. Roma, 2010. (Romance, Prosa). Effimera Libertà. Itália: Editora Youcanprint, 2014. (Romance Prosa). Efêmera Liberdade. Trad. João Manuel Pereira de Seixas. Lisboa: Editora Labirinto de Letras, 2014. (Romance, Prosa).
2. Carla Soeiro	Entre Prosa e Poesia, Apenas Escrevia... Maputo: Kwandiko Editora, 2016. (Poesia).
3. Clárisse Machanguana	A Estrela, Luz da minha Alma. Maputo: Texto Editores, 2013 (Autobiografia, Prosa). Kelóide, amigo e enigma de vida.

4. Dama do Bling	Diário de UMA Irreverente. Maputo, 2008. (Autobiografia Prosa). Melissa e o arco-iris. Maputo: Ed. Ndjira, 2011. (Coleção, Palavra Encantada). (Contos, Literatura Infantil).
5. Donia Tembe	Antologia Poética. BARGA, Alex; INACIO, Stélio. Sonhos Caminhos & Lutas. Maputo: MOLIJU, 2015.
6. Emília Alexandre	Antologia Poética. BARGA, Alex; INACIO, Stélio. Sonhos Caminhos & Lutas. Maputo: MOLIJU, 2015.
7. Eunice Matavele	Retalhos de uma vida. Maputo: AEMO, 2013. (Autobiografia Prosa).
8. Fátima Langa	Uma Jiboia no Congelador. Maputo: Imprensa Universitária 2004. (Contos, Literatura Infantil). Vhembeleti e outros. Maputo: CIEDIMA, 2006. (Contos Literatura Infantil). O rapaz e a raposa. Maputo: Editora Alcance editores, 2012 (Contos, Literatura Infantil). O coelho e a água. Maputo: Editora Alcance editores, 2012 (Contos, Literatura Infantil). O leão, a mulher e a criança. Maputo: EMUJOMO, 2016 (Contos, Literatura Infantil). O galo e o coelho. Maputo: EMUJOMO, 2015. (Contos Literatura Infantil). A gazela, o carneiro e o coelho. Maputo: EMUJOMO, 2015 (Contos, Literatura Infantil). Ndinema e o final de ano. Maputo: EMUJOMO, 2015. (Contos, Literatura Infantil). Fátima. Memórias de uma enfermeira. Maputo: EMUJOMO 2016. (Prosa, Biografia).
9. Felismina Velho	A menina de barro. Maputo: Editora Ndjira, 2000. Coleção Muana. (Contos, Literatura Infantil). O professor gato e os seus alunos. Maputo: Editora Ndjira, 2000. Coleção Muana. (Contos, Literatura Infantil). O galho e o mulharfe. Maputo: Editora Ndjira, 2000. Coleção Muana. (Contos, Literatura Infantil). O cágado e o pombo. Maputo: Editora Ndjira, 2000. Coleção Muana. (Contos, Literatura Infantil). Mocho Comi!!! Maputo: Promedia. (Contos, Literatura Infantil). Chilendela Maconde foi riscada do mapa. Maputo: Editora Ndjira. (Contos, Literatura Infantil).
10. Henriqueta Macuácuá	Antologia Poética. BARGA, Alex; INACIO, Stélio. Sonhos, Caminhos & Lutas. Maputo: MOLIJU, 2015.
11. Hiredina Joshua	Os Ângulos da Casa. Maputo: Fundação Leite Couto, 2016. (Poesia). Os Ângulos da Casa. Guaratinguetá, SP: Penalux, 2017. (Poesia). Vácuos.
12. Isabel Ferrão	Amar sobre um Leito de Preconceitos. Maputo: Editora Ndjira, 2004. (Prosa).

13. Isabel Gil	CantoPoemas sobre meninos e pássaros. Maputo: Alcance editores, 2011. (Poesia).
14. Lica Sebastião	Poemas sem véu. Maputo: Alcance editores, 2011. (Poesia). Ciclos da minha alma - Cidade, Sol e Vento. Lisboa: Editora Chiado, 2015. (Autobiografia, Prosa). de terra, vento e fogo. São Paulo: Kapulana editora, 2015. (Série Vozes D'África). (Poesia).
	Editora Chiado, 2015. (Autobiografia, Prosa). de terra, vento e fogo. São Paulo: Kapulana editora, 2015. (Série Vozes D'África). (Poesia).
15. Lídia Mussá	O Lado Oculto. Maputo: Fundac, 2015. (Entrevistas, Prosa).
16. Lília Momplé	Ninguém matou Suhura. Estórias que ilustram a História. Contos. 2 Ed. Maputo: Edição da autora, 1999. Os olhos da cabra verde, Contos. 2 ed. Maputo: AEMO, 1999. Neighbours. Romance. 2 ed. Maputo: AEMO, 1996. Coleção Karingana, n. 7. Antologia de Contos. Todos os homens nascem iguais - o difícil é recordar disso. Maputo: AEMO, 2013.
17. Lina Magaia	Dumba-Nengue: Histórias trágicas do Banditismo. Maputo, 1987. (Prosa). Duplo Massacre em Moçambique: Histórias trágicas do Banditismo II. Maputo, 1989. (Prosa). Delehta: Pulos na Vida. Maputo, 1994. (Prosa). Recordações da Vovó Marta. Maputo, 2011. (Biografia, Prosa).
18. Maria Bemadete Cipriano Roque	Rainha do Bem e a Escola de Iniciação - A Identidade. Vol II. Maputo: CEDE, 2008. (Coleção Aventuras na Tradição). (Prosa).

19. Nilzete Monteiro	50 Poemas da Nizete. Maputo: AEMO, 2010.
20. Noémia de Sousa (Vera Micaia)	Sangue Negro. Poesias. 2 ed. Maputo: Marimbique, 2011.
21. Npaiy	NPAIY. Em Contos. Maputo: Edição da autora, 2016.
22. Paulina Chiziane	Balada de amor ao vento. Lisboa: Caminho, Prosa, 2003. Ventos do apocalipse. Lisboa: Caminho, Prosa, 2006. O sétimo juramento. Lisboa: Caminho, Prosa, 2000. Niketche: uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. O alegre canto da perdiz. Maputo: Ndjira, 2010. As heroínas sem nome - memórias de guerra e paz das mulheres em Angola. Luanda: Editorial Nzila, 2009. Mão de Deus. Maputo: Matiko Editora, 2016. As andorinhas. Contos. Belo Horizonte: Nandyala, 2013. Por quem vibram os tambores do além - biografia do curandeiro Rasta Pita. 2013. Eu, mulher... por uma nova visão do mundo. Belo Horizonte: Nandyala, 2013. Ngoma Yethu: O curandeiro e o Novo Testamento. Maputo: Matiko Editora, 2015. O Canto dos Escravos. Maputo: Matiko e Arte, Lda, 2017. (Poesia). O Canto dos Escravizados. Belo Horizonte: Nandyala, 2018. (Poesia).
23. Rosa Isabel Maiôpê (Apuna)	Ela chamou ao cão. Omuyiye Alotche (Deixa Falar). Maputo: Imprensa Universitária, 2007. (Crônicas, Prosa).
24. Rosa Langa	Moçambique, Mulheres e Vida. Maputo: edição da autora, 2006. (Entrevistas, Prosa). As Inconfidências dos Homens - Entrevistas. Maputo: edição da autora, 2008.
25. Sara Rosário	A Sementinha que Veio do Saco de Sementes. Maputo: Alcance Editores, 2017. (Conto, Literatura Infantil).
26. Sónia Sultuane	Sonhos. Maputo: AEMO, 2001. Imaginar o poetizado. Maputo: Ndjira, 2006. No colo da lua. Africa do Sul: Edições da Autora, 2009. A lua de N'weti. Lisboa: Editorial Novembro, 2014. Roda das encarnações. Maputo: Fundação Fernando Leite Couto, 2016. Celeste, a boneca com olhos cor de esperança. Lisboa: EDITORA, 2017. Roda das encantações. São Paulo: Editora Kapulana, 2017.
27. Tânia Tomé Teresa	Agarra-me o sol por trás (<i>e outros escritos e melodias</i>). Maputo: CIEDIMA, 2010, Poesia. Agarra-me o sol por trás. (<i>e outros escritos e melodias</i>). São Paulo: Editora Escrituras, 2010. (Coleção Ponte Velha). Conversas com a sombra (Showesia, 2011)

Escritoras de Moçambique (sem acesso às obras)

NOME	PUBLICAÇÕES
1. Amélia Margarida Matavele	Xitshuketa (2015)
2. Celina Sheila Moisés Macome	Embarque na Escrita Poética (2017)
3. Cláudia Constance	Uma Viagem na Asa da Poesia. (2005)
4. Cri Essencia	In Search of An Accepting Sea: the worst case scenario is my bes friend (2016) Em busca do mar certo (2018)
5. Eliana Nzualo	Antologia Poética Negras de lá, Negras daqui (2019)
6. Emmy Xyx	Espelho (2011) Contar ser gregos (2012) de Sol acções a Sol unções (2013) Escritas na mão do mar à ria (2015) Cada ver em vez de viver (2016)
7. Enia Lipanga	
8. Hironcina Joshua	Os Ângulos da Casa (2016; 2017)
9. Melita Matsinhe	Ignição dos Sonhos (2017)
10. Rinkel	Almas Gêmeas (1998) Revelações (2006) Emoções e Abstracções (2011)
11. Tereza Xavier Coito	Em Busca das Origens - Os benefícios da mudança (2015; 2018)
Virgília Ferrão	O Inspector de Xindizimila (2019) Romeu é Xincondo e a Julieta é Machangana (2005)

POSFÁCIO

CARTOGRAFIAS EM CONSTRUÇÃO: algumas escritoras de Moçambique

Maria de Lourdes Reis

O espírito coletivo desta obra apreende fulguras e expressões, ao mesmo tempo, admiráveis e pregnantes de fatos literários, revelando, ou não, a faculdade de ver o fenômeno mais íntimo e mais anódino da vida cotidiana.

A Literatura, aqui nesta obra, como parte da história e mestra da vida, é, em última análise, a experiência acumulada pelo tempo. Este livro apresenta uma elevada soma de vivências para várias pessoas de todas as partes do mundo. As escritas das mulheres moçambicanas e suas questões complexas e árduas, muitas vezes, desalentadoras e, ao mesmo tempo, esperançosas, não prescindem somente do vivido recitado ou contado. Elas procuram associar as sintaxes literárias às suas existências e historicidades, de modo unívoco, sem entrar em pormenores, que se figura na importância de ler e ver os dois lados da moeda: a cria e a autora. Como o início da vida ao, deixar o corpo da mãe, ou seja, a autora e o assunto, sobre o qual ela se pronuncia, estão presentes em suas palavras literárias.

As partes desse magnífico trabalho evidenciam a similitude de temáticas que dialogam entre si como desfila em todo o texto. Os dados biográficos das autoras, descritos neste livro, denotam que autoras moçambicanas, ao escrever, carregam estigmas, experiências, pertencimento e relacionamentos inter-raciais, culturais, demonstrando, por vezes, mitos que se atribuem ao corpo feminino em Moçambique e pelo mundo a fora.

Esta obra tem expressa demonstração de traços emocionais, biográficos, socioculturais e também reflexões, dando-nos a conhe-

cer realidades e construções e sentidos de mundos outros desconhecidos por alguns indivíduos. Indubitavelmente, nesta obra, estão registrados o brilhantismo e o protagonismo de escritoras moçambicanas. Elas, algumas ainda muito jovens, possuem um bom, criativo e interessante potencial, como demonstrado neste livro, para desenvolver ainda mais as suas vertentes literárias, utilizando a caneta, seu pensar, viver e o seu imaginário como uma plataforma de escrita.

Paris, Maio de 2019.

Bibliografia consultada

Antologias

ALBUQUERQUE, Orlando; EVARISTO, Víctor. **Poesia em Moçambique**. Lisboa: CEI, 1951.

ANDRADE, Mario Pinto de. **Antologia da poesia africana 1. Na noite grávida de punhal**. Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Angola, São Tomé e Príncipe e Moçambique. Lisboa: Sá da Costa editora, 1967. (Coleção Vozes do mundo).

_____, Mario Pinto de. **Antologia da poesia africana 1. Na noite grávida de punhal**. Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Angola, São Tomé e Príncipe e Moçambique. 2 ed. Lisboa: Sá da Costa editora, 1975. (Coleção Vozes do mundo).

_____, Mario Pinto de. **Antologia da poesia africana 1. Na noite grávida de punhal**. Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Angola, São Tomé e Príncipe e Moçambique. 3 ed. Lisboa: Sá da Costa editora; Praia, Cabo Verde: Instituto cabo-verdiano do livro, 1980. (Coleção Vozes do mundo).

_____, Mario Pinto de; TENREIRO, Francisco José. **Poesia negra de expressão portuguesa**. Lisboa, 1953.

_____, Mário Pinto de. **Antologia temática de poesia africana**. Lisboa, 1976.

BARGA, Alex; INÁCIO, Stélio. **Sonhos, Caminhos & Lutas**. Maputo: MOLIJU, 2015.

CARVALHO, Sol; MENDES, Orlando. **A palavra é lume aceso**. Revista Tempo. 1980.

CASA DE MOÇAMBIQUE. **Poesia revolucionária de Moçambique**. Casa de Moçambique, 1974.

CHINSKAIA, N. I. Tul. **Uzliadom sertsya (Olhando pelo coração)**. Trad. Lídia Nekassova Moscovo. 1961.

DIJK, Bertus. **Viuer em ritme**. (Fogo e ritmo). Amsterdã, 1969.

FERREIRA, Manuel; MIRANDA, Nuno. **Estudos ultramarinos**. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império (CEI), 1959.

_____, Manuel. **50 Poetas africanos**. Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe. Lisboa; Plátano Editora, 1989.

_____, Manuel. **No reino de Caliban I**. Antologia panorâmica da poesia africana de língua portuguesa. Cabo Verde e Guiné-Bissau. Vol I. Lisboa: Seara Nova, 1975.

_____, Manuel. **No reino de Caliban II**. Antologia panorâmica da poesia africana de língua portuguesa. Angola e São Tomé e Príncipe. Porto: Plátano editora, 1976.

_____, Manuel. **No reino de Caliban III**. Antologia Antologia panorâmica da poesia africana de língua portuguesa. Moçambique. Porto: Plátano editora, 1986.

_____, Manuel (Org.). **Antologia poética da Guiné-Bissau**. Lisboa: Editorial Inquérito Limitada, 1990.

_____, Manuel; TENREIRO, Francisco; ANDRADE; Mario Pinto de. **Poesia negra**. Lisboa: Editor África - Literatura, arte e cultura, 1982.

GIOVELLI, Filomena; SANTOS, Leomara. **O amor tem asas de ouro**. Antologia. 2005.

IMPÉRIO, Centro de Estudantes do. **Poetas de Moçambique**. Antologia. Lisboa: CEI, 1962.

JOAHN, Janheinz; NOED-MANH, Almut. **Who's who in african literature**. Tübingen, 1971.

NEVES, João Alves da. **Poetas e contistas africanos de expressão portuguesa**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1963.

OROVÁ, Jamila; KILMA, E. V. **Moderns literatures of subsharian Africa**. Praga: 1969.

PRÁUZOVA, Helena. **Poèziia bor'by (A poesia da luta)**. Moscú, 1976.

SAÚTE, Nelson; MENDONÇA, Fátima. **Antologia da nova poesia moçambicana**. (1975-1988). 1989.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó (Org.). **Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa**. Luanda, 2000. (Coleção Ciências Humanas e sociais. Série Águas e Literaturas, nº 2.).

TAVANI, Giuseppe de. **Poesia africana di rivolta**. Bari, 1969.

TENREIRO, Francisco José. **I caderno de poesia negra de expressão portuguesa**. Lisboa, 1953.

_____, Francisco José. **Antologia de poesia negra de expressão portuguesa**. Lisboa, 1958.

ZIMA, Peti; KAREL, Vladimir Klima; RUZICKA. **Literature Cerné Afriky (Literatura África Negra)**. Praga, 1972.

Estudos

APA, Lúvia; CHAVE, Rita; LEITE, Ana Mafalda; OWEN, Hilary. **Nação e Narrativa Pós-Colonial I**. Angola e Moçambique. Ensaíos. Lisboa: Colibri, 2012.

ARAÚJO, Maria Manuela. **Diálogos literários entre a África e os E.U.A. no despertar dos nacionalismos africanos**. Lisboa: Ed. Colibri, 2010.

BASTOS, Mario-Benedita (Org.). **Enjeux littéraires et construction d'espaces démocratiques em Afrique Subsharienne**. Paris: Centre d'études africaines, 2007.

BERNARD, Emery. **Taira**. Revue du Centre de recherche et l'études lusophones et intertropicales. Crelit, n.9. Université Stendhal, Grenoble, 1987.

CHABAL, Patrick; AUGEL, Moema Parente; BROKSHAW, David; LEITE, Ana Mafalda; SHAW, Caroline. **The postcolonial literature os lusophone Africa**. London: Hurst @ Company, 1996.

CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique**. Experiência Colonial e Territórios. Cotia, SP: Atielê editorial, 2005.

FONSECA, Maria Nazareth. **Literaturas Africanas de Língua Portuguesa**. Percursos da memória e outros trânsitos. Belo Horizonte: Veredas @ Cenários, 2008.

_____, Maria Nazareth. **Contornos de nações literárias no universo da "falaescrita"**. In: SCRIPTA. Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e CESPUC. V. 1, n. 2, Belo Horizonte, 1998.

GALE, Ana Maria Martinho. **The protean web literature and ethnographe in lusophone Africa**. Lisboa: Ed. Colibri, 2011.

GODINHO, Maria Luíza; ROSÁRIO, Lourenço do. **Conto Moçambicano**. Da oralidade à escrita. Rio de Janeiro: Te Corá, 1994.

LARANJEIRAS, Pires. **Ensaio afroliterários**. 2. Ed. Lisboa: Novo Imbondero, 2005. (Estudos e Documentos).

_____, Pires. **Literatura Calibanesca**. Porto: edições Afrontamento, 1985.

LEITE, Ana Mafalda. **A poética de José Craveirinha**. Lisboa: Vega, 1991.

_____, Ana Mafalda. **A modalização épica nas literaturas africanas**. Lisboa: Vega, 1995.

_____, Ana Mafalda. **Oralidades & escritas nas literaturas africanas**. 1998.

_____, Ana Mafalda. **Literaturas africanas e formulações pós-coloniais**. 2003.

_____, Ana Mafalda. **Ensaio sobre Literaturas Africanas**. Maputo: Alcance editores, 2013.

MARTINHO, Ana Maria Mão-de-Ferro. **Contos de África escritos por mulheres**. Évora: Pendor Editorial, 1994.

MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcanti. **A mulher em África**. Vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Colibri, 2007.

_____, Inocência. **As vozes femininas na literatura africana**. O rosto da expansão portuguesa. Lisboa: Comissão para Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1995.

_____, Inocência. **Pelos trilhos da literatura africana em língua portuguesa**. Cadernos do povo. Ensaio. Pontevedra-Braga, 1992.

MENDONÇA, Fátima. **Literatura moçambicana**. A história e outras escritas. Maputo: UEM, 1985.

_____, Fátima. **Literatura moçambicana**. A escrita em dobras. Maputo: Ndjira, 2011.

MENESES, Maria Paula; RIBEIRO, Margarida Calafate. (Org.). **Moçambique das palavras escritas**. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

MESTRE, David. **Lusografias crioulas**. Évora: Pendor, 1997.

MOTTA, José Ferraz. **Literatura moçambicana dos séculos XIX e XX**. Braga: APPACDM, 2004.

NOA, Francisco. **A escrita infinita**. Ensaios sobre a literatura moçambicana. Maputo: Ndjira, 2013. (Coleção Horizonte da Palavra).

_____, Francisco. **Império, Mito e Miopia**: Moçambique como Invenção Literária. Lisboa: Editorial Caminho, 2012.

_____, Francisco. **Uns e Outros na Literatura Moçambicana**. São Paulo: Kapulana Editora, 2015.

PEREIRA, João Carlos Vitorino. **L'Afrique lusophone post-coloniale**. Lion: Édititions des archives contemporaines. Portugal: Instituto Camões, 2012.

RIBEIRO, Margarida Calafate; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Moçambique**. De palavras escritas. Porto: Afrontamento, 2008.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro; LEMOS, Virgílio de. **Breve antologia da poesia escrita em Moçambique (1944-1963)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Faculdades, Letras, UFRJ, 1999.

SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa (Org.). **África & Brasil**. Letras em laço. Rio de Janeiro: Ed. Atlântica, 2000.

VECCHIA, Rejane; MACEDO, Tania; CHAVES, Rita. **A Kinda e a mus-sanga**. Encontros brasileiros com a literatura de Angola. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda: Nzila, 2007.

VENÂNCIO, José Carlos. **Literatura e poder na África lusófona**. Lisboa: Ministério de educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.

Entrevistas

CHABAL, Patrick. **Vozes moçambicanas**. Literatura e Nacionalidade. Entrevistas. Lisboa: Vega, 1994. (Palavra africana).

LEITE, Ana Mafalda; KHAN, Sheila; FALKONI, Jéssica; KRAKOWSKA, Kamila (Org.). **Narração e narrativa pós-colonial I**. Angola e Moçambique. Entrevistas. Lisboa: Colibri, 2012.

Este livro resulta da pesquisa “A Literatura de Autoria Afro-feminina em Moçambique e na Bahia-Brasil” desenvolvida no estágio pós-doutoral (2016-2017). Esta obra apresenta trinta autoras de Moçambique, acompanhadas de dados biográficos, resultado da varredura inicial, bem como breves apresentações sobre suas produções literárias, também seguidas de concisas leituras-interpretativas. Há também a menção a algumas autoras portuguesas em Moçambique, encontradas no percurso da pesquisa, e um abreviado dossiê das trilhas de estudo.

ISBN 978-85-5971-107-3



Editora UFRB